

PROCESSO Nº 42666

ANO 2001

19813



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

**Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico,
Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT**

42666

PROCESSO Nº

INTERESSADO:	<i>FLAVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES</i>
PROCEDÊNCIA:	<i>CAPITAL</i>
DATA:	<i>28/12/2001</i>
REPARTIÇÃO:	
Nº DE ORDEM DO PAPEL:	
ASSUNTO:	<i>Estudo de Tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista, nº 2073 - Capital.</i>

SECRETARIA DA CULTURA

CONDEPHAAT

SOLICITAÇÃO DE TOMBAMENTO

GUICHÊ N.º 00793

INTERESSADO - *FLÁVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES*

DATA - *06/09/2001*

DESCRIÇÃO - *ESTUDO DE TOMBAMENTO DO CONJUNTO NACIONAL, SITUADO NA AV. PAULISTA, Nº 2.073 - CAPITAL.*

PROPRIETÁRIO

LOCALIZAÇÃO - *CAPITAL*



02/11

Do

Número

Ano

Rubrica

CONJUNTO NACIONAL

A Diretoria Técnica

Já há um bom tempo temos sido o arquiteto responsável pela emissão de pareceres técnicos de processos relativos a imóveis na região da Avenida Paulista, que consta atualmente com 5 bens culturais tombados por este Condephaat. São eles: o Colégio Rodrigues Alves e o conhecido casarão das Rosas, ambos projetados pelo escritório do arquiteto Ramos de Azevedo; o casarão localizado no número 1919, antiga propriedade de René Thiollier; o Parque Tenente Siqueira Campos, o Trianon, e, finalmente, o Museu de Arte de São Paulo, o MASP. Entre estes imóveis apenas o MASP, a partir dos anos 50, revela-se como uma importante edificação da Avenida Paulista, já consagrada como um dos mais importantes eixos de desenvolvimento da cidade. Os outros demais imóveis acima referidos destacam-se por constituírem-se em remanescentes da primeira ocupação da Avenida, quando predominavam os casarões residenciais da aristocracia paulistana do início do século XX.

O tombamento do MASP se deveu sobretudo ao seu valor enquanto obra emblemática de arquitetura e de engenharia, dos anos 50 e 60, entre outros méritos igualmente significativos, ligados diretamente à sua função como edifício que abriga um dos mais importantes acervos de obras de arte do mundo.

Diante desse quadro, entendemos constituir-se bastante oportuno considerar também outros edifícios importantes existentes na Avenida, do período pós anos 50, que de alguma maneira, refletem a evolução da arquitetura paulistana nas mais diversas linguagens aqui produzidas. Entre esses edifícios, gostaríamos de destacar o edifício do Conjunto Nacional, que acreditamos constituiu-se num desses edifícios mais representativos do período.

Assim, gostaríamos de solicitar a abertura de estudos de tombamento do edifício do Conjunto Nacional, como a forma mais adequada para situarmos sua importância no contexto da produção arquitetônica do período, assim como, verificar a possibilidade da sua inclusão no conjunto de bens culturais reconhecidos pelo Estado.



03/11

Do

Número

Ano

Rubrica

CONJUNTO NACIONAL

1. Introdução.
2. O histórico do processo de aprovação na Prefeitura.

1. Introdução.

Considerado uma antevisão dos shopping-centers atualmente espalhados pela cidade, constitui-se o edifício do Conjunto Nacional um dos mais significativos exemplares da arquitetura moderna em São Paulo.

Construído pelo empresário de rede hoteleira José Tjurs e projetado pelo arquiteto David Libeskind, o edifício ocupa todo o quarteirão em que está situado e, inicialmente, pensava-se nele destinado a um uso exclusivamente de hotel.

O edifício tem uma composição estruturada basicamente em dois grandes blocos. Um deles, no sentido horizontal, que ocupa toda a área disponível do quarteirão e, um outro, vertical, apoiado sobre o primeiro e recuado da avenida 72 metros, dividido em 3 torres contíguas de 25 pavimentos.

O arquiteto David Libeskind numa recente entrevista dada a uma revista¹ descreve dessa forma o processo em que se deu a construção do edifício assim como a concepção do projeto arquitetônico:-

"Em 1957, eu tinha 25 anos, era recém formado em arquitetura em Belo Horizonte. Ouvi dizer que estava havendo um concurso fechado para um projeto de construção num grande terreno da Avenida Paulista. Procurei o proprietário, Sr. José Tjurs, e ele me disse, em tom de brincadeira, que eu tinha o prazo de uma semana para apresentar alguma proposta.

Eu estava sempre lendo publicações estrangeiras e sabia que nos Estados Unidos, naquela época, estavam sendo construídos muitos centros comerciais. Propus a idéia de uma construção que combinasse uma parte horizontal, para lojas, com um jardim suspenso e uma lâmina vertical, para apartamentos. E acho que foi por isso que ele gostou e me escolheu.

¹ Revista Goodyear - Edição especial de fim de ano: Avenida Paulista: O futuro faz cem anos. - "Quando o concreto soterra os sonhos". Entrevista concedida a Marta Góes. Out/Nov/Dez - 1991, pp. 30-31



Do

Número

Ano

Rubrica

O Tjurs não sabia exatamente o que pretendia. Foi mudando de idéia à medida que a construção avançava. Pensou num hotel, mas teve problemas com a Prefeitura. Pensou em apartamentos residenciais e acabou também fazendo uma ala comercial. Me lembro uma vez que ele disse o seguinte: "Eu quero fazer da Paulista a 5a Avenida brasileira. As famílias desses barões que moram aqui hoje ainda vão me pagar royalties pela valorização dos terrenos". Era um homem muito ousado, muito inteligente, embora quase analfabeto, que começou a vida como motorista de praça.

Para mim, de qualquer maneira, foi uma surpresa enorme. Eu não tinha nem escritório para trabalhar e morava numa pensão na General Jardim.

O Conjunto Nacional foi assunto de reportagens nas principais publicações especializadas, em todo o mundo. A Architecture Aujourd'hui me incluiu entre as revelações da arquitetura, numa edição de 1960.

Muito do meu projeto foi desvirtuado. O jardim suspenso nunca foi feito, em função do interesse de se vender sempre mais uma área. O que , hoje o Cine Art, que era o Cine Rio, foi projetado para ser um teatro.

Por algum tempo eu resisti, acompanhei a construção, mas depois perdi o controle, tanto que nem gostava mais de ir lá. Agora, recentemente, que a Dra. Vilma Peramezza, (síndica do Conjunto Nacional) andou me fazendo umas consultas, pedindo umas idéias. Como ela está fazendo um trabalho muito sério por lá, eu fui."

O projeto de arquitetura, desde a sua concepção inicial, passou por muitas modificações nos anos seguintes, fato que resultou na abertura de vários processos administrativos para a sua aprovação na Prefeitura Municipal. Dentre todos os processos, interessante destacarmos alguns deles para se ter uma idéia do grande percurso realizado pelos empreendedores até a construção do edifício.



Do

Número

Ano

Rubrica

2. O histórico do processo de aprovação na Prefeitura.

O primeiro desses processos² se deu em janeiro de 1953, cuja peça inicial solicitava a aprovação de um projeto de construção de um "edifício de hotel, apartamentos e lojas, em um terreno situado na Avenida Paulista, esquina da rua Augusta, de propriedade do Sr. José Tjurs", que assinava em nome de "HOTÉIS REUNIDOS S/A HORSÁ". Neste processo, os arquitetos responsáveis pelo projeto da construção eram Gregori Warchavchik e Salvador Candia.

Nesse projeto arquitetônico, em particular, previa-se uma área de construção de 100.214,04 m² num terreno medindo 123,45 metros de frente (Avenida Paulista) e 118,60 metros de fundo (Rua Augusta).

Para realizar as avaliações necessárias do projeto apresentado, a Prefeitura Municipal formou uma Junta Consultiva, em razão da natureza do empreendimento que na época fugia as normas de ocupação estabelecidas para o local. Nessa Junta, o arquiteto Rino Levi, chamado a emitir um juízo a respeito do assunto e, após a sua análise, tece uma série de considerações favoráveis ao projeto. Após outras manifestações, igualmente favoráveis, a Junta decide pela aprovação do projeto apresentado, sob o alvará no 66.577, de 17 de abril de 1953, que dizia o seguinte: - "permite-se construir três prédios, destes, dois com sub-solos, atico e 23 pavimentos para uma loja, um restaurante, 289 apartamentos e hotel, e um para "magazin" com dois sub-solos e dois pavimentos, a Rua Augusta nos 1.825 e 1.849, Rua Padre João Manoel no 122, Avenida Paulista e Alameda Santos. área Total: 100.214,04 m². Autores do projeto: Gregori Warchavchik e Salvador Candia".

Este alvará foi posteriormente revalidado pelo alvará no 67.684 de 16 de maio de 1953 que contemplava as mesmas condições do anterior mais a permissão para construção do hotel.

Não obstante o projeto de arquitetura ter obtido deliberação favorável, o então Prefeito Jânio Quadros, resolve cassar a alvará concedido, com base em irregularidades constatadas na tramitação do processo e, certamente, influenciado por pressões contrárias havidas no decorrer do processo quanto às alterações ocorridas em relação ao novo uso.

Em 07 de julho de 1955, o interessado do empreendimento, Hotéis Reunidos S.A., retorna a Prefeitura com o propósito de solicitar nova apreciação do projeto de

² Processo nº 010.150/53. Prefeitura Municipal de São Paulo. Divisão de arquivo. Freguesia do Ó.



Do

Número

Ano

Rubrica

arquitetura, com base no seguinte arrazoado fornecido a Prefeitura:- "em 10 de maio de 1954, devido a uma interpretação de lei, foi cassado pelo então Prefeito, o citado alvar, originando a paralisação das obras já iniciadas enormes prejuízos a requerente" e, dizia, ainda, "revalidado o alvar em apreço, por despacho do Chefe do Executivo, publicado no Diário Oficial do Estado, em 15 de janeiro de 1955, tendo em vista a promulgação da lei no 4.589, viu-se a requerente impossibilitada de executar o primitivo projeto, passada que foi a época de previsão orçamentária, face aos entendimentos das casas de crédito, acrescida com os prejuízos subseqüentes a paralisação imposta, que impediu a realização na época oportuna daquele primitivo plano, em decorrência do projeto aprovado pela própria Prefeitura. Assim sendo, esta empresa foi obrigada a determinar a feitura de novo projeto, que apresenta a V. Excia. em sete vias, solicitando a V. Excia. se digne mandar substituir pelas plantas aprovadas, sendo que a nova construção tem 99.844 m2, portanto sem acréscimo de área construída."

Já neste processo, em 1955 portanto, o requerente declara que o autor do projeto, o arquiteto David Libeskind, sendo a construtora responsável pelas obras a "CONSTRUTORA WARCHAVCHIK & NEUMANN LTDA". A Prefeitura, após suas avaliações, decide pela aprovação do processo substitutivo sob alvará no 106.973 de 16 de novembro de 1955.

Após a tramitação e aprovação deste último processo, os proprietários apresentaram vários outros projetos de arquitetura à Prefeitura Municipal em razão das seguidas alterações do programa de necessidades e uso havidas no decorrer da construção do edifício. Para se ter uma idéia destas alterações, comparemos aquele primeiro alvará que mencionamos acima com o de 13 de janeiro de 1963:

"A vista do despacho exarado no processo 40.425/61, nos termos da lei 5.717/60, , apostilado este alvar 155.929/59, de 11 de dezembro de 1959, processo 217.348/58, em nome de HORSIA IMOBILIÁRIA S/A., para: substituir planta aprovada sem aumento de área, para prédio em 3 blocos, de 27 pavimentos, 2 sub-solos e tico para 1 teatro, 1 cinema, 1 instituto de fisioterapia, 1 restaurante, 65 lojas, e 1.078 salas para escritórios, com modificação total para o bloco da esquerda do conjunto que foi transformado de hotel em prédio de escritórios, a Al. Santos 2.152, Rua Augusta 1.771, ..., 1.835, Avenida Paulista 2.011, ..., 2.125 e Rua Padre João Manoel 40, 68 e 100. Zona: Urbana. Firma Projetista e Construtora: Libeskind & Schainberg Ltda. Responsável Técnico: David Libeskind. Firma Construtora:



Do

Número

Ano

Rubrica

Construtora Warchavchik & Neumann Ltda. Responsável Técnico:
Gregori Warchavchik. 13 de fevereiro de 1963."

Nesse alvará pode-se verificar a desistência por parte dos proprietários na construção do hotel para assumir definitivamente o uso de escritórios. Essa alteração foi motivada, segundo diz o arquiteto David Libeskind, pelo reconhecimento dos proprietários em adequar o prédio ao panorama em que vinha se consagrando a Avenida Paulista já naquela época, por meio das rápidas transformações em sua estrutura urbana, quando perdia o uso tradicionalmente residencial dos anos anteriores.

Outras tramitações foram ainda acusadas sobre o edifício, em razão de alterações

3. O arquiteto David Libeskind.

Nascido em Ponta Grossa, no Paraná, mas criado em Belo Horizonte, Minas Gerais, David Libeskind, formou-se em arquitetura pela Universidade de Minas Gerais, em 1952. Ainda estudante, ganhou o primeiro prêmio no Congresso Nacional de Estudantes de Arquitetura, em Salvador, na Bahia.

Ansioso por enfrentar novos desafios e por melhores possibilidades de trabalho, mudou-se para São Paulo logo depois de formado, onde inicialmente encontrou algumas dificuldades para conseguir emprego. Após algum tempo, já empregado, realiza seu primeiro projeto de arquitetura, um posto padrão de puericultura para a Liga Brasileira de Assistência, seguindo-se imediatamente os projetos para o conjunto residencial da Refinaria de Petróleo de Capuava e um prédio de apartamentos na Avenida São João. Logo depois, assume a responsabilidade de projetar o Conjunto Nacional.

Outro dado em relação ao prédio, interessante para se destacar, refere-se à construção dos seus dois grandes sub-solos. Destinados ao estacionamento de veículos, e previstos desde a primeira fase do projeto arquitetônico, revelam a grande capacidade de visão dos idealizadores do empreendimento em relação ao trânsito da cidade. Projetados para 700 veículos e com uma capacidade para receber até 900, os acessos são feitos pela Rua Padre João Manoel e pela Alameda Santos. Por muito tempo, em um deles funcionou um posto de gasolina Esso, e isso só foi possível graças a pouca movimentação de veículos que se utilizavam deste serviço nos anos iniciais, bastante diferente do que acontece atualmente.



08/11

Do

Número

Ano

Rubrica

Em virtude da grande dimensão do prédio, sua ocupação se deu de forma gradual; isto é, a medida em que as obras terminavam, partes do edifício eram liberadas para a ocupação. Por isso, nunca houve uma inauguração de fato do empreendimento como um todo. Assim, as primeiras atividades com condições adequadas que se utilizaram do prédio do Conjunto Nacional foram as comerciais, previstas para o bloco horizontal. Uma delas foi o famoso restaurante Fasano em 1957. Primeiramente foi inaugurada a confeitaria que ocupava uma loja nesse bloco, no térreo. No ano seguinte, no primeiro e segundo andares da sobreloja, começaram a funcionar o Salão de Festas e o Jardim de Inverno. Fabrizio Fasano descreve como se deu esse começo³:

"Na véspera da inauguração do Restaurante Fasano passamos a noite lá, arrumando as últimas coisas, e às cinco da manhã abrimos as portas e demos por inaugurado. E ficamos ali, as luzes acesas, tomando um aperitivo, quando um furgãozinho de padeiro, aqueles forquinhos ingleses que os padeiros tinham, parou na porta. O padeiro, começando a entrega, viu as luzes e foi ver o que era. Oferecemos um aperitivo, ele aceitou; oferecemos outro, ele aceitou e depois mais outro. Resultado: acabou tomando um fogo, e aquela manhã ninguém recebeu pão.

O Conjunto Nacional era uma área linda, com as calçadas enormes e os corredores amplos. Não era como hoje, cheio de lojinhas. Eu me lembro de sentir cheiro de cal, de cimento, nos corredores, porque por muito tempo nós convivemos com a obra. O térreo já estava funcionando, mas o prédio estava sendo construído. No começo éramos só nós, e logo depois começou também a funcionar uma locadora de automóveis, a Auto Drive; o Rinaldi, floricultor, e uma barbearia, o Salto Nacional, que está lá até hoje, onde eu cortava o cabelo semanalmente.

As pessoas me diziam: "Seu pai, louco de abrir um restaurante ali." A Paulista era inteira residencial. A Paulista e a Brasil eram as avenidas das grandes mansões. Mas meu pai tinha um feeling muito especial.

O restaurante e o salão de festas foram abertos em 1958. Era muito elegante, freqüentado por aquelas famílias dos casarões, inclusive. Era obrigatório, por exemplo, ir tomar o aperitivo depois da missa, antes do almoço de domingo. Sobretudo as famílias de origem italiana cultivavam esse hábito. E faziam grandes festa lá,

³ Cf. supra, pp. 31-32.



Do

Número

Ano

Rubrica

recepções. A mais bonita, na minha opinião, foi o almoço promovido para o Eisenhower.

Foi oferecida pelo consulado americano. Servimos mil pessoas sentadas, no jardim de inverno. Antes de começar, fechamos as cortinas, e entraram 40 garçons, cada um com uma miniatura da estatua da Liberdade, esculpida em gelo e iluminada.

Me lembro também, da noite em que Fidel Castro apareceu para jantar. Foi logo depois da revolução cubana. Recebemos uma ligação. Naquele tempo era o DOPS, se não me engano, que cuidava da segurança, perguntando se tínhamos lugar. Passava um pouca da meia-noite, tínhamos apenas oito ou dez mesas ocupadas. Dissemos que sim, que ele viesse. Dali a pouco chegou a comitiva. Fidel e mais 12 ou 13 pessoas, todos de uniforme militar. A única pessoa autorizada a entrar depois dele e a acompanhá-los no jantar foi, se não me engano, o Ruy Mesquita. Eles jantaram, e depois o Fidel pediu para ir à cozinha, cumprimentou o cozinheiro e deu charuto cubano para todo mundo.

O Fasano também fazia shows de grandes estrelas internacionais. Nem me lembro mais quantos: Samy Davis Jr., Nat King Cole, Ima Sumach, Marlene Dietrich. Eram trazidos por nós junto com a TV Record e o teatro Record. Como os cachês eram muito altos, isso amortizava o custo.

Em 1963, meu pai vendeu a área para a Liquigás. Ele ainda ficou no restaurante até 1967, mas sofreu um derrame, ficou paralítico e retirou-se.

Quando passo hoje pelo Conjunto Nacional, eu sinto uma nostalgia, sim. Passei três ou quatro anos de minha vida freqüentando aquele lugar, diariamente. Até que era gostoso. Eu tinha 24 anos. Estava na flor da idade."

Além das pessoas citadas acima por Fabrizio Fasano, o restaurante recebeu, ainda, personalidades em evidência no cenário político e artístico, nacional e internacional; entre eles, o Presidente Juscelino Kubitschek, Sarah Vaughan, deputados e senadores. Além disso, promovia uma série de homenagens, festas e bailes, quase sempre acompanhadas pelas orquestras de Silvio Mazuca e do Zezinho.

Depois do restaurante Fasano e da sua enorme repercussão na cidade, entre as elites principalmente, outros estabelecimentos comerciais de renome se mudaram



10

Do

Número

Ano

Rubrica

para o edifício vindos do centro. Com exemplo, vale destacar a primeira sede da loja da Madame Rosita (vestuário), a galeria de Arte Milan e o Cine Astor.

O Cine Astor também projetado pelo arquiteto David Libeskind, configura-se, ainda hoje, num dos exemplares de cinema mais significativos existentes na cidade. Espaço bem característico da fase mais criativa da arquitetura moderna, revela uma solução arquitetônica bastante apropriada e de muita sensibilidade. O seu ponto alto é, sem dúvida, o espaço resultante do hall de entrada com sua enorme parede de vidro que o separa da galeria de circulação e, em especial, a rampa em curva de acesso a sala de projeção, de apurado desenho. Segundo Libeskind, esse hall sofreu algumas alterações promovidas pela distribuidora do cinema. Entre elas, conta-nos Libeskind, refere-se a modificação realizada no começo da rampa, no térreo. Não se sabe por qual razão, demoliram parte dela para construção de uns degraus, fato que desvirtuou a sua própria concepção e natureza.

A consolidação do Edifício do Conjunto Nacional trouxe uma rápida valorização do metro quadrado da Avenida Paulista e foi, certamente, um dos agentes que mais contribuíram para a mudança do seu perfil de ocupação. Isso se deu, particularmente, pelas atividades de uso comercial que ali se estabeleceram e graças também ao acerto da original concepção arquitetônica do sistema de galerias do térreo, que estimulou outras ocupações do mesmo gênero na avenida.

Esse sistema de galerias foi composto como uma praça: cinco ruas com largura de onze metros que se cruzam em uma espécie de praça rodeada por uma rampa em caracol, levando ao mezzanino.

No mezzanino foi plantado um jardim ornado por uma gigantesca cúpula geodésica e por um salão que, primitivamente, serviria para realizar exposições.

A cúpula geodésica foi projetada e calculada pelo engenheiro e arquiteto Hans Eger⁴. Inicialmente, Libeskind havia imaginado um grande domus de vidro para o local, *entretanto, encontrava muitas dificuldades técnicas para sua execução*. Ciente disso e através de uma publicação de arquitetura sobre o Conjunto Nacional na França, Eger se ofereceu para construí-la, segundo nos conta Libeskind.

A estrutura da cúpula geodésica consiste em perfis de alumínio com 2 mm. de espessura e comporta 95 elementos em forma hexagonal de 20 diferentes tipos. O

⁴ Revista Architecture d'Aujourd'hui no 85-Setembro de 1959, pp. 92-93.



Do

Número

Ano

Rubrica

conjunto da cúpula cobre uma superfície de 1.000 m² e chegou a empregar 3,2 toneladas de perfis de alumínio e tem 29,70 metros de diâmetro. Está assentada sobre um anel de concreto armado sobre pilares curvos que limitam o espaço de circulação das vastas rampas de acesso ao piso superior onde está o jardim suspenso do bloco horizontal. Sua transparência permite passar uma luz difusa até o térreo das galerias que valoriza sobremaneira esse espaço de circulação, criando singular efeito plástico e arquitetônico. Esta cúpula geodésica, segundo ainda o arquiteto David Libeskind, foi a primeira a ser construída na América Latina.

O sistema de galerias e lojas sofreu várias modificações ao longo do tempo e a partir de meados dos anos 70 o edifício do Conjunto Nacional passou a conhecer um período de decadência. Não se fazia mais nenhum tipo de benfeitoria e sem uma administração eficiente, o edifício foi se transformando em um lugar nada estimulante para novos investimentos. As unidades começaram a perder valor e o térreo do Conjunto Nacional virou muito mais uma passagem para pedestres do que um lugar de visita ou permanência como nos anos anteriores.

Por volta de 75, o edifício sofreu uma reforma que alterou parcialmente a sua concepção inicial. Fecharam com paredes as passagens livres dos pilotis que apoiavam o bloco vertical no mezzanino, onde edificaram outros salões. Além disso, construíram bem no meio das galerias de circulação dos pedestres, lanchonetes e lojas, não previstas para o local. Como exemplo, vale destacar a lanchonete construída encostada na coluna central de apoio da rampa circular, que esconde toda a beleza das suas formas curvas. Essa lanchonete está neste local até hoje.

Em 1976, foi instalado na cobertura do edifício o famoso relógio luminoso. Atualmente ele faz propaganda do Banco Itaú, informa as horas e a temperatura que são legíveis a 12 Km. de distância. Por 16 anos veiculou propaganda da Willys, uma marca de automóvel. O relógio Itaú, projetado por João Bosco Capani e detalhado pelo engenheiro eletrônico Paul Bulttazi⁵, está apoiado numa estrutura de aço que pesa 230 toneladas. O relógio possui três faces, duas de mesma dimensão (20 x 30 metros), voltadas para o Centro e para os "Jardins", e a terceira (6 x 15 metros), para o Pacaembu e Sumaré. Em 1986, seu funcionamento foi interrompido por 90 dias para reformas. As 2.800 lâmpadas incandescentes de 150w, controladas por um sistema de relês, foram substituídas por 6km. de tubo de néon branco, controlados por 2 computadores.

⁵ Instituto Cultural Itaú - Resenha Histórica sobre a Avenida Paulista.



12

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------

O relógio luminoso tem se configurado ao longo dos anos, uma inconfundível referência na cidade, pela sua presença física, dimensão e informação que presta ao público.

A partir de 1984, com outra administração no poder, o edifício do Conjunto Nacional foi paulatinamente alterando o panorama de deterioração a que estava submetido. A síndica do Conjunto Nacional, Vilma Peramezza, nos dá uma idéia dos problemas com que tinha de se defrontar:-

"O começo foi um desafio. Tive de harmonizar milhões de disputas internas, conquistar o apoio dos proprietários. O condomínio tinha 40 funcionários - hoje temos 200. O pessoal da manutenção não tinha uma chave de fenda que pudesse usar."⁶

A população estimada do Conjunto Nacional estava estipulada, no final dos anos 80, entre moradores e trabalhadores, em cerca de 10.000 pessoas⁷, enquanto que a flutuante atingia as mesmas proporções. Essa população, nada insignificante e até hoje em número igual, traduz a grande complexidade funcional a que o edifício está submetido. Ela está compromissada com o uso das variadas atividades existentes, desde as comerciais, residenciais, de serviços até diversões, compreendendo, lojas, bancos, lanchonetes tipo "fast-foods", restaurantes como o Viena, papelaria, grandes escritórios, bancos, médicos, dentistas, duas livrarias (Brasiliense e a Cultura, sendo esta uma das mais procuradas na cidade pelo seu acervo de quase 10.000 títulos a disposição do público), quatro salas de cinema, duas das quais abertas recentemente, após uma reforma realizada no mezzanino, (Studio Alvorada I e II, o Cinearte e o Astor). O Cinearte, originalmente foi projetado para ser um teatro, no qual o arquiteto David Libeskind se empenhou em consultar os mais diversos especialistas no gênero. O mezzanino além dos usos já citados, também abriga, desde novembro de 1993, a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, Órgão da Prefeitura de São Paulo. Nas dependências do edifício podem ser encontrados, ainda, os consulados da França, Bélgica, China e Paquistão.

A política desenvolvida pela administração, ao longo desses últimos anos, tem conseguido bons resultados na valorização do prédio e, recentemente, foi realizada uma outra reforma nas suas dependências que trouxe outros benefícios e melhorias as suas condições de conservação. Entre as quais, a recuperação da

⁶ Revista Goodyear - Edição Especial de fim de ano: Avenida Paulista: O futuro faz cem anos. - "Quando o concreto soterra os sonhos". Entrevista concedida a Marta Gécs. Out/Nov/Dez. 1991, pp. 32.

⁷ "Jornal da Tarde" de 24-3-1987, "Nome desta cidade: Conjunto Nacional." Entrevista concedida a Cristina Duran.




13/10/01

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------

marquise externa e o disciplinamento das propagandas nas fachadas do prédio, além da promoção de pequenas exposições no espaço das galerias do térreo. Essas exposições, em geral, são patrocinadas por empresas públicas ou privadas, e contemplam os mais diversos temas, como exemplo, a recente exposição de fotojornalismo, no segundo semestre de 1993, que teve bom acolhimento do público.

Em relação a murais ou painéis com pinturas no Conjunto Nacional, pode-se verificar a existência de apenas um desenho de Sonia Longo, situado ao lado dos elevadores do cilindro vertical de circulação do bloco horizontal, realizado com linhas que sugerem a figura de uma mulher com sol.

STCR, 05 de setembro de 2001


FLÁVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES
Arquiteto



Do	Número	Ano	Rubrica
Guichê	00793	01	

INT.: FLÁVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

ASS.: Estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista nº 2073 – Capital

Retornem os presentes autos ao STCR para complementação da documentação e posterior retorno a este GP para designação de Conselheiro Relator.

GP/Condephaat, 18 de setembro de 2001.

JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

/emws.-

Ao arquiteto Flávio Bueno de Moraes
para a estação _____
S.T.C.R. nº 251/S/2001

José Guilherme Savoy de Castro
Engenheiro do STCR
CREA n.º 17518/D-02

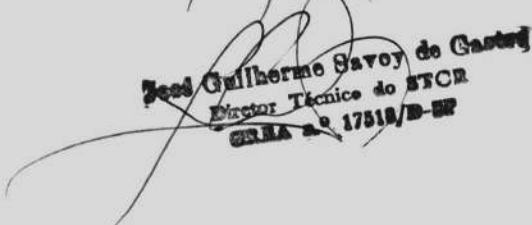
A Diretoria Técnica

Fueamimho este guichê a sua
avaliacao e imporio an auty o
livro "Conjunto Nacional - A Conguita
da Paulita", para embasar melhor
nossa solitacao de abertura de estudos
para tombamento, imforme parecer
antem.

STCR, 28 de setembro de 2001.

~~Eng. Marcondes Bueno de Moraes~~
FRANCO WAF MARCONDES BUENO DE MORAES
arquiteto.

CD GP
P/ APROVEITAMENTO DO CONJUNTO
INFORMANDO AGENCIAS QUE INSTRUI
A GUICHO SOBRE O "CONJUNTO
NACIONAL" E SOLICITA RESPOSTA
DO SEU PROCESSO DE TOMBAMENTO
11/12/2001


José Guilherme Savoy de Castro
Diretor Técnico do STCR
CPLA n.º 17518/D-SP

Juntada

Assinatura

Segue juntada nesta data. Documento / Folha de Informação rubricada

sob n.º

Em

de

de 19



Do	Número	Ano	Rubrica
Guichê	00793	01	

Int.: FLÁVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

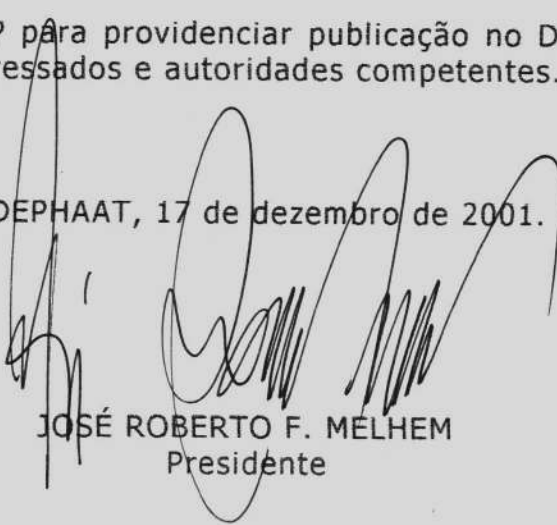
Ass.: Estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista nº 2073 – Capital

SÍNTESE DE DECISÃO DO EGRÉGIO COLEGIADO
SESSÃO ORDINÁRIA DE 17 DE DEZEMBRO DE 2001
ATA Nº 1229

O Egrégio Colegiado deliberou pela abertura de processo de estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista nº 2073, nesta Capital. Deliberou, ainda, solicitar ao STCR que, em caráter de urgência, defina as diretrizes para intervenções na área.

1. À SA para abertura do respectivo processo;
2. Ao GP para providenciar publicação no DOE e notificação aos interessados e autoridades competentes.

GP/CONDEPHAAT, 17 de dezembro de 2001.


JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

emws.-



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo – CONDEPHAAT

NOTIFICAÇÃO

De acordo com o que dispõe o artigo 142 do Decreto 13.426. de 16.03.79, notificamos a todos os interessados que o Egrégio Colegiado do CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado – , em sua sessão ordinária de 17.12.2001, Ata nº 1229 , deliberou pela abertura do processo de estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista nº 2073, nesta Capital (Processo 42.666/01)

Nos termos do parágrafo único do já citado artigo 142 e do artigo 146 do mesmo Decreto, a deliberação de abertura do processo de tombamento assegura, desde logo, a preservação do bem até decisão final do autoridade competente, ficando, portanto, proibida qualquer intervenção que possa vir a descaracterizar a referida área, sem prévia autorização do CONDEPHAAT, além de poder ser punido o descumprimento do acima disposto com as sanções penais previstas no artigo 166 do Código Penal Brasileiro e da Lei nº 7347, de 17.07.1985.

14
/

**CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO, ARQUEOLÓGICO, ARTÍSTICO
E TURÍSTICO DO ESTADO DE SÃO PAULO**

Notificações

De acordo com o que dispõe o artigo 142 do Decreto 13.426, de 16.03.79, notificamos a todos os interessados que o Egrégio Colegiado do Condephaat - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado -, em sua sessão ordinária de 17.12.2001, Ata 1229, deliberou pela abertura do processo de estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista nº 2073, nesta Capital (Processo 42.666/01)

Nos termos do parágrafo único do já citado artigo 142 e do artigo 146 do mesmo Decreto, a deliberação de abertura do processo de tombamento assegura, desde logo, a preservação do bem até decisão final da autoridade competente, ficando, portanto, proibida qualquer intervenção que possa vir a descaracterizar a referida área, sem prévia autorização do CONDEPHAAT, além de poder ser punido o descumprimento do acima disposto com as sanções penais previstas no artigo 166 do Código Penal Brasileiro e da Lei nº 7347, de 17.07.1985.



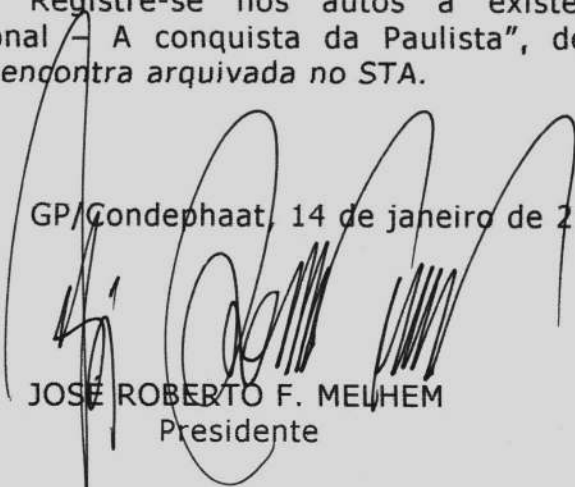
DO	NÚMERO	ANO	RUBRICA
Processo CONDEPHAAT	42.666		01

INT.: FLÁVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

ASS.: Estudo de tombamento do Conjunto Nacional situado na Av. Paulista, 2073 – Capital

Registre-se nos autos a existência da publicação "Conjunto Nacional – A conquista da Paulista", de autoria de Ângelo Iacocca, que se encontra arquivada no STA.

GP/Condephaat, 14 de janeiro de 2002.


JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

/emws.-



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
Rua Mauá nº 51 - 2º andar - Bairro da Luz - São Paulo - SP
Cep: 01028-900
Tel: 3351.8002 Fax - 3337.3955

SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

Ofício GP-064/02
Processo 42.666/01

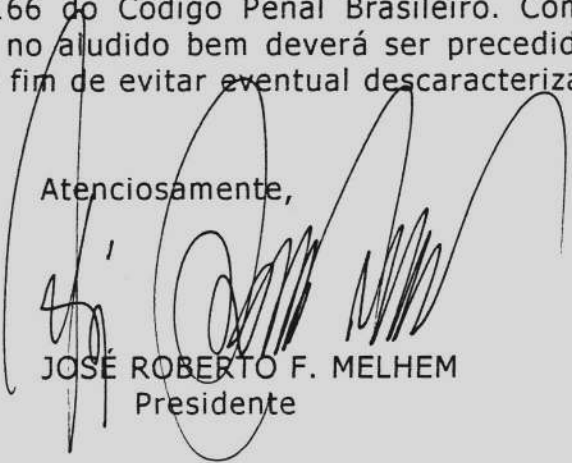
São Paulo, 14 de janeiro de 2002.

Prezado Senhor,

Vimos através deste notificar Vossa Senhoria que em sua sessão ordinária de 17.12.2001, Ata nº 1229, o Egrégio Colegiado do CONDEPHAAT deliberou aprovar a abertura do processo de estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista nº 2073, nesta Capital.

Cumpre-nos também informar que o referido bem cultural tem assegurada sua preservação, conforme reza o artigo 142, parágrafo único, e 146 do Decreto Estadual 13.426, de 16.03.79. O eventual infrator do mencionado dispositivo incorrerá nas sanções previstas no artigo 166 do Código Penal Brasileiro. Como consequência, qualquer intervenção no aludido bem deverá ser precedida de autorização deste CONDEPHAAT a fim de evitar eventual descaracterização.

Atenciosamente,



JOSE ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhor
Dr. JOAQUIM SCARABELLO NETO
Delegado Substituto da 78ª DP
Rua Estados Unidos, 1608
CAPITAL
01427-002

/emws.-



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
Rua Mauá nº 51 - 2º andar - Bairro da Luz - São Paulo - SP
Cep: 01028-900
Tel: 3351.8002 Fax - 3337.3955

SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

20

Ofício GP-063/02
Processo 42.666/01

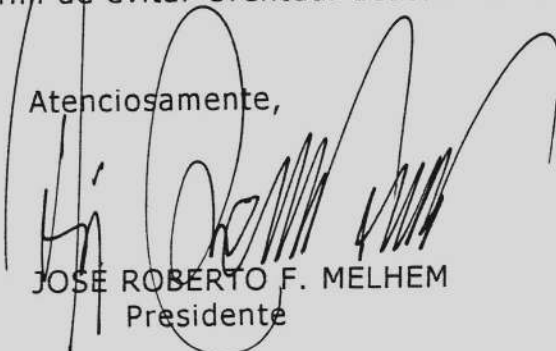
São Paulo, 14 de janeiro de 2002.

Prezada Senhora,

Vimos através deste notificar Vossa Senhoria que em sua sessão ordinária de 17.12.2001, Ata nº 1229, o Egrégio Colegiado do CONDEPHAAT deliberou aprovar a abertura do processo de estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista nº 2073, nesta Capital.

Cumpre-nos também informar que o referido bem cultural tem assegurada sua preservação, conforme reza o artigo 142, parágrafo único, e 146 do Decreto Estadual 13.426, de 16.03.79. O eventual infrator do mencionado dispositivo incorrerá nas sanções previstas no artigo 166 do Código Penal Brasileiro. Como consequência, qualquer intervenção no aludido bem deverá ser precedida de autorização deste CONDEPHAAT a fim de evitar eventual descaracterização.

Atenciosamente,


JOSE ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhora
LEILA DIÊGOLI
Presidente do CONPRESP
Rua Cel. Fernando Prestes, 152
CAPITAL
01124-060

/emws.-



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
Rua Mauá nº 51 - 2º andar - Bairro da Luz - São Paulo - SP
Cep: 01028-900
Tel: 3351.8002 Fax - 3337.3955

SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

21

Ofício GP-062/02
Processo 42.666/01

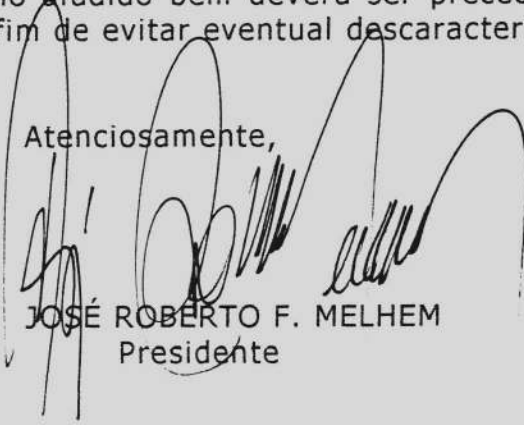
São Paulo, 14 de janeiro de 2002.

Prezada Senhora,

Vimos através deste notificar Vossa Senhoria que em sua sessão ordinária de 17.12.2001, Ata nº 1229, o Egrégio Colegiado do CONDEPHAAT deliberou aprovar a abertura do processo de estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista nº 2073, nesta Capital.

Cumpre-nos também informar que o referido bem cultural tem assegurada sua preservação, conforme reza o artigo 142, parágrafo único, e 146 do Decreto Estadual 13.426, de 16.03.79. O eventual infrator do mencionado dispositivo incorrerá nas sanções previstas no artigo 166 do Código Penal Brasileiro. Como consequência, qualquer intervenção no aludido bem deverá ser precedida de autorização deste CONDEPHAAT a fim de evitar eventual descaracterização.

Atenciosamente,


JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhora
Dr.^a CLARA ANT
Administradora Regional da Sé
Av. do Estado, 900
CAPITAL
01108-000

/emws.-



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
Rua Mauá nº 51 - 2º andar - Bairro da Luz - São Paulo - SP
Cep: 01028-900
Tel: 3351.8002 Fax - 3337.3955

SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

22

Ofício GP-093/02
Processo 42.666/01

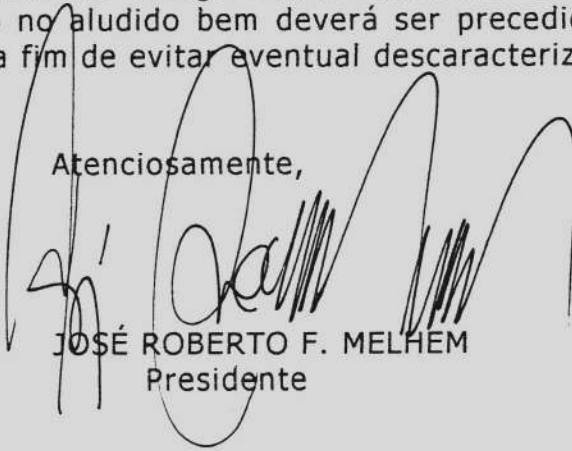
São Paulo, 22 de janeiro de 2002.

Prezada Senhora,

Vimos através deste notificar Vossa Senhoria que em sua sessão ordinária de 17.12.2001, Ata nº 1229, o Egrégio Colegiado do CONDEPHAAT deliberou aprovar a abertura do processo de estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista nº 2073, nesta Capital.

Cumpre-nos também informar que o referido bem cultural tem assegurada sua preservação, conforme reza o artigo 142, parágrafo único, e 146 do Decreto Estadual 13.426, de 16.03.79. O eventual infrator do mencionado dispositivo incorrerá nas sanções previstas no artigo 166 do Código Penal Brasileiro. Como consequência, qualquer intervenção no aludido bem deverá ser precedida de autorização deste CONDEPHAAT a fim de evitar eventual descaracterização.

Atenciosamente,


JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhora
VILMA PERAMEZZA
Síndica do Conjunto Nacional
Av. Paulista, 2073
CAPITAL

/emws.-



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
Rua Mauá nº 51 - 2º andar - Bairro da Luz - São Paulo - SP
Cep: 01028-900
Tel: 3351.8002 Fax - 3337.3955

23
SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

Ofício GP-164/02
Processo 42.666/01

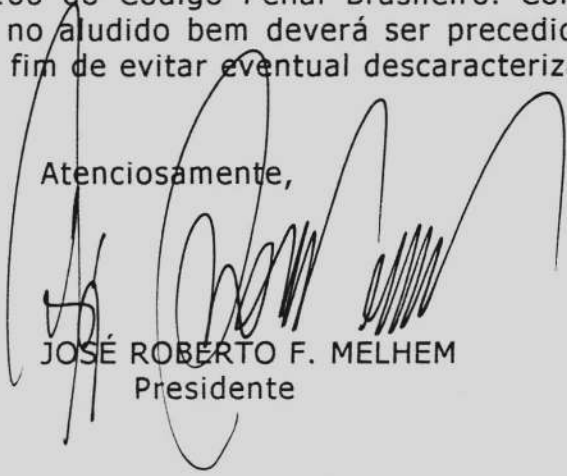
São Paulo, 23 de janeiro de 2002.

Prezada Senhora,

Vimos através deste informar Vossa Senhoria que em sua sessão ordinária de 17.12.2001, Ata nº 1229, o Egrégio Colegiado do CONDEPHAAT deliberou aprovar a abertura do processo de estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista nº 2073, nesta Capital.

Cumpre-nos também informar que o referido bem cultural tem assegurada sua preservação, conforme reza o artigo 142, parágrafo único, e 146 do Decreto Estadual 13.426, de 16.03.79. O eventual infrator do mencionado dispositivo incorrerá nas sanções previstas no artigo 166 do Código Penal Brasileiro. Como consequência, qualquer intervenção no aludido bem deverá ser precedida de autorização deste CONDEPHAAT a fim de evitar eventual descaracterização.

Atenciosamente,



JOSE ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhor
Arq. DAVID LIBESKIND
Rua Itapicuru nº 195
CAPITAL
05006-000

/emws.-



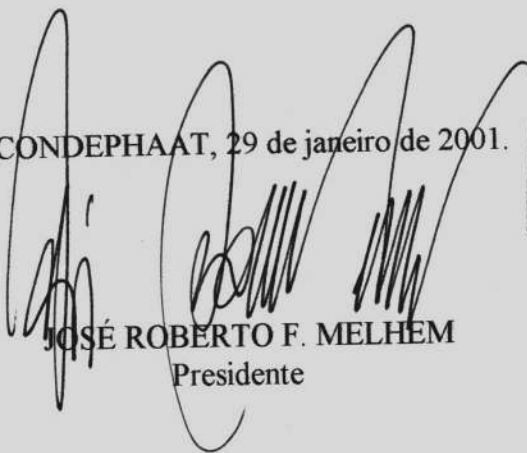
DO	NÚMERO	ANO	RUBRICA
Processo	42.666	01	

INT.: FLAVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

ASS.: Estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista, nº2073 - Capital.

Encaminhe-se os autos ao STCR para prosseguimento dos estudos.

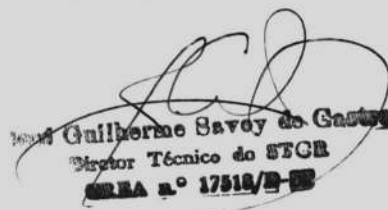
GP/CONDEPHAAT, 29 de janeiro de 2001.



JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Ao arquiteto FLAVIO MORRIS
para manifestação PROSSEGUIMENTO
S.T.C.R., 01/02/02.

/fesm.



Guilherme Savoy de Góes
Diretor Técnico do STCR
CREA nº 17512/E-02



25
/ 03

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------

A Diretoria Técnica

Após ter tentado inúmeras vezes entrar em contato por telefone com o Sr. Edgard de Assis Carvalho, ex-presidente e conselheiro deste Condephaat, na expectativa de verificar se realmente as plantas originais do projeto de arquitetura do Conjunto Nacional encontram-se com ele, e não ter obtido nenhum retorno, solicito encaminhar este processo ao gabinete da Presidência para expedição de ofício ao mesmo para nova tentativa para obtenção do referido material.



STCR, 28 de março de 2003.


Flávio Luiz Marcondes Bueno de Moraes
arquiteto

AO GP

8/ as providências sugeridas pelo técnico.

SP, 01/04/03



 Diretoria Técnica do Condephaat

CONDEPHAAT

REQUERIMENTO DE SERVIÇOS

01659 / 2003

26/02

Ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo - CONDEPHAAT

Senhor Presidente,

Venho requerer, através do presente, a realização de serviços conforme a documentação anexa e características abaixo discriminadas.

INTERESSADO	Pessoa Física.		Pessoa Jurídica.		Poder Público.	
	Nome: <i>Subprefeitura de Pinheiros</i>					
	RG / CNPJ:		Telef.:		CEP:	
			<i>9081-2777 - P. 111/122</i>		<i>05459-010</i>	
Ender.:				Bairro:		
<i>Av. Prof. Ludovico Herman Jr. 199</i>				<i>Alto de Pinheiros</i>		
Mun.:					UF:	
<i>São Paulo</i>					<i>S.P.</i>	
LOCAL	Ender.:					
	<i>Av. Paulista, n. 2073</i>					
	Bairro:				N.º do contribuinte:	
Município:		<i>São Paulo</i>				
SITUAÇÃO	Denúncia		Solicitação de regularização		Pedido de Certidão.	
	<input checked="" type="checkbox"/> Solicitação de informações		Pedido de tombamento		Retorno de informações (inf. Processo)	
	Solicitação de aprovação		Pedido de qualificação como Estância		Outra	
	Outra:					
ASSUNTO	Projeto		Informações Gerais		Cartazes/ Painéis/ Anúncios	
	Obra		Reforma		Diretrizes	
	Serviços de Conservação		<input checked="" type="checkbox"/> Tombamento		Demolição.	
	Alteração do Sistema Viário		Mudança de Uso		Restauração	
	Outro:					
N.º Processo CADAN (Somente para Cartazes / Painéis / Anúncios)			N.º Processo em andamento:			
Nome de Processo para referência:			N.º Processo para referência:			

Nestes termos, pede deferimento,

São Paulo, 20 de abril de 2003



assinatura

Observações específicas para o caso de solicitação de informações, de aprovação ou de regularização quando o assunto for "Cartazes / Painéis / Anúncios":

- O presente requerimento deverá ser assinado pelo proprietário do anúncio ou do imóvel, com firma reconhecida, não sendo aceitas procurações. Salientamos que o serviço é prestado gratuitamente, sem a cobrança de qualquer taxa.
- As deliberações do CONDEPHAAT serão comunicadas diretamente ao CADAN, não sendo fornecidos ofícios aos interessados, conforme Ordem de Serviço n.º 02/2000.

PARA PREENCHIMENTO EXCLUSIVO PELO CONDEPHAAT

(nome do técnico responsável)		(responsável pela indicação)		<input checked="" type="checkbox"/> Deferido <input type="checkbox"/> Indeferido Data: <i>20/04/03</i> (esclarecimentos no verso)	
Abrir processo		Anexar ao processo: <i>42.666/01</i>		Proc. para referência:	
N.º processo aberto		E exigida Resposta? sim <input checked="" type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/>		Data máxima para resposta: <i>08/04/03</i>	
Área natural.		Sítio Arqueológico		Área envoltória de Edificação tombada.	
Edificação.		Bem Móvel.		Área envoltória de Núcleo Histórico tombado.	
Núcleo Histórico.		Patrimônio Imaterial		Área envoltória de Sítio Arqueológico tombado.	
Segmento Urbano.		Área envoltória de Área Natural tombada		Outro.	

OBJETO

OL
(u)



São Paulo, 22 de abril de 2003

Ofício nº 154/SP-PI/AJ/03
REF: Ofícios GP 062/02 e 2168/00
Assunto: Tombamento de imóveis

CONDEPHAAT
Em: 25/04/03
Recebido por: S=LVZ-2
Horas: 14:30

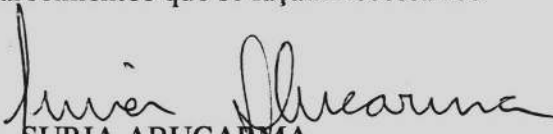
Senhor Presidente,

Em atenção aos ofícios em referência, solicitamos informações atualizadas sobre a situação dos processos de tombamento dos seguintes imóveis:

- a) Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista, n. 2073;
- b) Associação Atlética Acadêmica "Oswaldo Cruz", situada no interior do Complexo Hospitalar das Clínicas.

Em tempo, solicitamos ainda esclarecimentos sobre a necessidade de aplicação do artigo 137, do Decreto Estadual n. 13.426/79, para os imóveis em questão.

Ao ensejo, renovamos os protestos de estima e consideração e permanecemos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários.


SURIA ABUCARMA
Subprefeita Substituta de Pinheiros

Ilmo. Presidente
Sr. **JOSÉ ROBERTO MELHEN**
CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
Rua Mauá, 51 – 2º andar
Centro – São Paulo – SP
CEP: 01028-900



Do Requerimento de Serviços Ofício nº 154/SP-PI/AJ/03	Número 01659	Ano 2003	Rubrica
---	-----------------	-------------	---------

INT.: SUBPREFEITURA DE PINHEIROS

ASS.: Solicita informações referente ao processo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista, nº 2073 – Capital.

1. Ao Controle de Processo para registro de entrada;
2. A SA para juntar ao respectivo Processo;
3. Ao STCR para manifestação.

GP/Condephaat, 28 de abril de 2003.

JOSE ROBERTO MELHEM
Presidente

/fcsn.,



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
Rua Mauá nº 51 - 2º andar - Bairro Luz - São Paulo - SP
Cep: 01028-900
Tel: 3351.8002

30
**SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA**

Ofício GP-1594/03
Processos 42.666/01 e 28.225/90

São Paulo, 29 de abril de 2003.

Prezada Senhora,

Em atenção ao Ofício nº 154/SP-PI/AJ/03, vimos
informar o que segue:

1. Processo 42.666/01 - Estudo de tombamento do Conjunto Nacional
situado na Av. Paulista nº 2073

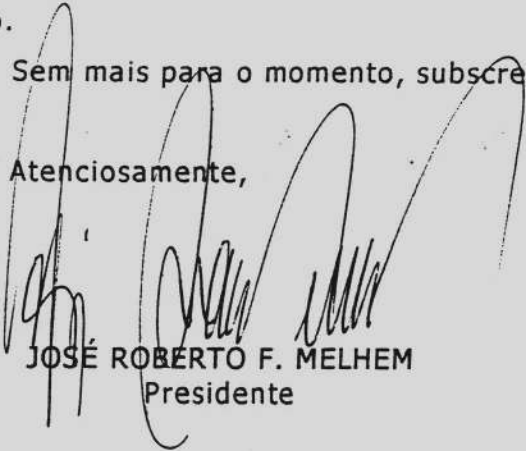
Situação: Bem em estudo de tombamento, não contando ainda com área
envoltória

2. Processo 28.225/90 - Associação Atlética Acadêmica "Oswaldo Cruz"

Situação: Bem tombado através da Resolução SC-187/02 (cópia anexa). O
artigo 3º da referida Resolução define a área envoltória de 300m do bem
tombado em questão.

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos,

Atenciosamente,



JOSE ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhora
SURIA ABCARMA
Subprefeita Substituta de Pinheiros
Av. Prof. Frederico Hermann Júnior nº 199
CAPITAL
05459-010

/emws

CONDEPHAAT

REQUERIMENTO DE SERVIÇOS [02542 / 2003]

Ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
- CONDEPHAAT

Senhor Presidente,

Venho requerer, através do presente, a realização de serviços conforme a documentação anexa e características abaixo discriminadas.

INTERESSADO	<input checked="" type="checkbox"/> Pessoa Física.	<input type="checkbox"/> Pessoa Jurídica.	<input type="checkbox"/> Poder Público.	
	Nome	FERNANDO FELIPE VIEGAS		
	RG / CNPJ	19710373-0	Telef.	36674561
	CEP	01223-000		
LOCAL	Ender.	CONJUNTO NACIONAL - AV. PAULISTA		
	Bairro:		N.º do contribuinte	
SITUAÇÃO	Município	SÃO PAULO		
	UF	SP		
	Denúncia	<input type="checkbox"/> Solicitação de regularização	<input type="checkbox"/> Pedido de Certidão.	
	<input type="checkbox"/> Solicitação de informações	<input checked="" type="checkbox"/> Pedido de tombamento	<input type="checkbox"/> Retorno de informações (inf. Processo)	
ASSUNTO	<input type="checkbox"/> Solicitação de aprovação	<input type="checkbox"/> Pedido de qualificação como Estância	<input type="checkbox"/> Outra	
	Outra:	VISTAS E CÓPIAS		
	Projeto	Informações Gerais	Cartazes / Painéis / Anúncios	Alteração Ambiental.
	Obra	Reforma	Diretrizes	Pesquisa Mineral
OBJETO	Serviços de Conservação	<input checked="" type="checkbox"/> Tombamento	Demolição.	Extração Mineral
	Alteração do Sistema Viário	Mudança de Uso	Restauração	Outro (especificar abaixo)
	Outro:	VISTAS E CÓPIAS		
	N.º Processo CADAN (Somente para Cartazes / Painéis / Anúncios)		N.º Processo em andamento:	42666101
Nome de Processo para referência:		N.º Processo para referência:		

Nestes termos, pede deferimento,

São Paulo, 02 de JULHO de 2003

Em 02/07/03
R. S. KAWA
H. 13.45

Fernando Felipe Viegas
assinatura

Observações específicas para o caso de solicitação de informações, de aprovação ou de regularização quando o assunto for "Cartazes / Painéis / Anúncios":

- O presente requerimento deverá ser assinado pelo proprietário do anúncio ou do imóvel, com firma reconhecida, não sendo aceitas procurações. Salientamos que o serviço é prestado gratuitamente, sem a cobrança de qualquer taxa.
- As deliberações do CONDEPHAAT serão comunicadas diretamente ao CADAN, não sendo fornecidos ofícios aos interessados, conforme Ordem de Serviço n.º 02/2000.

PARA PREENCHIMENTO EXCLUSIVO PELO CONDEPHAAT

		<input checked="" type="checkbox"/> Deferido	<input type="checkbox"/> Indeferido
		Data:	02.07.03.
(nome do técnico responsável)		(responsável pela indicação)	
<input type="checkbox"/> Abrir processo	<input type="checkbox"/> Anexar ao processo:	<input type="checkbox"/> Proc. para referência:	
N.º processo aberto	É exigida Resposta?	sim <input type="checkbox"/>	não <input type="checkbox"/>
		Data máxima para resposta	
Área natural.	Sítio Arqueológico	Área envoltória de Edificação tombada.	
Edificação.	Bem Móvel.	Área envoltória de Núcleo Histórico tombado.	
Núcleo Histórico.	Patrimônio Imaterial	Área envoltória de Sítio Arqueológico tombado.	
Segmento Urbano.	Área envoltória de Área Natural tombada	Outro.	

ou



Do
Requerimento de Serviços

Número
02542

Ano
2003

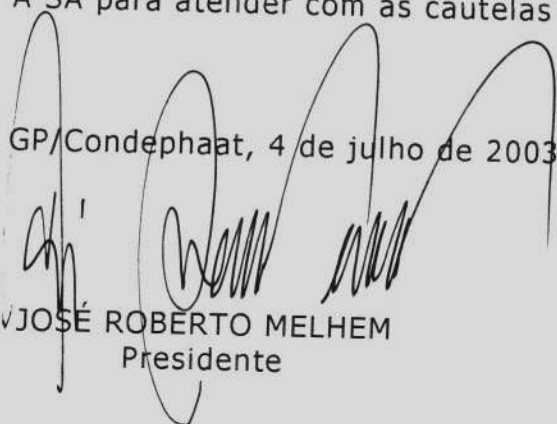
Rubrica

INT.: FERNANDO FELIPPE VIÉGAS

ASS.: Solicita vistas e cópias do processo do Conjunto Nacional – Capital.

À SA para atender com as cautelas de praxe.

GP/Condephaat, 4 de julho de 2003.


JOSÉ ROBERTO MELHEM
Presidente

Conforme solicitado, foram dadas
vistas ao processo de tombamento do
Edifício do Conjunto Nacional. Solici-
tamos, por fim, cópias das
seguintes páginas: 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09,
10, 11, 12, 13.

/fcm.,

CONDEPHAAT
01 21 03
12:30h

Retirei as cópias solicitadas





GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
Rua Mauá nº 51 - 2º andar - Bairro Luz - São Paulo - SP
Cep: 01028-900
Tel: 3351.8002

34
SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

Ofício GP-1350/03
Processo 42.666/01

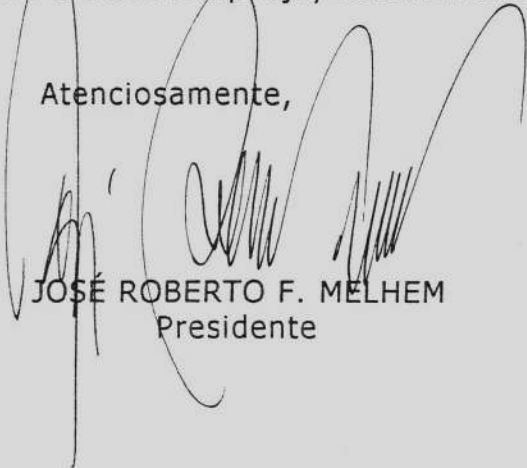
São Paulo, 22 de abril de 2003

Prezado Senhor,

Vimos por meio deste verificar se encontram-se com Vossa Senhoria as plantas originais do projeto de arquitetura do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista, nº 2073, nesta Capital.

Sem mais para o momento reiteramos nossos protestos de alta estima e elevado apreço, subscrevemo-nos,

Atenciosamente,



JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhor
EDGARD DE ASSIS CARVALHO
Al. Santos, nº 2486 - ap. 81
CAPITAL
01418-200

/fsa.-



Do Processo Condephaat	Número 42.666	Ano 2001	Rubrica
---------------------------	------------------	-------------	---------

INT.: FLÁVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

ASS.: Estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista, nº 2073 – Capital.

Ao STCR para prosseguimento da instrução.

GP/Condephaat, 5 de agosto de 2003

JOSÉ ROBERTO MELHEM
Presidente

/fcsm.,

Ao arquiteto F. MARQUES
para manifestação _____
S.T.C.R., 11 / 08 / 03

Guilherme Savoy de Castro
Diretor Técnico do STCR
CRIA n.º 17216/03-03



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado

34

Do Processo	Número 42.666	Ano 01	Rubrica
----------------	------------------	-----------	---------

São Paulo, 16 de setembro de 2003

Ao Sr. Diretor Técnico,

Vimos por meio desta informar sobre a necessidade de consulta de documentos existentes na Biblioteca da FAU-USP, para a conclusão do estudo de Tombamento do Conjunto Nacional. Para tanto, há a necessidade de encaminhamento de ofício à Coordenadoria da Biblioteca da FAU-USP.

Solicitamos, portanto, sua aprovação e o encaminhamento deste ofício via FAX, pelo nº 3091-5038.

Contando com sua atenção,

Flávio de Moraes

1º D4
SOLICITAÇÃO PROVIDÊNCIAS
CONFORME MINUTA NA CONTRATAÇÃO
18/09/03

José Guilherme Savoy de Castro
Diretor Técnico do STCR
CREA 17.518/D - SP



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado.
Rua Mauá nº 51 - 2º andar - Bairro da Luz - São Paulo - SP
Cep: 01028-900
Tel: 3351.8002 Fax - 3337.3955

37
SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

Ofício GP-3670/03
Processo 42.666/01

São Paulo, 14 de outubro de 2003

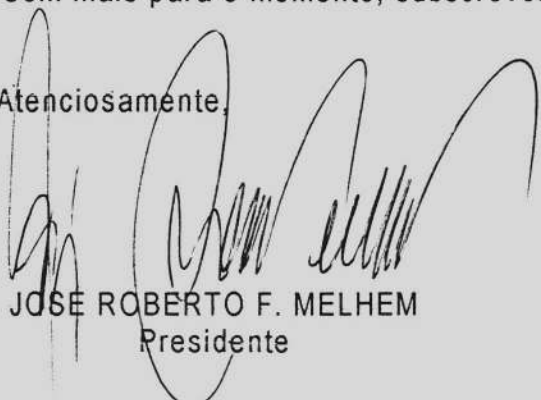
Prezado Senhor,

Visando instruir o processo em epígrafe, que trata de estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista nº 2073, nesta Capital, vimos solicitar o empréstimo de material referente ao bem em questão, constantes nas seguintes caixas:

P	P
C766	C766
725.2	728.5
a	hn

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos,

Atenciosamente,



JOSE ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhor
Prof. Dr. SILVIO DWORECKI
DD. Presidente do Conselho de Coordenadoria da Biblioteca da FAU-USP
Rua do Lago, 876
CAPITAL
05508-900
/fsa.-



Do Processo Condephaat	Número 42.666	Ano 2001	Rubrica
---------------------------	------------------	-------------	---------

INT.: FLÁVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

ASS.: Estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista, 12073 - Capital.

Ao STCR para prosseguimento da instrução contatando a Coordenação da Biblioteca da FAU-USP.

GP/Condephaat, 21 de outubro de 2003.

JOSÉ ROBERTO MELHEM
Presidente

Ao arquiteto F. MOROGI

Para manifestação _____

STCR, 25/10/03

/fcm.,

José Guilherme Santos Castro
Diretor Técnico de STCR
CREA 17.618-1/SP



Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------

A Diretoria Técnica

Trata-se este processo do estudo de tombamento do edifício do Conjunto Nacional, notável exemplar da arquitetura paulista construído na década de 50 do século passado, em São Paulo.

Propomos a abertura dos estudos de tombamento no dia 05 de setembro de 2001, a partir do arrazoado que redigimos para justificativa do pedido, conforme peça inicial destes autos.

Entre outras razões que abordamos no texto, incluem-se o histórico do processo de aprovação do projeto de arquitetura na Prefeitura Municipal, que se deu ao longo da década de 50, onde pode-se constatar as inúmeras modificações que o projeto de arquitetura sofreu até sua definitiva configuração; uma breve resenha da vida e obra do arquiteto David Libeskind, autor do projeto de arquitetura e os motivos pelos quais entendemos constituir-se o edifício em razão suficiente para sua incorporação no conjunto de bens imóveis representativos da nossa cultura urbana, retrato inegável da pujança econômica que a cidade experimentou a partir de meados do século passado. Acrescentaríamos ainda, naquelas razões já expostas, e tomando-se o edifício do Conjunto Nacional como exemplo de uma época, não é menor a importância em se registrar o trabalho da nova geração de arquitetos, que, plenamente motivados com as mais recentes novidades no campo da arquitetura e do urbanismo, vem demonstrar seu arrojo e criatividade na busca de soluções da mais alta qualidade técnica e estética aos novos desafios que a moderna sociedade industrial paulistana impõe aos novos tempos.

Hoje, a despeito do longo tempo já percorrido desde a sua inauguração, ainda na década de 50, o edifício do Conjunto Nacional permanece se impondo na paisagem da Avenida Paulista como um dos edifícios que melhor se adaptaram e souberam se aproveitar do sítio, em decorrência do partido adotado que revelou



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------

constituir-se absolutamente inigualável até então, pela visão integrada entre arquitetura e urbanismo.

Outro fato a assinalar, considerando o tempo decorrido da sua existência, refere-se a sua aproximação com a população, que tem se verificado cada vez mais estreita, sobretudo a partir do momento das reformas que se deram a partir da década de 80, quando suas instalações passaram a receber melhores condições de utilização oferecendo serviços de qualidade superior.

Finalmente, gostaríamos de ressaltar que estamos nesse momento propondo o tombamento do edifício do Conjunto Nacional com base nos estudos que encaminhamos agora para deliberação do Egrégio Colegiado. Junto a esse estudos, entendemos ser conveniente e assim o fizemos, anexar aos autos, cópia do texto do livro lançado exclusivamente sobre o Conjunto Nacional, de autoria de Ângelo Iacocca, denominado "Conjunto Nacional – A Conquista da Paulista", da Editora Origem, de 1998. Neste texto, podemos ter uma idéia exata da evolução do edifício no tempo, desde o seu momento inicial, quando se imaginava poder construir o empreendimento até o final dos anos 90. Com isso, entendemos, toda a compreensão será possível sobre sua importância tanto do ponto de vista histórico quanto da sua arquitetura.

Juntamos também aos autos, proposta de regulamentação da área envoltória do edifício que tem por objetivo apenas o controle do seu entorno imediato, conforme texto anexo. Há, também, uma cópia das plantas do projeto de arquitetura, tirada da revista Acrópole nº 222, pág. 210, de 1957.

Diante do exposto, encaminhamos esta manifestação para seqüência final destes autos.


 Flávio Luiz Marcondes Bueno de Moraes
 Arquiteto


 Renata Ferretti
 Estagiária /arquitetura



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Condephaat – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo

REGULAMENTAÇÃO DA ÁREA ENVOLTÓRIA DO CONJUNTO NACIONAL

A Resolução de Tombamento deverá prever uma área envoltória sujeita ao prévio controle por parte deste Órgão, o Condephaat. Este será um meio de garantir a integridade do bem tombado e da ambiência harmônica do conjunto arquitetônico com seu entorno, seguindo o Decreto nº 48.137, em que se aponta a necessidade de identificação desta área envoltória, bem como a definição de suas dimensões e restrições.

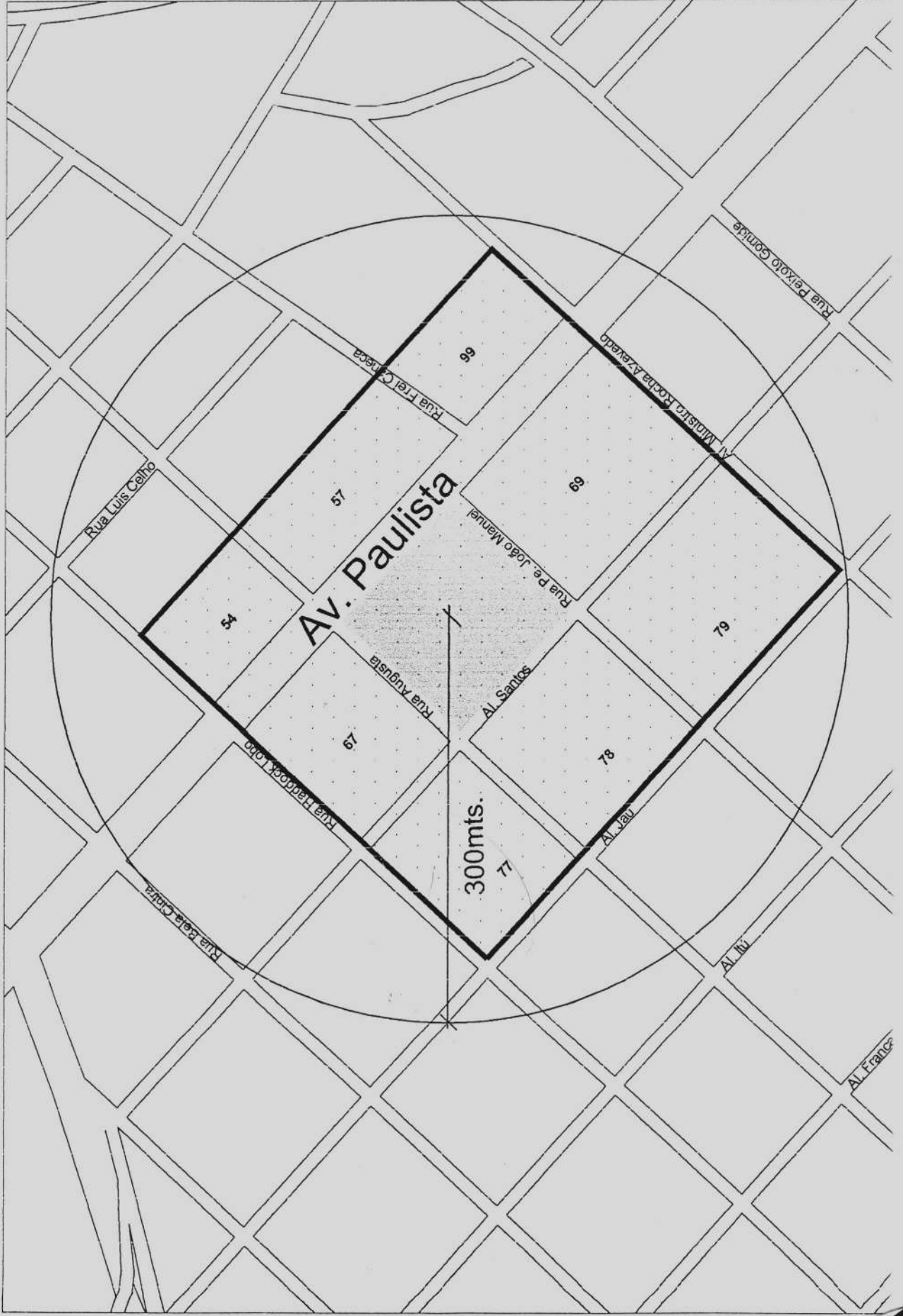
Entretanto, compreendemos que por se tratar de uma das zonas de maior adensamento e verticalização da cidade de São Paulo, a Avenida Paulista, não caberia no atual momento a definição de restrições ao dado conjunto urbano. A área já se apresenta bem consolidada, com construções de alto gabarito, o que não justifica um maior controle sobre as transformações ao redor do Bem de interesse.

Sendo assim, adota-se uma área definida pelas quadras ao redor do Conjunto Nacional, sendo estas as quadras 67, 69, 77, 78 e 79 do Setor 10 e as testadas voltadas para a Avenida Paulista das quadras 54, 57 e 99 do Setor 10, conforme a representação gráfica anexa. Esta área estará livre de restrições pré-existentes. Entretanto, toda intervenção que venha influir diretamente sobre o conjunto arquitetônico (imóveis, mobiliário urbano e traçado urbano que inserem-se na área envoltória definida acima) deve estar sujeita à análise técnica deste Órgão e de seu Setor Técnico, afim de que se garanta o controle necessário para a manutenção da qualidade ambiental da área diretamente relacionada ao Bem Tombado.

Outro ponto importante a ser preservado seria a livre permeabilidade do pedestre pelos acessos do edifício, gerando a interrelação do espaço privado com o espaço urbano, com a cidade, elemento de grande fundamentação deste tombamento.

Sendo assim, a aprovação de eventuais intervenções sobre o entorno do conjunto deve garantir o livre fluxo de pedestres, vetando quaisquer mobiliários, alterações do traçado urbano ou inserção de elementos arquitetônicos que venham influir negativamente sobre esta função da edificação.

REGULAMENTAÇÃO DA ÁREA ENVOLTÓRIA DO CONJUNTO NACIONAL



LEGENDA

Conjunto Nacional



Área Envoltória

Quadras do Setor 10

ESC.1:40

12/01/2004

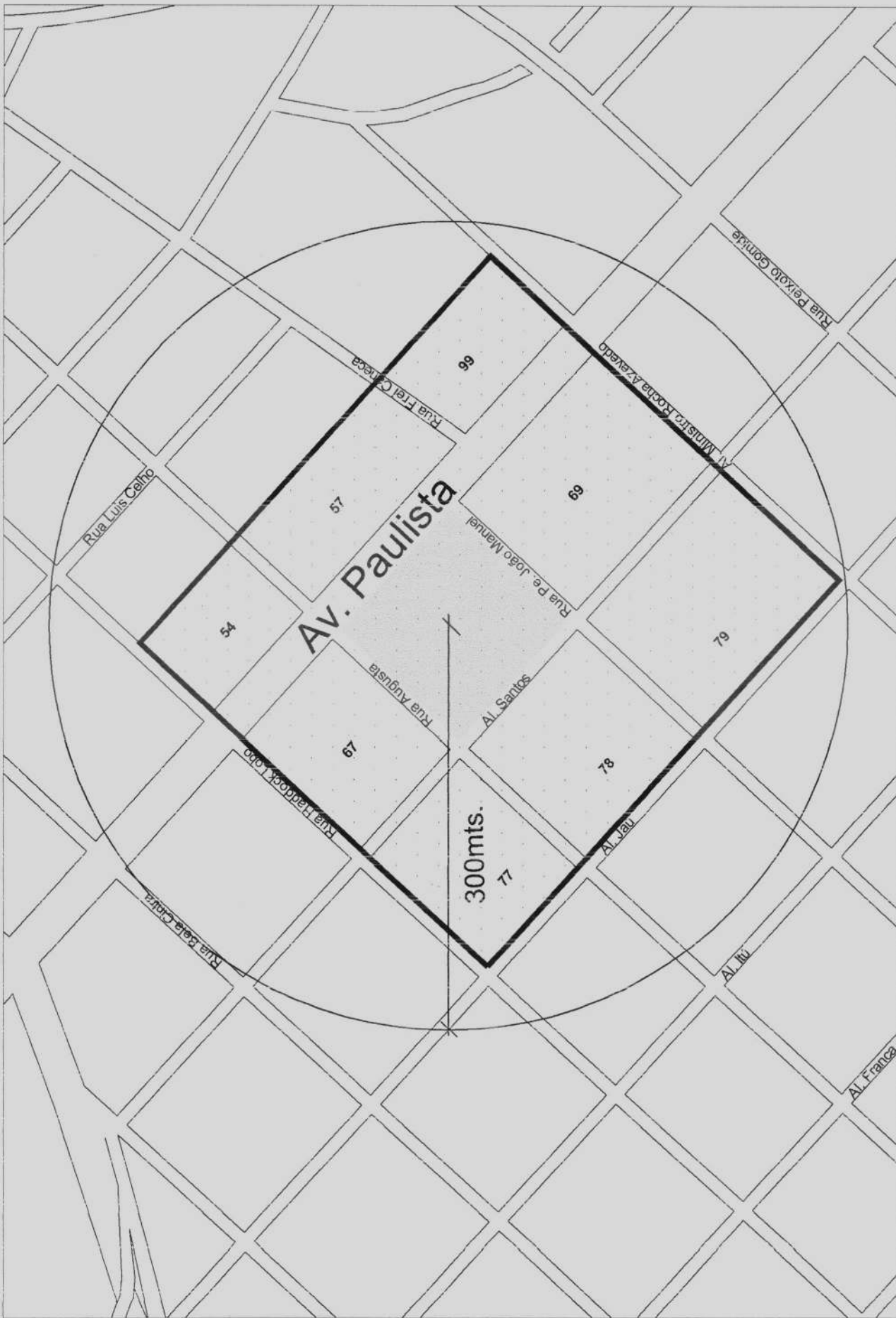
Técnico Responsável:

Arq. Flavio Moraes

Estagiária:

Daniela C. Ennatti

RÉGULAMENTAÇÃO DA ÁREA ENVOLTÓRIA DO CONJUNTO NACIONAL



LEGENDA

Conjunto Nacional

Área Envoltória

Quadras do Setor 10

ESC. 1:40

12/01/2004

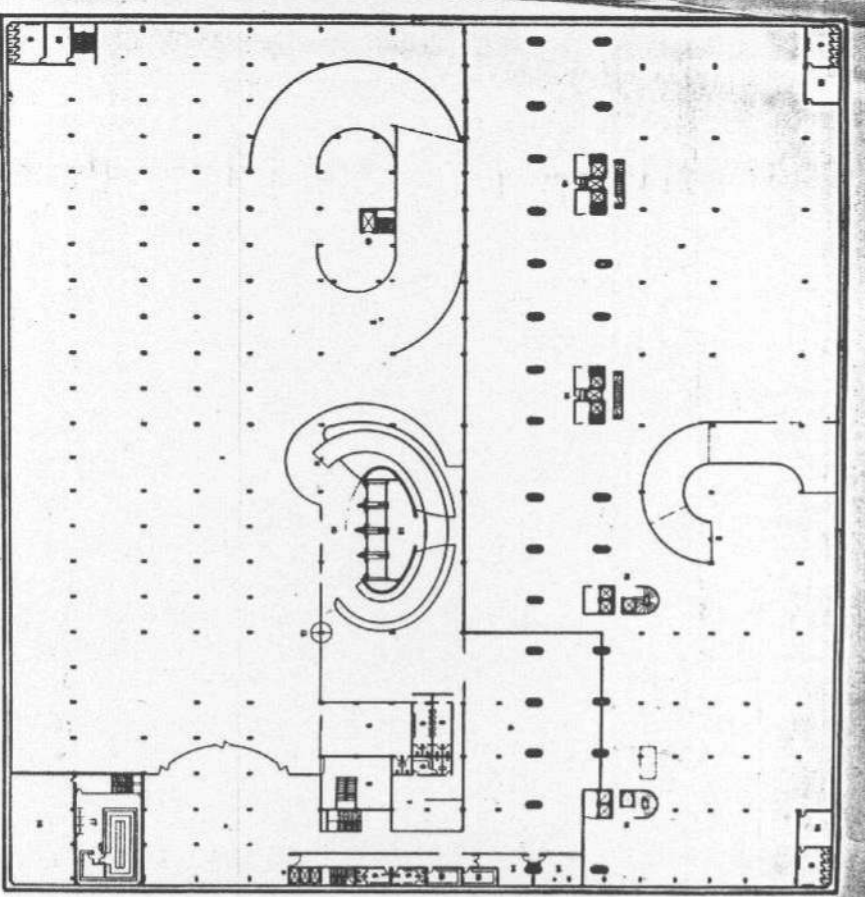
Técnico Responsável:

Arq. Flávio Moraes

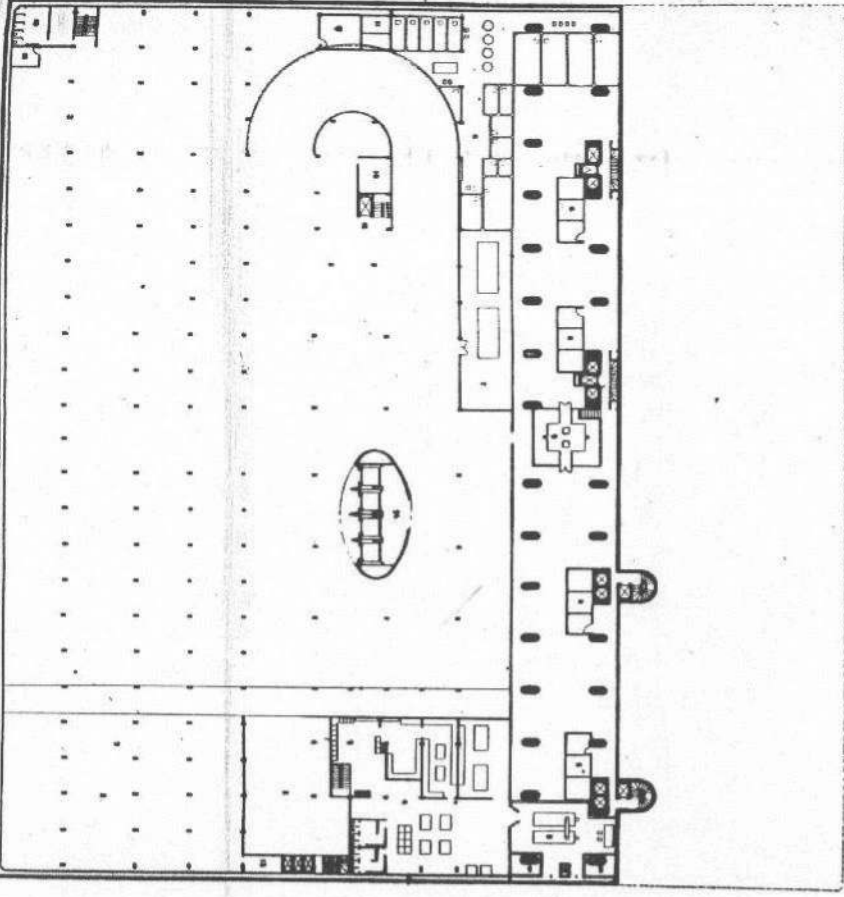
Estagiária:

Renata C. Ferretti

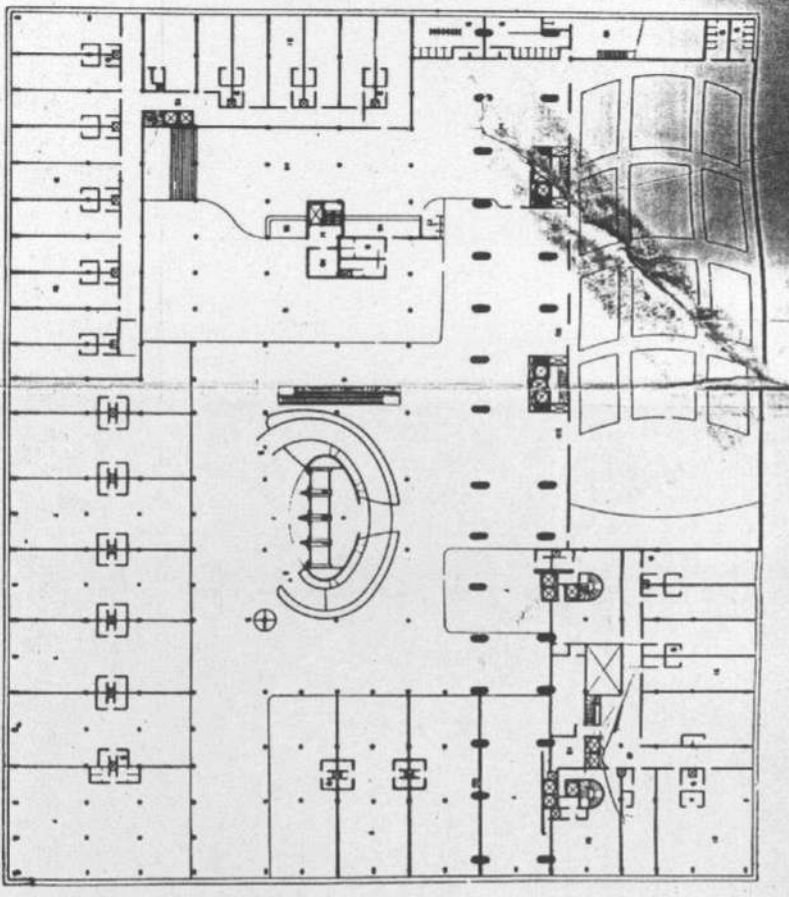
42



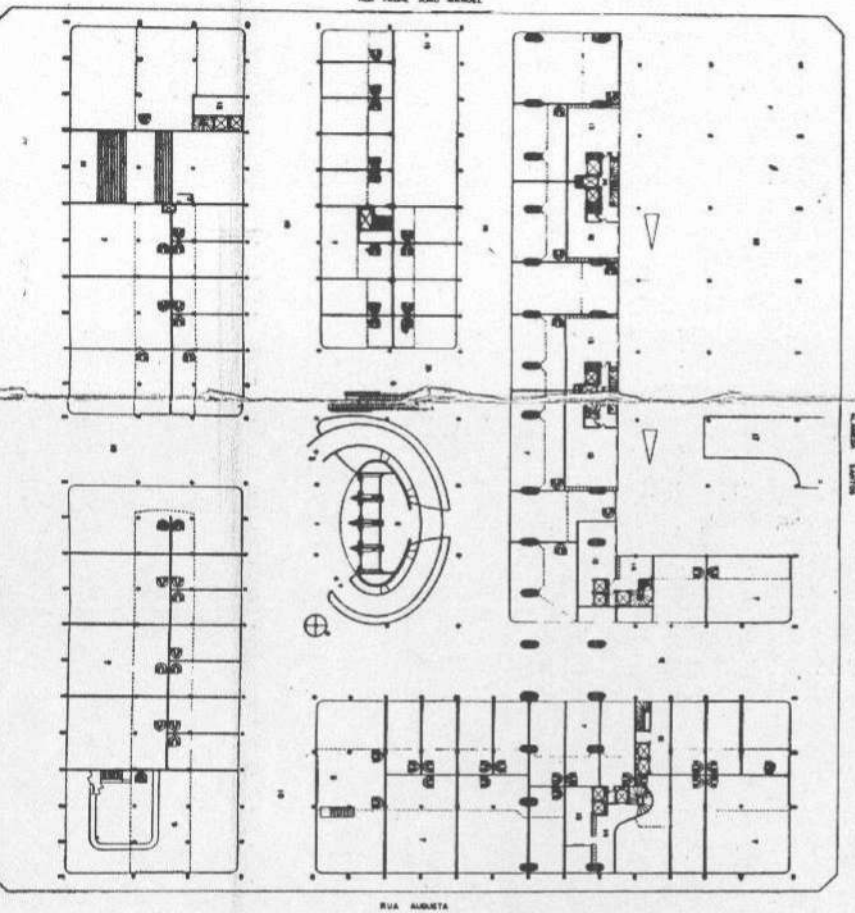
- 1.º sub-solo
- 1 — Estacionamento de autos; 2 — rampa para o terreno (autos); 3 — rampa para o 2.º sub-solo (autos); 4 — supermercado; 5 — garagens dos apartamentos; 6 — sanitários; 7 — telefônica; 8 — recepção da lavanderia; 9 — correios e telégrafos; 10 — hall; 11 — rampa para o terreno (público); 12 — elevadores (mixtos); 13 — telefones públicos; 14 — depósitos; 15 — vestiários; 16 — sub-solo do Banco; 17 — caixa forte do Banco; 18 — elev. dos apartamentos; 19 — elev. de serviço - restaurante.



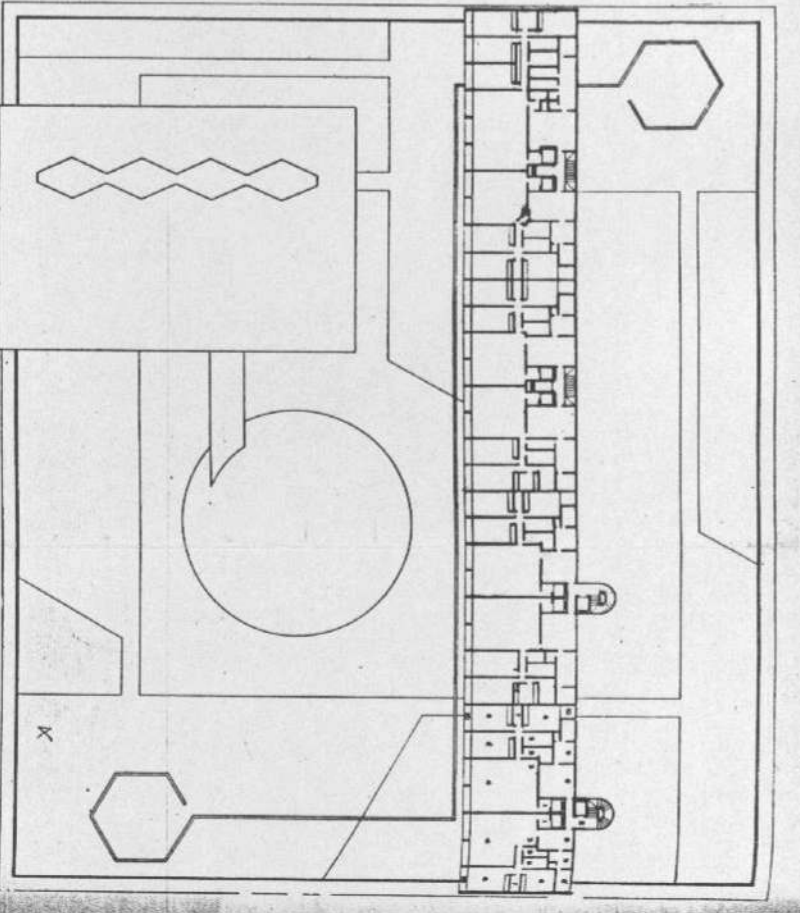
- 2.º sub-solo
- 1 — Garagens para cargas-descargas; 2 — recepção de mercadorias; 3 — depósito e depósito do supermercado; 4 — lavanderia; 5 — sub-solo dos apartamentos; 6 — reservatórios - bombas; 7 — filtros - máquinas; 8 — elevador de serviço p/ o restaurante; 9 — incinerador coletivo; 10 — sanitários; 11 — caixa d'água para lavagem de autos; 12 — compressor e equipamento para lavagem; 13 — bombas de esgoto e águas pluviais; 14 — elevadores do centro comercial (mixtos); 15 — elevador de serviço p/ o restaurante; 16 —



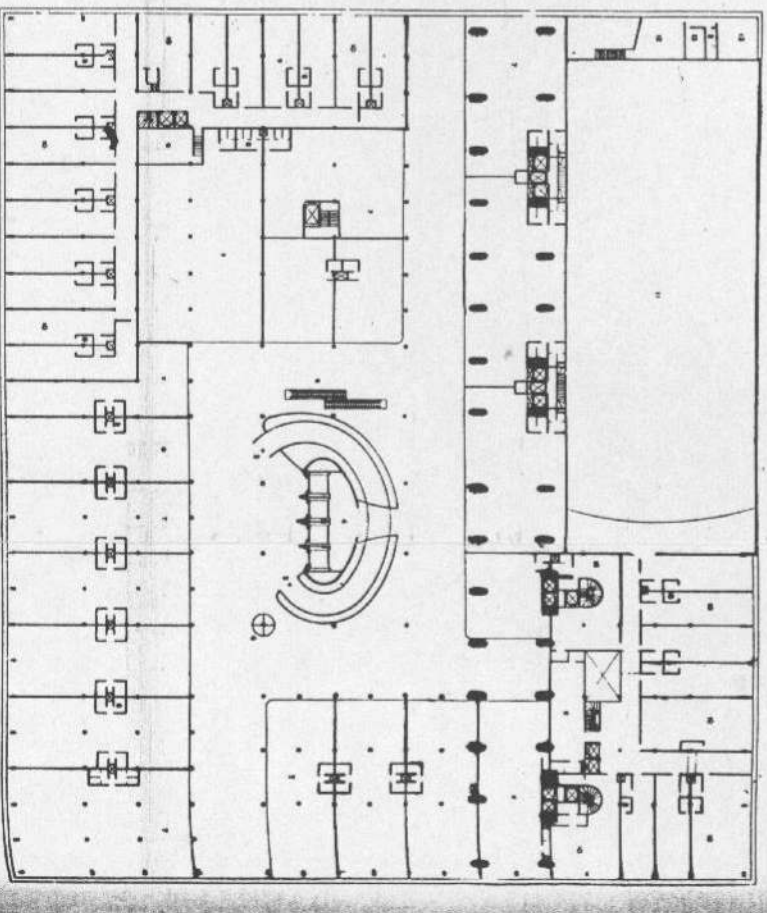
- 1.º pavimento de lojas
- 1 — Hall central; 2 — rampa p/ o pav. térreo; 3 — rampa p/ o 2.º pav. de lojas; 4 — elevadores (mixtos); 5 — telefone público; 6 — escadas rolantes; 7 — lojas; 8 — restaurante; 9 — instalações sanitárias; 10 — depósito; 11 — acesso de serviço para o restaurante; 12 — acesso para os escritórios; 13 — casa de máquinas; 14 — sala de espera para cinema; 15 — bomboniere; 16 — bar; 17 — bilheterias; 18 — escritório do cinema; 19 — sala de projeção do cinema; 20 — 2.000 lugares; 21 — saídas do cinema; 22 — escritórios (1.º pav.).



- 2.º pavimento
- 1 — Hall central; 2 — elevadores (mixtos); 3 — rampa para o 1.º pav. de lojas; 4 — rampa para o sub-solo; 5 — escadas rolantes; 6 — telefones públicos; 7 — acesso ao cinema; 12 — acesso aos escritórios; 13 — hall dos apartamentos (social); 14 — hall dos apartamentos (serviço); 15 — rampa para o 1.º sub-solo (autos); 16 — jardim de entrada dos apartamentos; 17 — rampa para o sub-



- Pavimento tipo dos apartamentos
- 1 — Hall social; 2 — hall de serviço; 3 — jantar; 4 — living; 5 — banho; 6 — dormitório; 7 — rouparia; 8 — copa-cozinha; 9 — terraço de serviço; 10 — varanda.



- 2.º pavimento de lojas
- 1 — Hall central; 2 — rampa para o terraço-jardim; 3 — rampa para o 1.º pavimento de lojas; 4 — telefone público; 5 — escada rolante; 6 — elevadores (mixtos); 7 — lojas; 8 — sanitários; 9 — casa de máquinas; 10 — escritórios (2.º e 3.º pavimentos); 11 — tazio do cinema; 12 — cabine de projeção; 13 — Depósito.



UMA CIDADE DENTRO DA CIDADE

O CONJUNTO NACIONAL É UMA REALIDADE

No início dos anos 50, revelando ser um empresário que estava à frente de seu tempo, José Tjurs planejava idealizar em São Paulo um edifício que deveria reunir num único espaço um hotel, restaurantes, bares, cinemas, lojas comerciais e de prestação de serviços, além de escritórios e apartamentos residenciais com serviço de hotelaria. Seria uma pequena cidade dentro da cidade.

Um projeto ambicioso, principalmente se considerarmos a realidade da época e o local escolhido para concretizar o empreendimento: a Avenida Paulista. Tjurs foi chamado de louco e visionário pelos amigos, e com razão, pois, mesmo abrigando as mansões da burguesia, a Paulista ficava distante do centro da cidade, endereço obrigatório dos principais bancos, dos escritórios das grandes empresas e da maioria dos estabelecimentos comerciais.

Tjurs, porém, pensava diferente, e seu espírito empreendedor já vislumbrava as mudanças que o mundo empresarial reservaria para a cidade a partir da década seguinte. Sempre atento ao comportamento do mundo dos negócios, ele notara que o comércio sofisticado da cidade – que até o final dos anos 30 se concentrava na Rua 15 de Novembro, no Centro Velho, e na década de 40 se instalara na Rua

Barão de Itapetininga –, no início dos anos 50 dava outros sinais de mudança, quando principalmente o segmento voltado à classe média começava a subir a Rua Augusta em direção à Avenida Paulista.

Para José Tjurs não existia a palavra “impossível”, e indiferente à opinião dos amigos continuou acalentando seu sonho, mesmo considerado irreal para a época, e foi à procura de um terreno. Ele estava cada vez mais determinado a construir um grande edifício na Paulista, que teria uma área residencial e outra comercial, e já tinha até o nome do empreendimento: iria se chamar Conjunto Nacional. Também queria ver a Paulista tornar-se a Quinta Avenida de São Paulo. Mas, para tanto, alguém precisava dar o passo inicial, e esse alguém seria ele.

A primeira providência foi comprar a mansão que pertencia à família de Horácio Sabino, que ficava exatamente na esquina da Avenida Paulista com a Rua Augusta. Em 1952, Tjurs começava a realizar seu sonho.

As netas de Horácio Sabino explicam os motivos que levaram a família a vender a casa após o falecimento dos avós. Quem conta é Helena:

“O meu avô não queria vender a casa, mas com a morte

dele, em 1950, e a de minha avó, dezessete dias depois, que morreu tomada de melancolia, não tinha mais sentido, para as nossas mães e tias, filhas do Horácio Sabino, manter aquela casa, pois ninguém queria pagar os impostos, que eram muito altos devido ao valor extraordinário do terreno. Acredito que, se elas tivessem tido um pouco de visão, teriam vendido outra coisa e não aquela maravilha. Se eu pudesse dar um palpite – naquela época moça não dava palpite –, teria lutado para vender outras propriedades e ficar com aquela casa como um marco do tempo e da própria Avenida Paulista.”

Sylvia também lamenta a venda da propriedade:

“Eu acho que foi uma pena ter vendido. Quando venderam a casa, ainda não havia nenhum prédio na Paulista. Na minha opinião, o Estado devia ter comprado e feito ali um museu, porque aquela casa era deslumbrante.”

José Caribé da Rocha, ainda em seu livro *Um Homem de Fazimentos*, relata um encontro casual com Tjurs, em que tomou conhecimento do projeto para a Avenida Paulista:

“Certa vez, em São Paulo, na esquina das avenidas São João e Ipiranga, depois de um cumprimento efusivo, Tjurs falou:

– Vou precisar de você. Afinal, chegou o momento de trabalharmos juntos. Acabo de comprar um terreno onde construirei uma pequena cidade. Hotel, lojas, cinemas, bares, escritórios, *nightclubs*, tudo vai ser feito num conjunto só. O comércio vai ser uma beleza.

– Mas onde é esse terreno?

– Na Avenida Paulista.

– Mas, José, aquilo lá só tem mansões, casas residenciais importantes, não comércio. Este está todo localizado aqui no centro da cidade. Você não vê que as melhores *boutiques* e outras lojas estão todas na Barão de Itapetininga e nas ruas adjacentes?

– E daí? Não tem a menor importância. Eu construo o conjunto e mudo o comércio fino para lá, tá?

Com um sorriso de descrença de nossa parte, o diálogo continuou.

– Mas o terreno foi caro?

– Trinta e seis mil contos. Já paguei os únicos três mil que eu tinha como entrada. O resto virá depois...

Assim, ele expressava o otimismo e a confiança em si mesmo e nas suas iniciativas.”

O arquiteto David Libeskind, autor do projeto do Conjunto Nacional, detalhes do folheto promocional e o início da construção do edifício.



CONJUNTO NACIONAL
AVENIDA PAULISTA
RUA AUGUSTA - AL. SAO JOSE
RUA PADRE JOAO SAO JOSE

UM EMPENDIMENTO GUERRILHA
Século

Centro Comercial

CENTRO DE LOJAS E SERVIÇOS

Monumental Garage:

Centro de Lojas

PERFIL de um Gigante

42

Para concretizar o audacioso empreendimento, Tjurs realizou uma espécie de concurso para a elaboração do projeto, que teve a participação de diversos arquitetos. Para surpresa dos concorrentes, foi escolhido o projeto de David Libeskind, de apenas 26 anos de idade, recém-formado e quase desconhecido.

O próprio arquiteto, atualmente com setenta anos, conta aquela experiência e revela alguns detalhes do projeto do Conjunto Nacional:

“Para a realização do Conjunto Nacional, José Tjurs contactou alguns arquitetos para apresentar idéias sobre o projeto e eu também fui chamado. Lembro que ele me recebeu em seu escritório, no Anexo do Hotel Excelsior, na Avenida Ipiranga, e logo começou a me chamar de ‘menino’ por causa da minha idade. Ele explicou que pretendia construir um hotel e um centro comercial para exposições de indústrias num grande terreno da Avenida Paulista e me pediu para apresentar um estudo em uma semana.

Na época – 1955 –, a Avenida Paulista era inteiramente residencial e a Rua Augusta já era o centro comercial onde estavam as lojas chiques, pois ainda não existiam *shopping centers*. Assim, sugeri uma construção que combinasse uma lâmina vertical, para apartamentos, e um jardim suspenso com uma grande área comercial embaixo, que seria um prolongamento da Rua Augusta. José Tjurs, assessorado por profissionais do setor, aprovou a minha idéia.

Acredito que ele também gostou do meu currículo de estudante de arquitetura, que incluía alguns prêmios, e por eu já ter trabalhado com profissionais de renome na minha área de atuação. Além disso, eu já havia feito alguns projetos em São Paulo, entre eles um posto de puericultura para a Legião Brasileira de Assistência e um conjunto residencial para a Refinaria de Petróleo União, que foram largamente divulgados pelos jornais e revistas de arquitetura. O projeto do Conjunto Nacional foi muito importante para o começo da minha carreira. Na época, nem escritório para trabalhar eu tinha, e morava numa pensão da Rua General Jardim.

O projeto era característico da arquitetura brasileira daquela época, com ênfase no terraço-jardim e nos pilotis. A composição arquitetônica era basicamente formada por duas lâminas: uma horizontal, para uso comercial, que ocupava toda a área do terreno, e outra, vertical, de apartamentos. Separando as duas lâminas, havia os pilotis que se

apoiavam sobre o terraço-jardim que serve de cobertura de toda a área comercial. Além dos pilotis, nesse terraço foram projetados um salão de festas e uma cúpula geodésica para abrigar o conjunto de rampas e elevadores do *hall* central.”

David Libeskind conta também de seu relacionamento com José Tjurs:

“Eu ainda tenho muito carinho pela memória de José Tjurs e uma grande gratidão por ele ter me dado a oportunidade de desenvolver o projeto do Conjunto Nacional. Eu era recém-formado e tinha apenas 26 anos; portanto, foi muito importante para o começo da minha carreira de arquiteto. Acredito que foi sorte mútua nos termos conhecidos.

Tjurs era um homem muito empreendedor, inteligente, ávido por ganhar dinheiro, e tinha uma grande visão para negócios, além de ser uma pessoa muito envolvente.

Certa vez, antes do início das obras, ele me disse:

‘Menino, eu vou valorizar a Paulista. Vou transformá-la na Quinta Avenida de São Paulo e esses magnatas ainda vão me agradecer pela valorização dos seus terrenos.’

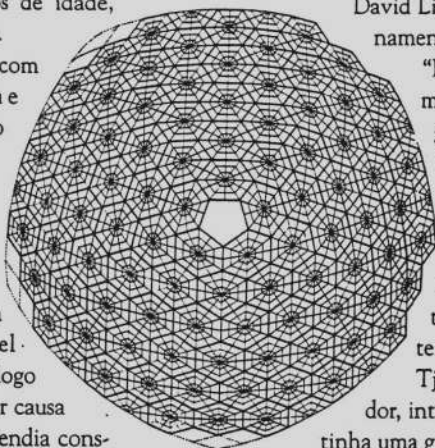
Ele teve essa ‘visão’ da Avenida Paulista, pois na época o centro da cidade começava a se deteriorar e as grandes empresas precisavam se transferir para algum lugar.”

A construção do Conjunto Nacional foi iniciada em 1955, como lembra o engenheiro Mauris Warchavchik, que fornece o quadro técnico e alguns detalhes da obra:

Arquiteto: David Libeskind
Construção: Construtora Warchavchik e Neumann Ltda.
Fundações: Prof. Sigmundo Golombek
Cálculo: Escritório Técnico Arthur Luiz Pitta
Mão-de-obra: Construtora Schimdt
Encanador: Janos Justus & Cia.
Eletricista: Hemel
Contabilidade: Prof. Paulino Conti
Jurídico: Dr. Walfrido Vilela

“A construção do Conjunto Nacional trouxe para a cidade uma grande novidade na época: uma maravilhosa cúpula de alumínio geodésico, que foi construída pelo engenheiro Hans Eger. É importante notar que ela é toda

No alto, o desenho original da cúpula geodésica. Ao lado, detalhes da sua construção, no segundo terraço da lâmina horizontal.





Mas, fazendo calar os pessimistas, em 1957, um ano antes de a lâmina horizontal ficar pronta, o Fasano inaugurou a confeitaria na calçada da Avenida Paulista. Na véspera, passamos a noite lá, arrumando as últimas coisas, e às cinco da manhã abrimos as portas e demos por inaugurado.

No começo, éramos só nós. Logo depois começaram a funcionar também uma locadora de automóveis (a Auto Drive), uma floricultura (a Rinaldi Flores) e uma barbearia (o Salão Nacional), onde eu cortava o cabelo semanalmente.

Eu ainda me lembro de sentir o cheiro de cal e de cimento nos corredores, pois durante muito tempo convivemos com a confusão da obra. Na época, apenas o térreo estava funcionando, pois o restante do prédio horizontal ainda estava sendo construído.

Alguns meses depois, em 1958, inauguramos o restaurante e em seguida o jardim de inverno, que se tornaria famoso como salão de festas. O restaurante era muito ele-

gante, freqüentado inclusive por aquelas famílias dos casarões, e o jardim de inverno, luxuosamente decorado, era aberto apenas para bailes e grandes recepções."

Depois de concluída, a lâmina horizontal cobria todo o andar térreo, que formava uma ampla galeria onde se cruzavam quatro amplos corredores – de 11 metros de largura – que formavam uma praça de 1.600 metros quadrados, com entradas pela Avenida Paulista e pelas ruas Augusta, Padre João Manoel e Alameda Santos. Do centro da praça, subia uma rampa em caracol que levava ao mezanino, onde havia um grande terraço com jardim, ornado com uma cúpula geodésica que servia de cobertura, além de um salão para a realização de exposições e eventos culturais, que depois seria adquirido pelo Restaurante Fasano para a instalação do restaurante e do jardim de inverno.

O setor comercial, uma área de 57.000 metros quadrados, foi destinado a um centro de compras e serviços,

considerado o primeiro e o maior da América do Sul, conforme oferecia o folheto de venda elaborado na época do empreendimento:

“Ampla garagem; área em subnível para carga e descarga; supermercado; lavanderia; centro telefônico (serviço geral do Conjunto); serviços de correio e telégrafos; lojas para fino comércio; agências bancárias; Caixa Econômica Federal; conjuntos para consultórios; sede da administração geral; restaurante; salão de chá; confeitaria e salão de festas.”

A lâmina horizontal do Conjunto Nacional foi inaugurada oficialmente em dezembro de 1958, com a presença do presidente Juscelino Kubitschek e centenas de convidados ilustres, entre eles o ator David Niven, que se encontrava em São Paulo. Em poucos meses, muitas lojas estavam funcionando, e no início de 1961 foi inaugurado o Cine Astor, logo eleito o mais luxuoso e o mais moderno cinema da cidade.

O centro comercial do Conjunto Nacional também lançava uma nova mania paulistana, que se tornaria moda nos anos 60: as galerias comerciais. Ao mesmo tempo, inspirava a construção do primeiro *shopping center* da cidade, o Iguatemi, que seria inaugurado em 1966.

As obras continuaram. Mas a construção da torre que abrigaria o Hotel Nacional de São Paulo foi vetada pelas autoridades: não era permitido construir hotéis na Avenida Paulista.

Num primeiro momento, Tjurs pensou em construir seis edifícios residenciais num único bloco, todos com entradas independentes, com 23 apartamentos cada – um por andar. Os edifícios já estavam até batizados: *Guayupirá*, *Jacirendy*, *Amanayara*, *Nhandeyara*, *Amanacy* e *Jurupar*. Era uma homenagem de Tjurs aos deuses indígenas.

Os apartamentos contariam com uma rede de serviços auxiliares, como informava o folheto promocional de lançamento do empreendimento:

“Cada edifício tem um único apartamento por andar, de grande luxo e alto conforto, finamente acabado e dotado de todos os requisitos de uma residência de grande trato. É servido por dois elevadores: um nobre, de grande velocidade, e um de serviço.

Cada apartamento conta com serviço especial de mensagens; serviço especial de empregados domésticos, por tarefa e por dia; serviço telefônico nos apartamentos e lojas; gerador de força e luz; abastecimento suplementar de água, próprio; central de gás liquefeito; todas as facilidades do centro comercial; garagem para todos os apartamentos.”

Sem saber, José Tjurs estava antecipando em uma década

o surgimento dos *shopping centers* e, se a idéia fosse concretizada, em pelo menos 25 anos o sistema de *apart-hotel*, hoje tão popular em todo o Brasil.

Porém, Tjurs mudou o projeto e reduziu a lâmina vertical para três edifícios de 25 andares: um residencial, o Guayupirá, com apartamentos de 190 a 890 metros quadrados, e dois comerciais: o Horsa I, para pequenos escritórios e consultórios, e o Horsa II, para empresas de grande porte.

O engenheiro, empresário e consultor de administração Luiz Carlos dos Santos Vieira, atualmente com 75 anos, na época administrador da obra, lembra as modificações que ocorreram durante a construção do edifício:

“Em 1956, durante a construção do Conjunto Nacional, fui procurado pelo José Tjurs, que me pediu para administrar a obra do ponto de vista empresarial, alegando que tinha uma série de dificuldades para acompanhar o empreendimento. Na época, eu era piloto da Aeronáutica, mas, como era casado com a sobrinha do Tjurs, resolvi aceitar o convite e trabalhei na Horsa até 1958.

Inicialmente, pelo projeto do Conjunto Nacional elaborado pelo David Libeskind, na lâmina vertical deveria ter só apartamentos, de diversas dimensões e cômodos. Porém, devido a uma crise no mercado imobiliário, a área residencial acabou restrita à primeira torre. Ao construir a segunda torre, Tjurs optou por transformar tudo em um prédio de escritórios, o mesmo acontecendo com o terceiro bloco, que deveria ser um hotel, com uma área social muito grande no térreo. Em meus contatos com Tjurs, eu sentia que ele gostaria de ter complementado sua rede em São Paulo com o hotel que havia sido projetado no Conjunto Nacional.”

O engenheiro Fausto Favale, que ainda hoje presta serviços para a administração do Conjunto Nacional, também relata as peripécias que envolveram a construção da lâmina vertical do edifício:

“No decorrer da construção, provavelmente devido aos rumos do mercado imobiliário, Tjurs mudou o projeto, e o prédio onde seria o Hotel Nacional de São Paulo foi transformado em grandes conjuntos comerciais. Outra adaptação foi no terraço: no local onde hoje está o galpão que faz frente para a Paulista, seria a piscina do hotel, e onde está a Liguigás seriam os salões para recepções e convenções. Durante muitos anos, ali funcionou o Restaurante Fasano, que era o salão mais elegante de São Paulo. O hotel teria também um cinema, onde hoje é o Cine Astor – que ainda é o maior cinema de São Paulo e

A inauguração do Conjunto Nacional, em dezembro de 1958, contou com a presença do presidente da República, Juscelino Kubitschek.

que durante muitos anos teve o melhor ar condicionado da cidade –, e um teatro, onde atualmente é o Cine Arte. Tudo isso foi criação de José Tjurs.”

Mas nem todas as modificações introduzidas por José Tjurs agradaram ao autor do projeto. David Libeskind lamenta as “intervenções” feitas no projeto original:

“Apesar de ousado e inteligente, Tjurs não tinha sensibilidade estética. Talvez por isso tenha deturpado o projeto do edifício. No começo, ele não sabia exatamente o que pretendia fazer na lâmina vertical e foi mudando de idéia à medida que a construção avançava. Inicialmente, pensou em um hotel, depois em apartamentos residenciais, mas acabou optando por uma solução inusitada: o edifício teria uma ala residencial e outra comercial.

Durante a construção, ávido por ganhar mais dinheiro, ele começou a invadir as áreas comuns do condomínio com construções extraprojeto. Invadiu as áreas de circulação das galerias com lojinhas precárias e mal construídas. Depois, as áreas livres dos pilotis foram precariamente fechadas e transformadas em escritórios e depósitos. Ainda sobre o terraço-jardim construíram dois enormes galpões comerciais, que até hoje estão lá.

Lembro que, em dezembro de 1957, quando ainda estava em construção, o edifício foi visitado e elogiado por um dos maiores arquitetos do século XX: Mies Van Der Rohe, que preconizava ‘a busca da beleza mediante a rejeição não só de ornamentos mas de tudo o que é supérfluo’. Evidentemente, naquela época, os ‘enfeites’ supérfluos ainda não tinham sido introduzidos no edifício...

Mesmo assim, ao ficar pronto, o Conjunto Nacional era a maior área construída da América Latina e foi matéria das principais revistas e livros de arquitetura do Brasil e do exterior, e durante todos esses anos tem sido tema de trabalhos das faculdades de arquitetura.”

Finalmente, e apesar das modificações do seu projeto original, em 1962 a lâmina vertical estava pronta, com 120.000 metros quadrados de área construída. O custo total do empreendimento, em valores da época, foi de meio bilhão de cruzeiros.

De frente para a Paulista, o prédio tinha um recuo de 72,20 metros da avenida, e no alto do edifício foi instalado o relógio luminoso da Willys, que dominava toda a cidade, e à noite podia ser avistado dos pontos mais distantes.

Os edifícios comerciais logo receberam os primeiros ocupantes, entre grandes empresas, pequenos escritórios e diversos consulados, como os da França e dos Estados Unidos, e algumas famílias da elite paulistana foram morar no

prédio residencial, nos amplos e modernos apartamentos. No piso térreo, o centro comercial continuava a atrair lojistas, o que aumentava o fluxo de visitantes, tanto da região como de outros bairros.

Como José Tjurs havia planejado, o Conjunto Nacional era, de fato, *uma cidade dentro da cidade*.

O edifício pronto causou um forte impacto em algumas pessoas, como foi o caso de Helena, uma das netas de Horácio Sabino:

“Quando comprou a casa, para não ficarmos tristes, o Tjurs disse que ia fazer um hotel e conservar todas as árvores. Mas ele não cumpriu a promessa e fez aquele pavor que está lá. Quando vi o que foi feito lá, notei que tiraram todas as árvores, inclusive o enorme carvalho que o meu avô havia trazido da Europa, que ficava na entrada da casa e poderia ter ficado na calçada. Senti uma tristeza muito profunda. Até hoje sonho com aquela casa e quando acordado não tenho certeza se ela ainda existe ou não.

Lembro que a primeira vez que fui ao Conjunto Nacional, para assistir a um filme no Cine Astor, me senti muito mal: quando entrei no cinema, tive uma sensação muito estranha, porque estava exatamente em cima da garagem e da casa do motorista. Enquanto subia aquela rampinha eu ia me lembrando do que havia sido aquilo.

No começo, o Conjunto Nacional era melhor, era até bonito – tinha corredores largos e grandes. Mas depois foram fazendo bibocas em todo lugar.”

Sylvia, a outra neta de Horácio Sabino, compartilha da opinião da prima e também fala do Conjunto Nacional:

“Quando vi o Conjunto Nacional pela primeira vez tive um impacto negativo muito grande, porque aquele espaço era considerado nosso – representava a nossa infância, a nossa vida, o meu casamento, a morte dos nossos avós. Quando aquela casa foi derrubada, tivemos um sentimento de perda muito grande, e a visão do Conjunto Nacional, que não brilha muito pela estética, foi um choque.”

Depois de concluído, o Conjunto Nacional passou a ser um marco na cidade de São Paulo, que ostentava um novo cartão-postal, e anunciava novos tempos para a Avenida Paulista, dando a largada para a verticalização de toda a região. Como havia previsto José Tjurs, o edifício também deu início à valorização do metro quadrado dos terrenos das mansões, que com a chegada do poder financeiro, nos anos 70, alcançaria valores astronômicos, uma tendência que transformaria radicalmente a poderosa avenida.

Ao ficar pronto, no início dos anos 60, no alto do edifício foi instalado o relógio luminoso da Willys.



ANOS DOURADOS

CELEBRIDADES, PLAYBOYS E GLAMOUR INVADEM A PAULISTA, A RUA AUGUSTA E OS JARDINS

*A*o se aproximar o final dos anos 50, a Avenida Paulista se encontrava em plena transformação. As antigas mansões, com seus amplos jardins, continuavam embelezando a avenida, mas os sinais da modernidade já eram visíveis em toda a sua extensão, devido aos novos edifícios residenciais que desde o início da década vinham pipocando em vários pontos, e alguns deles ainda hoje representam um marco da beleza arquitetônica da época.

Um exemplo é o atual Edifício Savoy, na esquina da Paulista com a Alameda Joaquim Eugênio de Lima. Construído em 1954 por Alfredo Mathias, foi o primeiro prédio residencial realmente luxuoso da avenida, em plena harmonia com a nobreza das mansões. Além de amplos apartamentos *duplex*, o edifício tinha piscina e salão de barbeiro para uso exclusivo dos moradores, e nos anos 60, no térreo, acolheu a Maison Dener, do costureiro que vestia as senhoras mais elegantes da sociedade paulistana. Em 1980, o prédio foi adquirido pela Imobiliária Savoy, que o adaptou para uso comercial e lá instalou sua sede. A piscina foi transformada em estacionamento, e no local onde havia sido o ateliê de Dener passou a funcionar a primeira loja da rede de lanchonetes McDonald's em São Paulo.

Outro edifício importante foi o Residencial Nações Unidas, erguido em 1959 na esquina com a Avenida Brigadeiro Luís Antônio. Em sua fachada foi instalado um painel do artista plástico Clóvis Graciano, elaborado em quadrados de cerâmicas, que ainda hoje pode ser admirado no local.

Na mesma década, depois que a prefeitura permitiu a instalação de prédios institucionais e de serviços na Paulista, surgiu o Clube Homs, para alegria dos moradores da região, pois os clubes mais próximos, entre eles o Paulistano e o Pinheiros, ficavam um pouco longe, e o Nacional e o Harmonia eram clubes fechados, acessíveis apenas à elite. Além de um agradável jardim suspenso, com uma enorme piscina, outra atração do clube era o salão de bailes. Era a época das grandes orquestras e dos ritmos latinos, e o Homs era o endereço certo para os casais que gostavam de dançar bolero, mambo, rumba, cha-cha-cha e, de quebra, podiam ensaiar os primeiros passos de rock'n roll, o novo ritmo que começava a dominar o mundo e estava chegando ao Brasil.

Assim, a Paulista adentrava a nova década em clima de grandes mudanças, iniciando um período que seria marcado pela luta constante do velho contra o novo. Ou melhor, do antigo contra o moderno.

Os anos 60 foram gloriosos para o Conjunto Nacional, que passou a acolher muitas famílias abastadas em seu edifício residencial. Um desses moradores ilustres foi Francisco Matarazzo Sobrinho, o "Ciccillo", fundador do Museu de Arte Moderna e organizador das primeiras Bienais, que em 1963 passou a ocupar um apartamento no 22º andar. Numa cidade ainda pouco verticalizada, o panorama que os andares mais altos ofereciam era simplesmente deslumbrante: podia-se avistar toda a cidade, desde a várzea dos rios Pinheiros e Tietê, o pico do Jaraguá, até a serra da Cantareira.

No início daquela década, os Jardins e o Pacaembu já estavam totalmente ocupados por mansões, e devido ao grande aumento da população da cidade, que chegava aos 5 milhões de habitantes, surgiram outros bairros residenciais. Foi quando a elite elegeu o Morumbi como o mais novo reduto nobre da cidade, e residências elegantes começaram a ser construídas também no Alto de Pinheiros e no Alto da Lapa, bairros voltados para a classe média.

Os lojistas da Rua Barão de Itapetininga começaram a ficar preocupados, pois a aristocracia se afastava sempre mais da região central da cidade, o que fazia diminuir a frequência da clientela abastada. Intensificou-se o processo de mudança do comércio sofisticado, que resolveu acompanhar a tendência da elite. Foi quando a famosa Peleteraria Americana, o tradicional ateliê de alta-costura aberto nos anos 30 pela uruguaia Rosita Libman, deixou a Rua Barão de Itapetininga para se instalar no Conjunto Nacional, levando todo o seu luxo para o edifício. Em 1964, o ateliê adotou o nome Madame Rosita e passou a ocupar um amplo casarão na Paulista, próximo à Rua Bela Cintra, onde permaneceu até 1993, quando mudou para a Alameda Jaú.

Em seguida, muitas *griffes* famosas transferiram suas *boutiques* para a Rua Augusta, com maior concentração no trecho entre a Avenida Paulista e a Rua Estados Unidos. De imediato, a Rua Augusta tornou-se sinônimo de *glamour* na cidade, um complemento à sofisticação da confeitaria, do restaurante e do jardim de inverno do Fasano, que brilhava absoluto no espigão da Paulista.

Empresas prestadoras de serviços e profissionais liberais também trocaram seus escritórios do centro da cidade pelas salas do Conjunto Nacional, o único edifício comercial da região, que passou a abrigar agências de publicidade, escritórios de contabilidade e de advocacia, consultórios médicos e dentários e outros estabelecimentos. Todos queriam ficar mais perto dos clientes.

Desde a inauguração, a Confeitaria Fasano, com suas mesas espalhadas pela ampla calçada do Conjunto

Nacional, fervilhava de gente dia e noite. O movimento começava pela manhã, quando a atração era o *caffè espresso*, feito em máquina italiana – uma das poucas existentes na cidade –, e na hora do almoço as vedetes eram as saborosas coxinhas de frango, os deliciosos *croissants* recheados e uma grande variedade de sanduíches. À tarde, as elegantes senhoras se encontravam no Fasano para tomar chá, um pretexto para trocar confidências e fazer uma merecida pausa entre suas compras. Algumas horas depois, a confeitaria era tomada pelos homens, que tomavam um aperitivo e conversavam com os amigos antes de voltar para casa. E à noite era a vez dos namorados, que aproveitavam para trocar juras de amor, e dos boêmios, que permaneciam no local até fecharem as portas. Aos domingos o Fasano era uma grande festa, parada obrigatória para um aperitivo depois da missa, antes de seguir para o almoço em casa, um hábito cultivado principalmente pelas famílias de origem italiana.

O ambiente da confeitaria era fantástico, pois naquele tempo a Avenida Paulista ainda era arborizada com ipês- amarelos, e na calçada, revoadas de pombos completavam o lúdico cenário. Tudo era perfeito no Fasano, e o requinte chegava a tal ponto que, quando por ali aportava um quarteto de cordas, o cliente podia deleitar-se com a suavidade de algum trecho de música barroca. Nesses momentos, ao fechar os olhos, o pensamento do cliente mais sonhador poderia ser conduzido, num passe de mágica, até a Piazza San Marco, em Veneza, mais precisamente ao Florian, envolvido pelo som de um concerto de Corelli, Albinoni ou Vivaldi.

Em 1958, o Fasano abriu o seu luxuoso restaurante no mezanino, onde se realizavam os famosos "jantares dançantes", e o requintado jardim de inverno, logo eleito o melhor e mais elegante salão de festas da cidade, com capacidade para duas mil pessoas.

Em plenos "Anos Dourados", o salão era cenário de concorridos bailes de formatura, protagonizados por garotas de saias rodadas e laçarotes na cabeça e rapazes de *smoking* e topete carregado de brilhantina, que dançavam ao som da orquestra de Sylvio Mazzucca sob os efeitos de varias doses de *cuba-libre*, a bebida da moda entre a juventude da época. Nas noites de verão, os jovens casais aproveitavam para namorar no terraço em frente ao jardim de inverno e admirar a lua que brilhava majestosa na Avenida Paulista, por sobre as imponentes mansões da aristocracia paulistana.

A Confeitaria Fasano, com mesas na calçada, era freqüentada pela elite. À noite, era ponto de encontro de casais de namorados.



O Fasano era também palco obrigatório dos grandes nomes da música internacional que visitavam São Paulo. Fabrizio Fasano recorda aquela época áurea do restaurante e revela algumas curiosidades dos artistas que se apresentaram no Jardim de Inverno Fasano:

“Geralmente, os artistas internacionais que vinham se apresentar no Teatro Record, na Rua da Consolação, eram convidados para um espetáculo no Fasano. Eles faziam uma curta temporada, sempre de quarta a domingo, e se apresentavam no restaurante no sábado à noite. Assim, foram possíveis os shows de Nat ‘King’ Cole, Marlene Dietrich, Sammy Davis Jr., Yma Sumak, Roy Hamilton, Sarah Vaughan, Domenico Modugno, Renato Carosone e outros.

Como havia muita gente querendo ver as raras atrações internacionais que passavam pela cidade, aos sábados eram realizados dois shows no teatro: às oito e às dez e meia da noite. O show no Fasano seria o terceiro numa mesma noite; portanto, nem todas aquelas apresentações foram tranquilas, como a de Nat ‘King’ Cole, por exemplo.

Na noite de sábado, inesperadamente, depois de sua segunda apresentação no teatro da Record, Nat ‘King’ Cole foi embora para o Othon Palace Hotel, na Rua Líbero Badaró, onde estava hospedado. Por volta da meia-noite, quando a casa já estava lotada, o empresário dele ligou para o restaurante informando que o cantor estava completamente bêbado.

Ao saber disso, fui até o hotel conversar com ele, e o empresário disse que o Nat não teria condições de cantar. Expliquei que o cancelamento do show dele estava fora de cogitações, pois além de ter um grande prejuízo, as pessoas ficariam revoltadas, o que iria denegrir a imagem do cantor. Depois de muito insistir, finalmente ele concordou em colocar o cantor no meu carro, e lá fomos nós para o Fasano.

O show estava marcado para a uma e meia da madrugada e já havia passado das duas horas quando chegamos, em meio a inúmeras reclamações. Por volta das três, quando Nat subiu ao palco, houve um misto de palmas e vaias da platéia, já cansada e revoltada. Não é preciso dizer que o espetáculo foi um grande vexame. Até os músicos, cansados de esperar, resolveram tocar mais alto, encobrindo a voz do cantor.

A melhor parte do espetáculo foi quando ele cantou tocando ao piano, inclusive por ter acontecido uma coisa muito engraçada: ele havia deixado sobre o piano um copo de uísque, que deslizava em direção à beirada, enquanto ele tocava. Boa parte do público ficou na expectativa, rindo, pois o cantor, totalmente bêbado e entretido com a música, não percebia o copo se deslocar. Quando o copo estava prestes a cair sobre o teclado, aos últimos acordes de *Fascination*, Nat levantou a cabeça e agarrou o copo praticamente no ar, para delírio do público, que o aplaudiu de pé. Acredito que foi a cena que salvou o espetáculo.

Com Marlene Dietrich, os problemas foram outros, talvez

decorrentes da idade – na época ela devia ter aproximadamente sessenta anos. Ela não gostava de determinadas cores da iluminação; portanto, trouxe um roteiro pronto dos Estados Unidos. Como estava tudo em inglês, o iluminador acabou trocando algumas cores durante os ensaios. Ela ficou irritada e disse que não iria cantar naquele lugar. Resultado: como eu dominava bem o idioma, naquela noite acabei me tornando o iluminador do espetáculo.

Na apresentação de Yma Sumak também surgiram alguns empecilhos: entre os músicos que acompanhavam a cantora estava seu filho, de doze anos, que tocava tambor e que por ser menor de idade não poderia se apresentar numa casa noturna. Ela exigiu a presença do garoto; do contrário, não haveria show. Naquela época o Juizado de Menores era muito rigoroso, e foi uma luta conseguir a autorização do delegado. A condição foi que o garoto sumisse depois do espetáculo. Yma Sumak concordou. Assim, depois do show, um motorista levou às pressas o menino para o hotel.

Na apresentação de Sammy Davis Jr. o problema foi ainda mais grave: ele simplesmente não tinha conhecimento do show no Fasano. Eu logo percebi isso, pois, geralmente, os cantores e produtores de um espetáculo sempre faziam uma visita ao local onde seria realizado o show, e naquela ocasião não apareceu ninguém. No sábado, no intervalo entre a primeira e a segunda apresentação no Teatro Record, fui conversar com o cantor. Realmente, ele não sabia de nada, e disse que não tinha condições de fazer três shows numa mesma noite. Argumentei que a casa

estaria lotada e que não ficaria bem, etc. Então, ele perguntou se eu já havia pago pelo seu show. Mesmo já tendo pago à Record, disse que não. Foi a minha sorte. Ele disse que se apresentaria desde que a renda fosse entregue a uma instituição de caridade. Combinamos tudo, chamamos um representante de uma instituição e, depois do show, ele mesmo entregou o cheque.

Com os cantores italianos, entre eles Domenico Modugno e Renato Carosone, nunca houve problemas, pois eles gostavam de se apresentar pelo simples prazer de cantar, e por eles faziam até quatro shows numa mesma noite. Para eles, o que importava era a alegria do momento e o aplauso do público.”

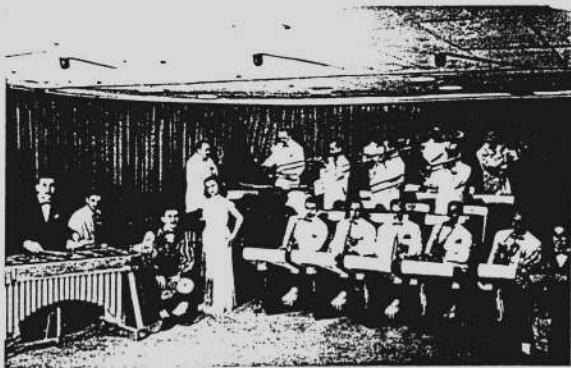
O Fasano também recebeu algumas visitas de estadistas ilustres, entre eles o revolucionário cubano Fidel Castro e o presidente norte-americano Dwight Eisenhower, como lembra Fabrizio Fasano:

“Numa noite de 1960 recebi um telefonema do Dops perguntando se tinha muita gente no restaurante. Disse que havia apenas cinco mesas ocupadas. Pediram para não deixar entrar mais ninguém, pois o restaurante, a partir daquele momento, estaria reservado para um estadista estrangeiro.

Depois de aproximadamente uma hora chegaram o pessoal do Dops e um grupo de homens fardados, todos de barba, carregando enormes metralhadoras. Entre eles um homem que parecia um gigante, de quase dois metros de altura. Era Fidel Castro, que estava a caminho da Argentina, mas o avião em que estava viajando fora obrigado a fazer uma parada técnica em Congonhas.

À mesa, havia sido convidado apenas um jornalista brasileiro, Ruy Mesquita, diretor do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Sylvio Mazzucca animava os bailes no salão de festas. Nat “King” Cole, Marlene Dietrich e Roy Hamilton cantaram no Restaurante Fasano.



“GRANDE FESTIVAL DA CANÇÃO INTERNACIONAL”
JARDIM DE INVERNO FASANO



MARLENE DIETRICH
1954 - 1955

Após o jantar, Fidel conversou com o pessoal da cozinha, deu caixinha para todos os empregados, em dólares, e distribuiu autógrafos e charutos cubanos para os presentes. Em seguida, ele e seus companheiros foram levados para o Hotel Jaraguá, onde passariam o resto da noite.

Quando o presidente dos Estados Unidos Dwight Eisenhower visitou consulado americano, que ficava no Conjunto Nacional, foi lhe oferecido um almoço no jardim de inverno, que na minha opinião foi a festa mais bonita realizada no Fasano. Servimos mil pessoas sentadas. Antes de começar o serviço, fechamos as cortinas e entraram quarenta garçons, cada um deles com uma miniatura da Estátua da Liberdade esculpida em gelo e iluminada."

Quem lembra outros detalhes da recepção a Dwight Eisenhower no Fasano é o jornalista Luiz Ernesto Kwall, que por diversas vezes conseguiu furar o esquema de segurança, formado de 1.330 homens, montado pelo FBI. Ele apertou duas vezes a mão do presidente, ganhou um autógrafo e conseguiu entrar no elevador de "Ike":

"No dia 25 de fevereiro de 1960, cheguei ao Fasano minutos antes do presidente Eisenhower. Decidi ficar junto ao pessoal do consulado norte-americano (havia lido nos jornais que Ike cumprimentaria seus servidores em São Paulo). Dito e feito. O carro parou, a guarda se postou, os cara-feia avançaram e a banda tocou um repique lindo de se escutar. Ike veio duro e curvado. Vinha chegando. Chegou a minha vez:

Em 1960, o restaurante recepcionou o presidente norte-americano Dwight Eisenhower. Na foto, o jornalista Luiz Ernesto Kwall, que driblou o esquema de segurança e se aproximou do presidente.



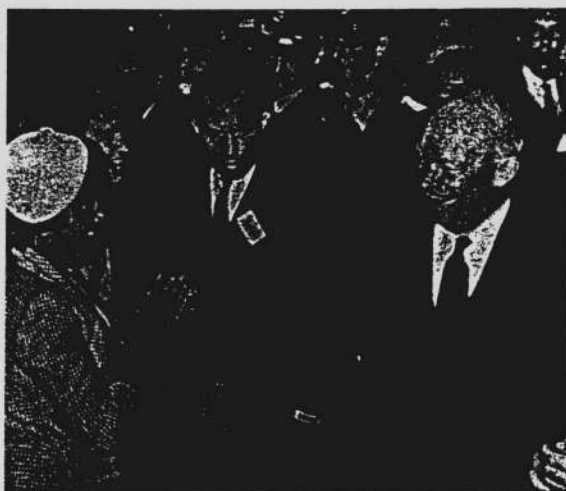
'I am very glad to see again the president', disse eu.

Ike respondeu com um largo sorriso e apertou com vigor a minha mão.

Entrei no salão do banquete. O Fasano cheíssimo, em dia de gala. Decoração perfeita: Rinaldi. Veio o filé de pescada, depois o peito de frango *braisé*. Vinhos Dreher (Ike pediu garrafas para levar aos Estados Unidos), Precioso e champanhe Peterlongo.

Em seguida, entreguei ao Rubi (*maître* do Fasano) o meu cardápio, onde havia escrito um bilhete ao governador Carvalho Pinto, pedindo para ele conseguir um autógrafo de Eisenhower. O Rubi entregou o cardápio e Ike assinou no verso. O governador ficou me procurando com os olhos. Eu esperei a turma dos garçons (entravam em fila, carregando os pratos, numa operação quase militar). Traziam a sobremesa: bolo gelado crocante à Fasano. Acompanhei a fila e fui até a mesa principal. Surpreso, Carvalho Pinto devolveu o cardápio, agradeceu a ele e ao presidente e me afastei, pois os homens da segurança já estavam se aproximando.

Após o almoço, Ike fez um discurso em defesa da democracia e das liberdades. Na saída do Fasano, eu me vi andando sozinho em meio a duas filas de policiais que se davam os braços. À minha frente, aberto, certamente aguardando o presidente, o enorme elevador do prédio. Tentei a grande jogada. Andando sempre para a frente, em direção à porta do elevador, olhei os seguranças e entrei resoluto no grande veículo. Decorreram alguns segundos e chegaram, escoltadíssimos, Carvalho Pinto e Eisenhower. Ambos entraram no elevador e ficaram surpresos com a minha presença quando a porta de aço se fechou. Vermelho e muito suado, Ike encostou-se num dos cantos do elevador



e comentou com o governador que a sala estava muito quente e que ele havia se cansado com o longo discurso. O elevador chegou ao térreo e, antes de Ike ser cercado pelas feras da segurança, agradei novamente o autógrafa com outro aperto de mão. Terminava assim minha aventura no Fasano."

Mas, apesar de todo aquele sucesso, o Fasano não ficaria muito tempo em poder dos seus proprietários. Continuando seu depoimento, Fabrizio Fasano aponta os motivos que levaram seu pai a vender o restaurante:

"O Fasano foi vendido em 1963 por causa da situação política do país. Havia um clima de grande insegurança, medo do comunismo; então, muitas pessoas vendiam suas propriedades para o caso de ter de deixar o país. O Fasano era um complexo caro, com quase quinhentos funcionários, e como havia uma crise geral, tanto política como econômica, o movimento do restaurante começou a piorar cada vez mais. Assim, meu pai resolveu vender para a Liquigás, uma empresa italiana muito forte que pertencia ao grupo Agip.

Mesmo sem ter nenhuma experiência no ramo de restaurantes, eles resolveram arriscar, pois ganhavam muito dinheiro – na época, o gás era comprado da Petrobrás com um prazo de noventa dias para pagar e era vendido à vista, nos botijões, para o consumidor. Na verdade, o que interessava à Liquigás era o ponto, com toda aquela área em plena Avenida Paulista, tanto que, em 1968, o restaurante e o jardim de inverno foram fechados e o local passou por reformas para ser adaptado a funcionar como escritório, e a empresa continua lá até hoje. Apenas a confeitaria

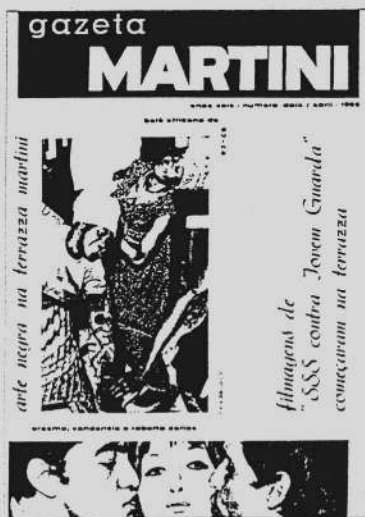
permaneceu aberta por mais alguns anos. Eu fiquei trabalhando no restaurante até 1964, pois o meu relacionamento com os italianos não foi muito bom. Meu pai continuou mais um tempo, até 1967.

Ainda hoje, quando passo pelo Conjunto Nacional, sinto uma nostalgia muito grande. Na época eu estava na flor da idade e passei cinco ou seis anos de minha vida freqüentando aquele lugar diariamente. Até que era gostoso, pois o Conjunto Nacional era uma área linda, com as calçadas enormes e os corredores amplos."

Outros pontos elegantes do Conjunto Nacional no início dos anos 60 eram a Terrazza Martini e o Cine Astor.

A Martini & Rossi, que iniciou suas atividades no Brasil em 1950, instalou seu escritório central no Conjunto Nacional em 1962, e no último andar do edifício, em fevereiro de 1963, abriu a Terrazza Martini, que se tornaria famosa como ponto de encontro de personalidades de destaque do meio cultural, artístico, social e esportivo. Nos anos 60, Pelé, Roberto Carlos, Nara Leão, Claudia Cardinale, Vittorio Gassman e outras figuras em evidência foram recepcionados na Terrazza. A empresa mudou sua denominação para Bacardi-Martini e continua no Conjunto Nacional.

Freqüentado pela elite da cidade, o Cine Astor competia com o Restaurante Fasano em luxo e sofisticação. Na verdade, o público era mais ou menos o mesmo, pois era comum ir ao cinema e depois jantar fora, ou vice-versa, dependendo do horário da sessão. Evidentemente, tanto para um programa como para outro, os hábitos da época exigiam terno e gravata dos homens e *tailleurs* e luvas das mulheres.



Em 1963, o Cine Astor seria palco de um protesto de senhoras conservadoras da sociedade paulistana por ocasião da exibição do filme *A Doce Vida*, de Federico Fellini.

Dante Ancona Lopez, atualmente com 88 anos, quase todos dedicados ao cinema, o responsável pelo lançamento dos primeiros filmes de arte na cidade quando era proprietário do Cine Coral, na Rua 7 de Abril, relata o episódio:

"Parece incrível, mas o maior escândalo provocado pelo Cine Astor foi a exibição de uma das melhores fitas produzidas até hoje: *A Doce Vida*, de Fellini.

Na época, eu estava em Roma, onde encontrei Hugo Sorrentino, o dono da Art Filmes, que tinha comprado *A Doce Vida* para ser exibido no Brasil e que me disse:

'Eu sei que você está com o Cine Coral em São Paulo e que está fazendo muito sucesso. Quero que você passe o filme em seu cinema.'

Agradei a consideração, mas recusei, pois sabia que ele havia fechado um contrato de exclusividade com o Cine Astor, que pertencia à Companhia Serrador, e como eu era muito amigo do Júlio Llorente, que era diretor daquela distribuidora, deixei claro que não queria criar nenhuma encrenca com ele. Ao que, ele respondeu:

'Eu vou para São Paulo dentro de quinze dias e vou resolver isso com ele.'

Dias depois estava tudo acertado, com uma condição: o Coral exibiria o filme junto com o Astor nas duas primeiras semanas e depois ficaria só no Astor. Porém, aconteceu exatamente o contrário, pois o Astor nem chegou a completar a primeira semana: alguns dias depois da estréia, senhoras moralistas dos Jardins ficaram escandalizadas com as cenas eróticas do filme e criaram uma grande confusão - rasgaram os cartazes e quebraram as vidraças do cinema, exigindo que o filme fosse retirado da programação. Resultado: *A Doce Vida* ficou em cartaz no Coral durante 26 semanas."

Evidentemente, o Conjunto Nacional não era só festa e diversão, e a partir de 1969 passou a abrigar um reduto cultural que se tornaria um marco no local: a Livraria Cultura, famosa em todo o Brasil e respeitada no exterior pelo nível de seu acervo de títulos nacionais e internacionais, certamente o mais completo do país.

A semente da livraria foi lançada em 1947, quando Eva Herz, recém-chegada a São Paulo junto com o marido Kurt, decidiu abrir um serviço de empréstimos de livros. Eram apenas dez títulos em língua alemã que formavam

Eva e Kurt Herz, fundadores da Livraria Cultura, que em 1969 mudou para o Conjunto Nacional e passou a ser dirigida por Pedro Herz.



sua biblioteca particular, numa pequena estante da sala de sua casa, na Alameda Lorena. Seus clientes eram outros compatriotas, que como ela haviam chegado ao Brasil havia poucos anos, a maioria para fugir do nazismo.

O negócio prosperou e alguns anos depois Eva transferiu sua "biblioteca circulante" para a Rua Augusta, onde dividia o espaço com uma *bombonnière*. Pouco depois, nova mudança, ainda na Rua Augusta, dessa vez para um sobrado "todo azul", cujas duas salas da frente serviam como livraria, e a parte de trás, como moradia da família.

Mas Eva sonhava mais alto e, nos anos 50, olhando para o canteiro de obras no local onde estava sendo erguido o Conjunto Nacional, decidiu: "Vou ter uma loja aí".

Eva Herz realizou seu desejo em 1969, ao instalar a Livraria Cultura no Conjunto Nacional, quando passou a ser dirigida também pelo filho do casal Herz, Pedro.

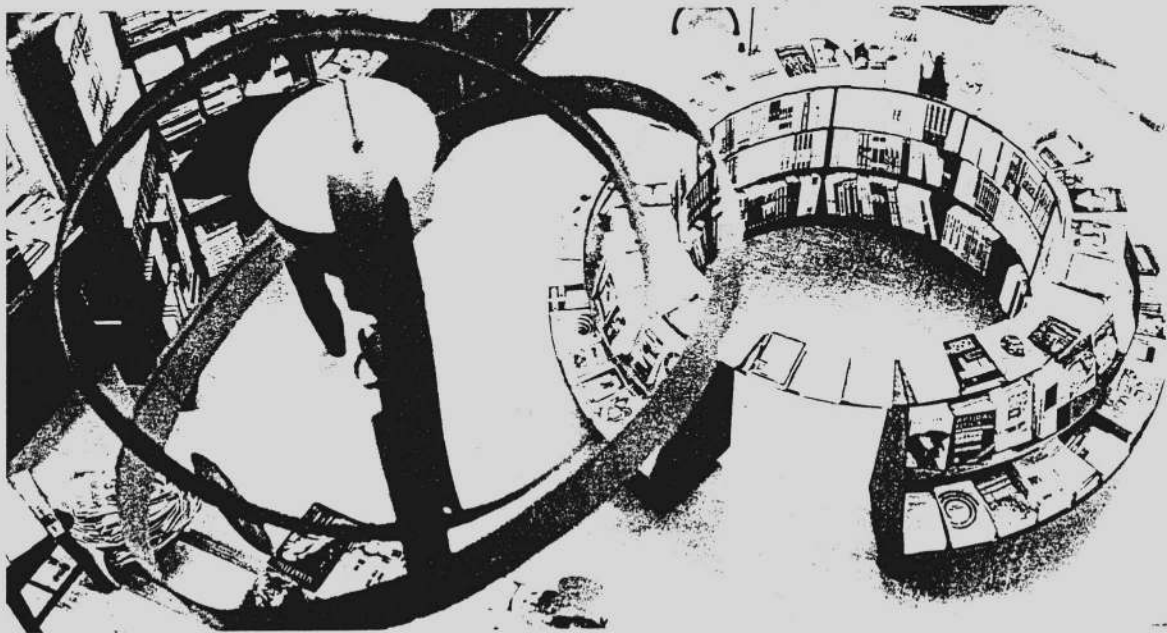
Nesses quase trinta anos, além de acompanhar as mudanças do perfil de sua clientela, a Livraria Cultura se tornaria um local de importância fundamental para a história do Conjunto Nacional e da própria Avenida Paulista.

Com a crescente sofisticação da Rua Augusta, no decorrer da década de 60 verificou-se não apenas o êxodo do comércio, mas também de boa parte da vida cultural e boêmia do centro da cidade, que aos poucos foi se espalhando pela região da Paulista e Jardins.

Além de confeitarias e bares da moda, entre eles o Frevinho, na Rua Augusta, e o Riviera, na Rua da Consolação, começaram a surgir vários cinemas, esvaziando cada vez mais as salas de exibição das avenidas São João e Ipiranga: o Cine Rio (atual Cine Arte) no Conjunto Nacional, o Picolino na Rua Augusta e o Trianon na Rua da Consolação, que em 1967, depois de passar por uma reforma, foi reaberto como Belas Artes, um cinema que logo passou a ser freqüentado pelo público mais intelectual, em razão da excelente programação, que estava a cargo de Dante Ancona Lopez, que, depois de vender o Coral, foi convidado para trabalhar na Companhia Serrador.

Mas a grande transformação ocorreu mesmo na Rua Augusta, o novo endereço da elite paulistana. Durante o dia, a rua era um fervilhar de pessoas entrando e saindo das lojas, em busca dos últimos lançamentos da moda, e à noite ela era invadida por jovens elegantes e barulhentos, filhos de famílias ricas, que se tornariam famosos como os "playboys da Rua Augusta". Eles eram sinônimo de muita confusão e infernizavam a vida dos moradores e da polícia com seus "rachas", uma brincadeira perigosa, considerando que a rua era de mão dupla e o calçamento, de paralelepípedos.

A famosa roda da Livraria Cultura. Ao lado, a agitação noturna da Rua Augusta nos anos 60, quando centenas de carros congestionavam a rua até de madrugada e a paquera era intensa.



Nas noites de sábado, turmas de *playboys* e gatinhas, em sua maioria moradores dos bairros ricos, se reuniam para badernar e praticamente entupiam a rua com seus carros importados e motos "envenenadas". A confusão era generalizada e incontrolável, e quase sempre o congestionamento durava toda a madrugada, para desespero daqueles que precisavam cruzar a rua. Enquanto isso, a paquera corria solta em toda a sua extensão.

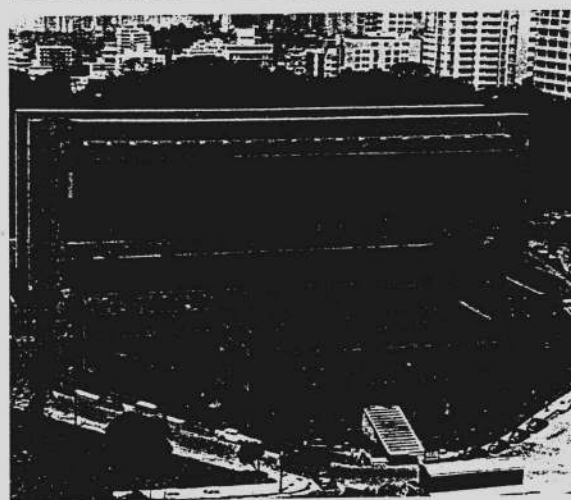
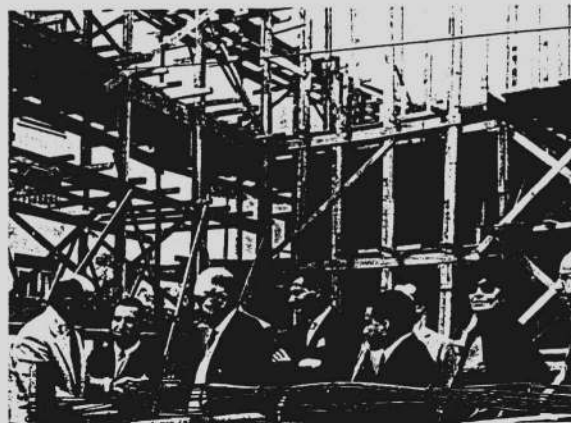
Em 1962, a prefeitura modificou a legislação para autorizar o funcionamento de lojas e edifícios comerciais na Avenida Paulista. A reação foi imediata, e muitos casarões foram destinados a atividades comerciais. No mesmo ano, é inaugurado na esquina com a Rua Frei Caneca o Edifício Sul-Americano, um projeto do escritório do arquiteto Rino Levi, com finalidade exclusivamente comercial, atualmente ocupado pelo Banco Itaú. Em seguida, muitas empresas de grande porte começaram a planejar sua mudança para o alto do espigão. Cada vez mais, a especulação imobiliária ameaçava as mansões da Avenida Paulista, desta vez com interessados ainda mais poderosos.

Um ano depois, a Fundação Cásper Líbero iniciava a construção de sua sede na Paulista, um edifício que demandaria mais de uma década para ser concluído. Em 1983, no seu topo foi instalada a antena da TV Globo, com 110 metros de altura, que ao receber iluminação noturna, em 1984, se tornaria visível à distância e foi logo apelidada de "Torre Eiffel paulistana".

Em 1967, o prefeito Faria Lima daria um grande golpe nos proprietários das mansões ao anunciar a desapropriação de parte de seus terrenos para o alargamento da avenida. No ano seguinte foram retirados os bondes, prenúncio do fim da era romântica da Paulista.

Depois de sofrer tanta usurpação, em 1968 a Paulista teria pelo menos uma vitória no campo da cultura: passou a acolher o Museu de Arte de São Paulo, que já figurava entre os mais importantes da América Latina e estava deixando a Rua Sete de Abril, onde estava sediado desde sua fundação, em 1947, num espaço que já não mais comportava seu grande acervo, para se acomodar num prédio amplo e moderno, projetado pela arquiteta Lina Bo Bardi, no local antes ocupado pelo Belvedere do Trianon. O Masp foi inaugurado oficialmente pela rainha Elizabeth, da Inglaterra.

O relógio luminoso da Willys, no alto do Conjunto Nacional, havia se tornado um ponto de referência na cidade e passou a ser comparado, em pontualidade, com o do mosteiro de São Bento, outro famoso relógio de São Paulo,



Projetado pela arquiteta Lina Bo Bardi, o Masp foi construído no terreno onde ficava o Belvedere do Trianon e inaugurado em 1968 com a presença da rainha Elizabeth da Inglaterra.

mas que levava uma grande desvantagem em relação ao outro: ele só podia ser avistado das imediações e o toque de seu carrilhão, ouvido apenas nas redondezas. Nos anos 60, o povo brincava, dizendo: "O Conjunto Nacional tem no topo o relógio que acerta os ponteiros da cidade", numa sutil alusão à incompetência de certos governantes.

Em 1970, o relógio passou a exibir a marca da Ford, como resultado da fusão entre as duas indústrias automobilísticas, mas a marca definitiva chegaria ao alto do edifício em 1975, com o Banco Itaú. Em 1992, o relógio passaria por uma grande reforma, quando recebeu um complexo eletrônico de última geração, controlado por computador, e, além das horas, passou a marcar também a temperatura da cidade. Em novembro deste ano foi acrescentada a informação "Bem-vindo ao ano 2000", e a contagem regressiva dos dias que faltam para a importante data.

O Relógio do Itaú, como é popularmente conhecido, faz parte da vida paulistana e já foi tema de música de Cido Bianchi e Sérgio Lima, gravada por Dick Farney:

NOTURNO EM SÃO PAULO

*É bom estar
De novo aqui
A respirar poluição
E ser mais um
Na solidão da sua multidão
Na cordilheira da Paulista
O relógio do Itaú me diz
Que eu estou a quinze graus
De ser feliz.
Aquele estrela cadente
Que brilha sozinha
É outro avião
Ouço no rádio a notícia
Do homem do tempo
Dizendo que não vai haver sol
Pela manhã
Vamos ter chuva de manhã
E eu tenho planos
De amanhã ficar
Aqui me ensolarar
E arrumar meu coração
Ficar de bem com a solidão
Sonhar ter ilusão
Na cordilheira da Paulista
O relógio do Itaú me diz
Que eu estou a quinze graus
De ser feliz!*



As três fases do relógio no topo do Conjunto Nacional, exibindo o nome do patrocinador: Willys, Ford e Banco Itaú, que está no local desde 1975 e foi modernizado em 1992.

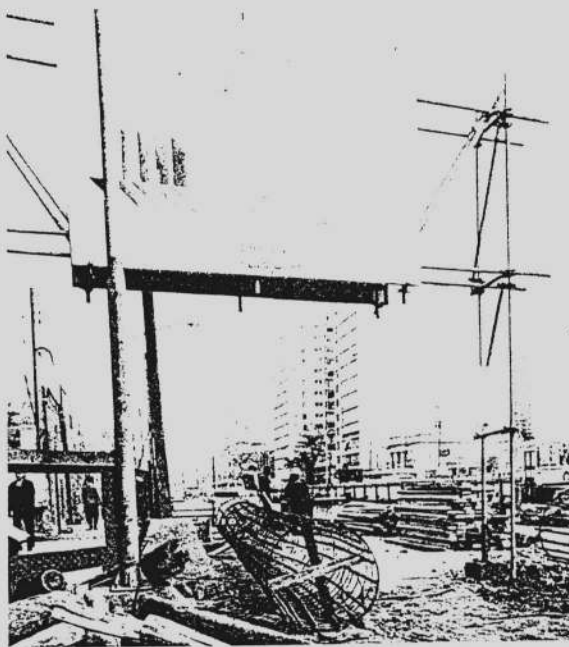
62

No início dos anos 70, a Avenida Paulista sofreria intervenções que acabariam de vez com sua elegância e a já relativa tranquilidade. A primeira delas ocorreu em 1972, quando o prefeito Figueiredo Ferraz inaugurou o complexo viário ligando as avenidas Paulista, Rebouças e Dr. Arnaldo. As diversas linhas de ônibus e o aumento indiscriminado do fluxo de automóveis provocaram um caos nas pistas da Paulista, que, apesar da sua largura, não comportavam tamanha invasão. Era a poluição chegando à avenida, em todas as suas variações, até mesmo sonora e visual.

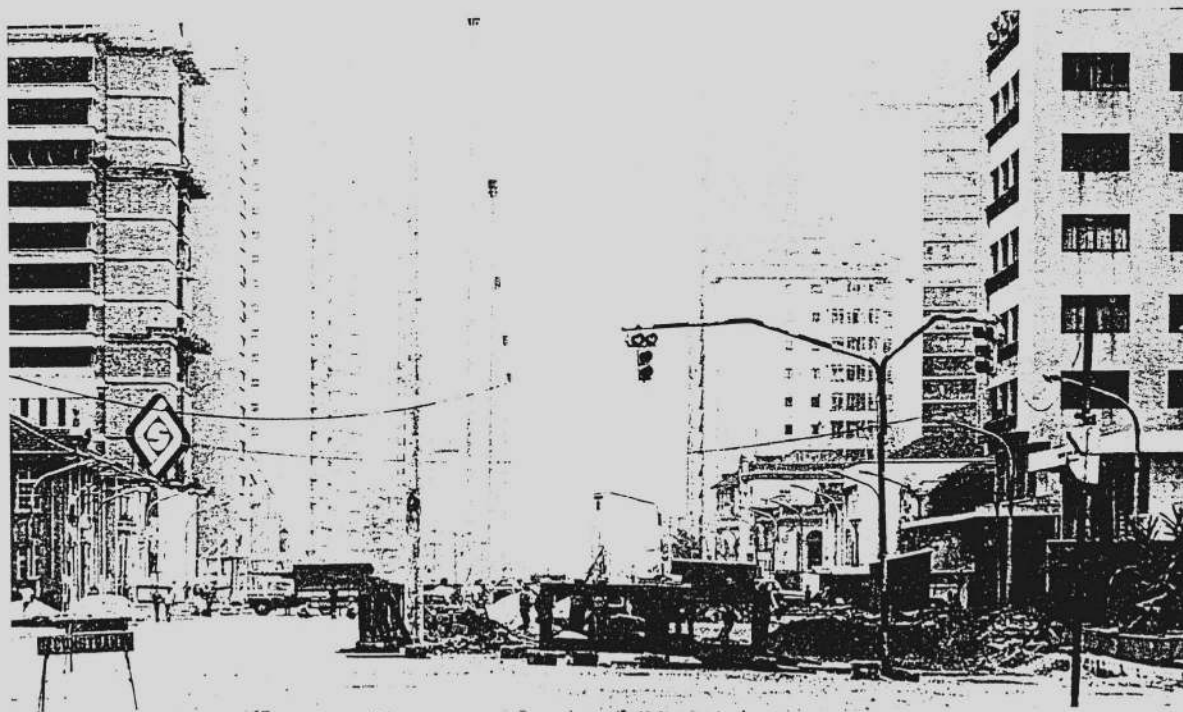
Ao mesmo tempo, intensificaram-se a demolição de casarões e a derrubada de árvores, e nos terrenos os andaimes começavam a subir num piscar de olhos, chegando tão alto que pareciam querer tocar as nuvens. As placas pregadas nos tapumes anunciavam os novos proprietários, a maioria deles estabelecimentos bancários e empresas que deixavam a região central.

Em 1974, a prefeitura municipal iniciou as obras de alargamento da avenida, que, além de perder boa parte de suas amplas calçadas, de repente se viu transformada em um canteiro de obras e num lamaçal infernal e intransitável em dias de chuva.

Era um preço alto demais para os poucos moradores que ainda resistiam bravamente na Paulista.



Com as obras de alargamento, em 1974, começa a surgir uma nova Paulista, decretando o fim definitivo das mansões e acelerando a fuga dos moradores tradicionais da avenida.





A QUEDA DE UM GIGANTE

UM PERÍODO DE ABANDONO E DECADÊNCIA

Com a fuga definitiva dos moradores e a destruição das marcas de um passado senhoril e elegante, chegava ao fim o período nobre da Avenida Paulista. A partir de agora, como diria Caetano Veloso em *Sampa*, o que contava era "a força da grana", e quem tinha mais, podia mais.

Se dependesse dessa força, não sobraria uma única mansão na Paulista, mesmo que o destino dos terrenos fosse abrigar os estacionamentos capengas que começaram a proliferar ao longo da avenida, dando pleno sentido à letra do cantor: "a força da grana que ergue e destrói coisas belas".

Tardiamente, as autoridades governamentais despertaram para o fato e resolveram intervir para preservar um pouco da história da avenida. Assim, nos anos 70, o Condephaat, órgão responsável pelo patrimônio histórico da cidade, anunciou o tombamento dos casarões.

Os proprietários se revoltaram, e a força da grana falava mais alto para alguns, quando correu um pensamento comum entre eles: "Se o vizinho havia vendido o imóvel e ganhou muito dinheiro com isso, não seria ele o prejudicado, apenas para preservar a memória da cidade". Iniciou-se um período trágico para a Paulista, que viveria

tempos de terror e vandalismo: na calada da noite, tratores e guindastes investiram contra alguns casarões, que foram parcialmente destruídos para evitar o tombamento.

Seguiram-se manifestações populares, campanhas da imprensa e intervenções policiais, que, aliadas ao bom senso de alguns proprietários, permitiram preservar uma dezena de mansões, que hoje permanecem na Paulista para nos lembrar em parte aquele passado distante.

Mas o "progresso" da avenida era irreversível, e na metade dos anos 70 a Paulista já era um aglomerado de espigões de concreto ocupados principalmente por escritórios e começava a concorrer com o pico do Jaraguá em número de antenas de emissoras de rádios e televisões.

A transferência das sedes dos grandes bancos e empresas para a avenida levou boa parte dos trabalhadores que até então transitava pelas ruas centrais da cidade para a Paulista e suas imediações. Logo, na região, tornou-se inevitável o surgimento de diversos estabelecimentos populares, principalmente de alimentação.

Foi nessa mesma época que surgiu o Viena Delicatessen, que depois de um começo modesto nos corredores do

Conjunto Nacional se tornaria uma das maiores redes de *fast-food* da cidade.

Quem conta essa história é o economista Roberto Bielawski, atualmente com 48 anos, neto de José Tjurs, que residiu no Conjunto Nacional e fundou o Viena:

“Por ser neto de José Tjurs, eu tenho uma história familiar muito próxima ao Conjunto Nacional. Lembro da obra e da inauguração do edifício, quando eu tinha oito anos de idade, e de ficar brincando nos amplos corredores. Tempos depois, já com 14 anos, fui morar na ala residencial, onde fiquei de 1964 até 1970, quando fui estudar na Inglaterra.

Logo que foi inaugurado, o Conjunto Nacional se tornou o responsável pela transformação da Paulista. Além de ser o primeiro grande prédio da avenida, devido à sua localização junto à Rua Augusta – na época o grande centro comercial de São Paulo –, acabou se transformando na passagem obrigatória das pessoas que iam comprar nas lojas da famosa e elegante rua. Portanto, havia uma vida muito intensa dentro do Conjunto Nacional.

Quando voltei do exterior, em 1973, tive a idéia de montar um pequeno negócio e meu avô deu todas as facilidades para que eu instalasse um quiosque de comidas rápidas. Foi assim que nasceu o Viena, em 1975, nos corredores do Conjunto Nacional, onde era servida uma refeição muito rápida. No começo, boa parte da comida era preparada na casa da minha mãe, que morava, e mora até hoje, na ala residencial do edifício.

Desde o início o quiosque apresentou um bom movimento, principalmente no horário do almoço, quando aumentava a circulação de pessoas pela galeria, pois o Viena era um local diferenciado, que servia sanduíches especiais feitos no pão italiano, coxinhas com creme, outros salgados finos e alguns doces que logo agradaram às pessoas. Outros fatores importantes que garantiram o sucesso foram a qualidade, o sabor e a apresentação dos produtos, além do atendimento, a higiene e a limpeza do local.

No começo, a clientela era formada basicamente por pessoas que trabalhavam nos escritórios do Conjunto Nacional. Mas, como no Viena tudo era impecável, era considerado um local diferente daquelas lanchonetes tradicionais que existiam na região e no próprio Conjunto Nacional. Logo ganhou fama e passou a ser freqüentado também por pessoas que trabalhavam em outros edifícios da Paulista e até por moradores do bairro, pois lembrava muito um pequeno Fasano, a confeitaria que havia fechado dois anos antes. E o Viena surgiu mais ou menos na mesma linha, oferecendo um serviço diferenciado, com bons produtos e um atendimento especial, com a presença do dono

no local – eu trabalhei atrás do balcão durante muitos anos, de 1975 a 1980 –, o que foi decisivo para garantir o sucesso do local e o posterior crescimento do empreendimento.”

Desde o início da década de 70, a Rua Augusta começava a enfrentar os primeiros sinais de decadência e em poucos anos perderia a sua posição de “mais requintado centro comercial da América do Sul” para os novos *shopping centers* que surgiam em diversos bairros, atraindo as lojas e as *griffes* famosas da cidade.

Assim, cada loja sofisticada que deixava a Rua Augusta dava lugar a um estabelecimento mais popular. Até o perfil da paquera das noites de sábado mudou: o congestionamento continuava o mesmo, mas os carros importados foram substituídos pelos fuscas envenenados, vindos de bairros distantes. Os jovens das famílias abastadas já preferiam paquerar nos *shopping centers*, os novos templos do consumo planejados principalmente para o público adolescente, um segmento que estava se tornando uma grande força consumidora.

Além de uma infinidade de lojas, em sua maioria de produtos voltados para os jovens, os novos e modernos centros de compras ofereciam atrativos que seriam cada vez mais decisivos para cativar os clientes: restaurantes, lanchonetes, cinemas, amplo estacionamento gratuito e, principalmente, segurança, uma palavra que, de repente, passou a fazer parte do dia-a-dia do paulistano, pois a cidade estava começando a se tornar violenta...

E a violência urbana não poupava nem mesmo a sempre poderosa e até então tranqüila Avenida Paulista.

“Como? Violência na Paulista?”, diria um antigo morador.

E, realmente, pelo menos até o final dos anos 60, essa preocupação não existiu na Avenida Paulista, pois na cidade de São Paulo a criminalidade ficava restrita a alguns pontos da região central, com maior incidência nas chamadas “bocas do lixo e do luxo”, ou a homicídios isolados, numa época em que briga de bar e atropelamento virava manchete de jornal.

Mas os tempos eram outros. Desde o início dos anos 70 a cidade vinha passando por um crescimento voraz e desordenado, levado a cabo por prefeitos e governadores biônicos, preocupados unicamente com a realização de obras faraônicas, agressivas ao meio ambiente e à arquitetura urbana, e em muitos casos inúteis. E essas obras, aliadas ao incremento da construção civil, desencadearam um

Destruição na Avenida: para evitar o tombamento, as mansões eram derrubadas na calada da noite. O poder econômico falava mais alto.

acelerado processo de migração interna atraindo para São Paulo milhares de trabalhadores de outras regiões. Em apenas uma década, a população da cidade havia dobrado, causando sérios problemas sociais.

São Paulo começava a perder sua identidade.

Essa nova realidade da cidade ocasionou profundas transformações também no Conjunto Nacional, que começou a apresentar alguns sinais de decadência. O primeiro sintoma foi o fechamento da Confeitaria Fasano, decretando o fim definitivo dos “anos dourados” do edifício, que ainda viria a sofrer os reflexos das mudanças ocorridas na Avenida Paulista e na Rua Augusta.

O Conjunto Nacional se popularizou e passou a receber gente de todo tipo e de todas as classes. Para atender a essa nova e diversificada população, suas galerias internas foram praticamente “loteadas” por alguns funcionários da Horsa, que ainda detinha 50 por cento dos imóveis do edifício e cuidava da sua administração. Foram atitudes de elementos gananciosos e inescrupulosos, que aproveitavam as constantes ausências de José Tjurs, cuja saúde já estava debilitada, para transformar o local em território livre para negócios escusos, visando interesses pessoais. Novamente, era a força da grana que entrava em cena.

Assim, a galeria foi invadida por “bocas-de-ouro” (locais onde os assaltantes da região vendiam as jóias roubadas), doleiros, casas lotéricas, agenciadoras de garotas de programas e outros profissionais que exerciam atividades duvidosas, além de três ou quatro botecos do pior nível. Os corredores mal iluminados eram um festival de placas anunciando produtos e serviços e atravancados por diversos quiosques – na verdade, precários caixotes improvisados – que impediam a circulação das pessoas. Ao final da tarde, quando os bancos desciam as toscas e escuras grades de ferro, sobressaía ainda mais o clima de abandono. Outro grande problema era o lixo, geralmente deixado à tarde na frente das lojas para ser recolhido à noite, que provocava mau cheiro e sujeira. E para completar o cenário de degradação, o Cine Rio passou a exibir filmes pornográficos. Na época, apenas a Livraria Cultura, o Cine Astor e o Salão Nacional continuavam resistindo, atraindo uma clientela de bom nível e lutando contra a decadência, garantindo assim a sobrevivência do que ainda restava do período áureo do edifício.

Outros problemas graves estavam localizados num dos subsolos, que chegou a abrigar um posto de gasolina clandestino.

Quem lembra disso é o electricista José Cardoso Sobrinho,

atualmente com 52 anos, que trabalha no Conjunto Nacional desde 1968:

“Quando fui contratado para trabalhar no Conjunto Nacional, em 30 de julho de 1968, o edifício já tinha problemas de manutenção, que foram se agravando com o tempo, e nos anos 70 muitos diziam que era o ‘Martinelli’ da Avenida Paulista, um prédio velho e decadente. Lembro que o segundo subsolo era muito perigoso, pois havia um posto de gasolina da Esso, onde também lavavam carros. Os tanques de combustível ficavam ao lado de uma fornalha onde era incinerado o lixo. Qualquer vazamento podia explodir o prédio inteiro.”

Do lado externo, o ambiente era ainda pior: cada metro quadrado da calçada era disputado por ambulantes que vendiam artesanato, bolsas, cintos, óculos, pentes, relógios, anéis e brincos, além de frutas, pipoca, cachorro-quente, refrigerantes, sorvetes, merengues e gelatinas coloridas, acumulando lixo e sujeira, que atraíam moscas e outros insetos. Ao mesmo tempo, assaltantes perambulavam por ali dia e noite e usavam as calçadas como dormitório e mictório – um mundo-cão em plena Avenida Paulista, o ponto mais caro da cidade.

Muitos inquilinos começaram a deixar o Conjunto Nacional, um lugar perigoso, quase um antro de marginais, que estava prestes a se tornar um outro Prédio Martinelli, o decadente edifício localizado no centro da cidade. Em poucos anos, o índice de áreas desocupadas chegou a 20 por cento, o que provocou uma grande desvalorização do edifício.

Com a morte de José Tjurs, em 1977, os problemas decorrentes da péssima administração da Horsa aumentaram: por falta de pagamento, começaram os cortes periódicos do abastecimento de água em todas as dependências do edifício, e alguns elevadores foram desativados por apresentarem problemas de segurança.

A decadência era total e parecia irreversível.

Diante desse triste panorama, é evidente que toda a manutenção do edifício era precária, principalmente das instalações elétricas, o que comprometia a segurança de seus ocupantes. Resultado: no dia 4 de setembro de 1978, na madrugada de domingo para segunda-feira, um incêndio de grandes proporções irrompeu no Conjunto Nacional. O fogo demorou oito horas para ser dominado e não causou nenhuma vítima.

Conforme noticiava o *Jornal da Tarde* no dia seguinte, só

Nos anos 70, devido a problemas administrativos, o Conjunto Nacional apresentava sinais de decadência e abandono.

não se repetiu uma tragédia semelhante aos incêndios do Andraus, em 1972, e do Joelma, em 1974 – que provocaram centenas de mortes –, graças ao horário do sinistro:

“Segunda-feira, cinco horas da manhã. E aí começa uma luta de seis horas contra a falta de água, contra a precária comunicação entre os 26 andares, contra o excesso de material inflamável, contra os inexistentes meios para se transmitir as instruções, contra os focos dispersos por pontos distantes, contra os fortes ventos e contra o cansaço, o calor e a fumaça. Os combatentes: 600 homens do Corpo de Bombeiros, de um lado, e o fogo que se alastrava, de outro. O local da disputa: o Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, e seus três edifícios – dois comerciais e um residencial. O vencedor: o próprio horário, que permitiu a retirada dos moradores e impediu que milhares de funcionários estivessem nas demais dependências.”

No dia 6 de setembro, dois dias depois do incêndio, o *Jornal da Tarde* descrevia a situação do edifício:

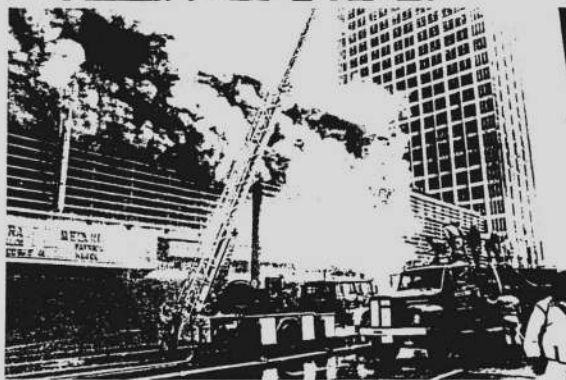
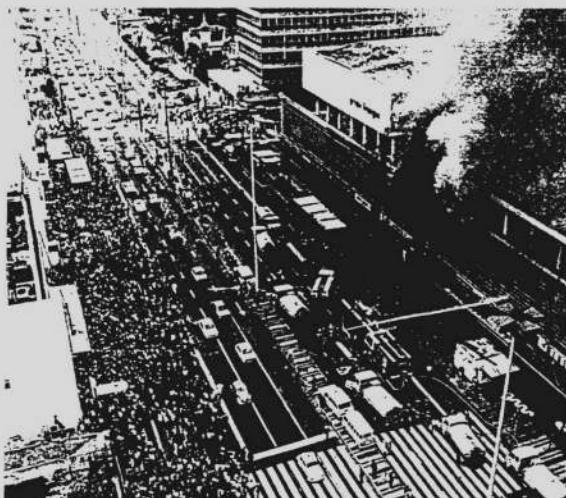
“Distantes quase dois metros das paredes, as cordas cercam todo o prédio. Como reforço para esse isolamento, em cada uma das quatro entradas, em cada porta de loja – todas fechadas –, de metro em metro e nas esquinas, policiais cuidam para que ninguém se atreva a ultrapassá-las, a não ser as pombas que procuram, inutilmente, alimento naquele local antes movimentado. E foi com esta aparente tranquilidade que o Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, viveu o seu primeiro dia depois do incêndio que atingiu a maior parte de suas sobrelojas e seis andares do Edifício Horsa II.”

O engenheiro Fausto Favale, que examinou o edifício e que depois iria dirigir as obras de reconstrução, lembra aquele dia fatídico e os estragos causados pelo incêndio:

“O incêndio no Conjunto Nacional começou na madrugada de domingo para segunda, por volta das quatro, cinco horas da manhã, no Edifício Horsa II, e, mesmo não tendo morrido ninguém, foi um dos piores incêndios de São Paulo, considerando o tamanho do edifício. Eu fui chamado pela diretoria da Horsa para assumir a administração técnica das obras de recuperação do prédio, um trabalho que duraria três anos.”

Quando os bombeiros terminaram de apagar o fogo, uma boa parte do prédio – cerca de 25 por cento – estava destruída. Depois de uma primeira análise, foi constatado que o abalo causado na estrutura não oferecia perigo para o edifício.

Na madrugada do dia 4 de setembro de 1978, um grande incêndio irrompeu no Conjunto Nacional. Era o resultado da decadência.



Como não havia sofrido danos graves, o Horsa I foi liberado em três meses, mas o Horsa II permaneceu fechado durante dois anos, quando os trabalhos de recuperação foram dados por encerrados. Em seguida, foi iniciada a etapa de recuperação da galeria comercial, onde deparamos com uma série de problemas. Foi quando descobrimos que não existia uma manutenção efetiva na parte elétrica: faziam-se 'gambiarras' e não reparos."

O arquiteto David Libeskind, autor do projeto do edifício, considera que o incêndio foi até benéfico para o Conjunto Nacional, pois revelou às autoridades a dimensão da deterioração e abandono do prédio:

"Todas as modificações, aleatórias e sem qualquer critério, invadindo as áreas comuns e de circulação, haviam deturpado o sentido original do projeto e estavam transformando o Conjunto Nacional num gigantesco cortiço. Na minha opinião, foi 'sorte' ter acontecido o incêndio, pois não houve vítimas e serviu de alerta. Depois do incêndio, pelo menos resolveram recuperar e restaurar o edifício."

Depois do incêndio, o Conjunto Nacional permaneceu fechado durante alguns dias para a execução dos trabalhos de perícia. No dia 12 de setembro foram liberadas, somente para limpeza, as áreas não atingidas pelo fogo, e nos dias que se seguiram apenas os proprietários e funcionários teriam acesso aos seus estabelecimentos. A reabertura para o público foi autorizada somente no dia 9 de outubro, mas, apesar de os laudos técnicos garantirem que o prédio estava seguro, houve nova debandada dos inquilinos, temerosos da abundância de material inflamável – em especial as placas que forravam o teto dos corredores – espalhado pelas dependências do edifício.

A recuperação do Conjunto Nacional seria muito lenta, pois, para economizar dinheiro, a Horsa havia feito um seguro irrisório, insuficiente para cobrir os custos de restauração; portanto, a administradora teria que arcar com o pagamento da maior parte das obras. Começou a faltar dinheiro e ao mesmo tempo a Horsa passou a acumular processos das empresas que exigiam o pagamento dos prejuízos causados pelo incêndio.

O processo de deterioração voltou a se agravar, provocando nova desvalorização dos imóveis, quando o preço de uma sala de 40 metros quadrados caiu para cerca de 5.000 dólares, um preço irrisório se levamos em conta a localização privilegiada.

As sucessivas crises econômicas do país, aliadas à má administração da Horsa, contribuíram para tornar o Conjunto Nacional um foco permanente de problemas, e no

dia 5 de março de 1981, novamente num domingo, voltou a ser ameaçado pelo fogo. O incêndio começou por volta das onze horas da noite, na segunda sobreloja, justamente numa sala destruída pelo incêndio anterior. Dessa vez, entretanto, o fogo não avançou, e em duas horas foi dominado pelos bombeiros.

Na mesma época, a Justiça determinou que a Horsa deveria indenizar todos os inquilinos que haviam entrado com ações, o que causou uma implosão financeira na empresa, que seria obrigada a vender boa parte de seu patrimônio. A inadimplência da Horsa foi aumentando ano a ano, até ser decretada sua falência, em 1995.

De maneira melancólica, o império de José Tjurs chegava ao fim.

Em 1984, o grupo imobiliário Savoy comprou o que restava dos bens da Horsa no Conjunto Nacional e passou a administrar o condomínio. Em seguida, foi eleita síndica a advogada Vilma Peramezza, que daria início a um longo período de recuperação do decadente edifício com a realização de diversas obras de restauração, a maioria delas complexas devido ao elevado grau de deterioração.

Vilma lembra o início de suas atividades na Savoy e de sua indicação para administrar o Conjunto Nacional, atividade que continua exercendo:

"Através de um colega do curso de direito da São Francisco, cheguei ao escritório da Savoy Imobiliária e Construtora Ltda. em 1969, onde comecei a trabalhar com dois brilhantes profissionais da área imobiliária: os irmãos Hugo e Lúcio Salomone, homens de visão que, a exemplo de José Tjurs, passam obrigatoriamente a fazer parte desta narrativa.

Nascidos em Ribeirão Preto, filhos de imigrantes italianos, com sua garra e paixão pelo trabalho, eles abriram ruas e urbanizaram grande parte do litoral santista, do Boqueirão da Praia Grande a Itanhaém, de São Vicente ao Guarujá, além de abrirem as primeiras ruas dos bairros de Itaquera e São Mateus. Com eles aprendi a vivenciar os problemas pessoais dos funcionários da empresa e dos moradores dessas novas 'cidades' que eles criavam.

Em meados dos anos 70, a atenção desses empreendedores voltou-se para a aquisição e locação de edifícios comerciais do Centro Velho. Assim, da mesma forma que eu, quando pequena, acompanhava meu pai, que era

Em 1984, quando a situação do Conjunto Nacional parecia irreversível, a advogada Vilma Peramezza passou a administrar o edifício, iniciando o período de recuperação.

mestre-de-obras, em suas andanças pelo interior do Estado, conhecendo escolas, cadeias e delegacias que ele construía, comecei a acompanhar zeladores e engenheiros para conhecer os solos, as caixas-d'água, as casas de máquinas e bombas de edifícios emblemáticos desta cidade, que os irmãos Salomone foram adquirindo e que eu passava a cuidar. Foi assim com o Edifício Olido, na esquina da Avenida São João com a Rua Dom José de Barros; com o Edifício Gabriel Gonçalves, na Rua Boa Vista, que tinha a famosa loja de utilidades domésticas voltada para a Ladeira Porto Geral; com o que sobrou do Teatro Paramount após o incêndio; com o Hotel Atlântico, na Avenida Ana Costa, em Santos, e com o Edifício Ipiranga, onde ficava o Brahma, na famosa esquina imortalizada por Caetano Veloso.

Caminhar pelos corredores e escadarias desses prédios, conhecer a vida de seus 'bastidores', conviver com essa gente dos 'porões' e dos 'cantos' arranjados entre as máquinas e casas de força, fizeram com que eu viesse a conhecer também seus 'heróis anônimos', os verdadeiros 'zeladores' que cuidavam de 'seus prédios' conhecendo cada registro, cada chave, cada 'mocó' desses monumentos verticais dedicados ao trabalho que se erguem nas nossas ruas mais tradicionais.

Na época, nomes como Andraus, Joelma nos traziam imagens terríveis de prédios destruídos pelo fogo, lembranças de mortes causadas pela inexperiência de uma cidade que apenas tinha pressa em crescer. A segurança dos usuários e habitantes dos prédios comerciais somente começou a ser valorizada após o sacrifício de algumas vidas. Em 1977 já era responsável por uns 100.000 metros quadrados de escritórios, 'empilhados' em edifícios do Centro Velho, e essa sempre foi a minha preocupação principal.

Em setembro de 1978, o fogo também atinge o Conjunto Nacional. A não ser os bailes no Fasano e uma ou outra sessão no Cine Astor, o que eu guardava em minha memória era a imagem de um edifício decadente, com corredores escuros, onde as colunas pretas escondiam grades que me lembravam as de um velho açougue de bairro, atrás das quais funcionavam diversas agências de bancos. Na galeria, a única loja que chamava minha atenção era a Livraria Cultura – lembro-me de um grande aquário marinho que enfeitou sua vitrine por uns tempos. Além da livraria e do cinema, lembrava-me apenas do Astor Lanches, nos moldes dos velhos bares e lanchonetes do Centro Velho, que era o ponto para o café.

Sem vítimas, o incêndio do Conjunto Nacional encheu primeiras e segundas páginas dos jornais:

Sabotagem?

Terrorismo contra o consulado americano?

Seguiram-se muitas investigações das polícias especializadas. Em um tempo de pouca democracia, essas preocupações pareciam mais importantes do que as feridas do edifício, com suas estruturas de concreto abaladas.

Eu não tinha ainda nada a ver com esse gigante. Mas, não sei por que, recortei e guardei todos os recortes de jornais da época, que encontrei há pouco tempo, ao arrumar os armários de casa, organizados numa velha pasta A-Z.

Na época, eu trabalhava na Rua Barão de Paranapiacaba, num velho prédio que fazia esquina com a Praça da Sé. De suas janelas, vi a derrubada do velho Edifício Santa Helena, a implosão do Mendes Caldeira e o nascimento da estação do Metrô. A Avenida Paulista ainda não cabia no meu cotidiano. E ainda nem era o símbolo de São Paulo.

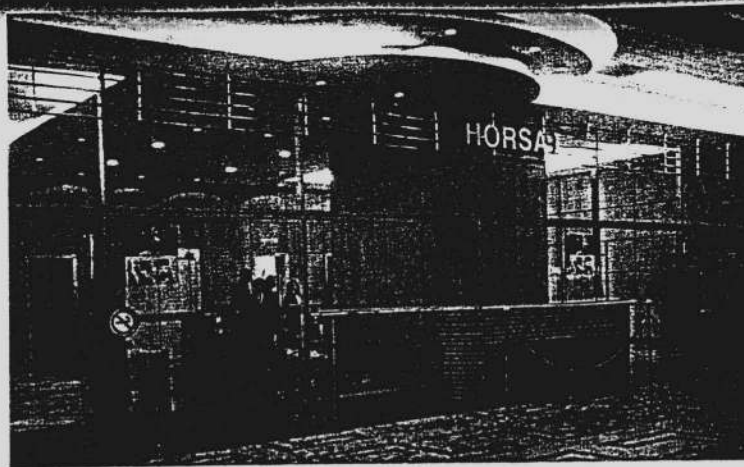
Mas a visão de Hugo Salomone sempre foi aguçada e se antecipava ao futuro. Por volta de 1980 adquiriu o Edifício Soubhie, na esquina da Paulista com a Alameda Joaquim Eugênio de Lima, e para lá fui eu receber o novo 'filhote', em plena Avenida Paulista. Era o mais luxuoso edifício residencial da avenida, edificado pela Construtora Alfredo Mathias e que havia tido seus dias de glória quando os antigos proprietários, os irmãos Soubhie, administravam pessoalmente a locação de todos os apartamentos.

Depois das adaptações necessárias para transformar os apartamentos em escritórios, em 1982 a Savoy transferiu para lá a sua sede, deixando para trás o Centro Velho. Foi assim que eu comecei efetivamente a frequentar a Paulista.

Em 1984, a Savoy comprou o que ainda restava dos imóveis da Horsa no Conjunto Nacional. Era o que se podia chamar de 'saldos de incêndio', literalmente. Na época, a Horsa já não tinha condições de administrar mais nada: seus hotéis se encontravam em franca decadência e seu patrimônio estava abalado. Era a constatação de que a falta de José Tjurs, seu velho capitão, era irremediável.

Por ser a única empresa do ramo imobiliário, a pedido dos outros proprietários a Savoy passou a administrar o Conjunto Nacional, quando eu fui eleita síndica do condomínio. E assim, em setembro de 1984, lá fui eu para um novo desafio, acrescentar mais alguns metros quadrados para meu arquivo e controle.

Seria apenas por uns tempos, até deixar as coisas organizadas. Eu ainda não sabia que ficaria por lá durante muitos anos."



69

O PIONEIRISMO CONTINUA

SURGE UM NOVO CONJUNTO NACIONAL

Ao assumir a administração do Conjunto Nacional, Vilma Peramezza encontrou uma situação caótica, fruto do abandono a que o edifício havia sido relegado nos últimos anos. Os problemas eram infinitos, e a equipe de cerca de cinquenta funcionários era insuficiente para manter funcionando aquele gigante. Era necessário definir um plano para idealizar um novo Conjunto Nacional e assim devolver à cidade um de seus símbolos: o primeiro edifício comercial da Avenida Paulista.

Para descrever todas as etapas de recuperação, ninguém melhor que a própria Vilma, carinhosamente chamada de “prefeita” do Conjunto Nacional, que atualmente comanda arduamente uma equipe de 220 funcionários.

Ela fala de sua chegada ao edifício e dos princípios administrativos que nortearam sua atuação:

“Ao chegar ao Conjunto Nacional e olhar aquele espaço, eu sabia que não era um lugar qualquer. O Conjunto Nacional tinha uma história, um endereço.

Logo percebi que o fio condutor da sua recuperação teria que ser uma nova visão administrativa. Quando o velho Tjurs planejou o edifício, tinha um sonho: fazer um espaço multiuso que teria um hotel, um prédio de apartamentos

com serviços de hotelaria, uma torre de escritórios, um espaço para convenções e uma grande área comercial. Era uma coisa muito avançada para a época, mas tudo estaria ligado aos serviços de hotelaria, que era o que ele sabia fazer. Com as mudanças do projeto, o empreendimento cresceu muito, e depois da morte de Tjurs a administração da Horsa perdeu o controle e o prédio entrou em franca decadência. O incêndio foi exatamente o fim de um processo de deterioração administrativa.

A Savoy era uma empreendedora de imóveis, mas não estava muito interessada em administrar o edifício. Porém, por ser a única proprietária que atuava na área imobiliária, os grandes condôminos insistiram em que ela assumisse essa função. Na época, a Savoy estava entrando na área de administração de *shopping*, e foi acompanhando essa nova atividade da empresa que eu comecei a notar que, muitas vezes, não adiantava um empreendimento ter um bom projeto arquitetônico, uma excelente localização e ótimas lojas, pois se ele não tivesse uma vida contínua morreria em mais ou menos dez anos.

Lembro que, quando participei da primeira assembléia de condomínio do Conjunto Nacional e apresentei um

orçamento para iniciar os trabalhos de recuperação do edifício, todos alegaram que era muito caro. Argumentei que aquilo não era apenas um orçamento, mas um programa de administração, e que até aquele momento nunca havia sido gasto nada para conservar o edifício, pois o pessoal da manutenção não tinha nem ao menos uma chave de fenda decente. As reclamações continuaram. Então, eu disse que estava lá para administrar o patrimônio deles, mas, se eles quisessem, podíamos fazer da maneira que eles decidissem. Ou seja: num prazo de dez anos, para manter o preço do condomínio bem 'baratinho', não se gastaria absolutamente nada para recuperar o Conjunto Nacional, e no final desse prazo se marcaria uma nova reunião para mandar implodir o prédio e dividir o valor do terreno. Os presentes ficaram indignados, mas eu disse que era preciso um horizonte se eles quisessem que o edifício continuasse a existir."

O primeiro passo foi recuperar a imagem do edifício. Vilma arregaçou as mangas e começou sua epopéia:

"A restauração depois do incêndio estava completa, o gigante funcionando, mas as cicatrizes eram profundas. O edifício estava tão abandonado que o incêndio foi apenas uma consequência. David Libeskind acha que o incêndio salvou o Conjunto Nacional e eu concordo plenamente, mas não devemos esquecer que existiu um período negro, que vai do incêndio - 1978 a 1983 -, quando as pessoas até evitavam passar por lá.

Ao iniciar meu trabalho, o Conjunto Nacional era um lugar feio, escuro, deteriorado e perigoso. Tinha até corredores fechados com grades, onde se abria uma pequena porta para a passagem das pessoas. O objetivo era inibir a ação dos trombadinhas dentro do edifício. Reforçamos a segurança e começamos a pegar os ladrões. Com isso, as 'bocas-de-ouro' também sumiram do prédio, pois seus donos começaram a ficar sem fornecedores. Tiramos também todas as barracas de ambulantes, eliminando aquele aspecto de mercado árabe. Tirar os mendigos que dormiam à noite foi um trabalho mais longo, vagaroso. Eles chegavam com seus caixotes no final da tarde e se acomodavam em frente à Joalheria William, trazendo até coisas para cozinhar. Eles chegavam aos bandos para sua moradia e também ficavam na Rua Augusta, onde hoje está o Viena, um local que não tinha iluminação e a marquise estava toda quebrada. Depois era a vez dos catadores de papel, que esvaziavam todos os sacos de lixo. Portanto, à noite era uma verdadeira 'festa da cocada', um acampamento cigano em plena Avenida Paulista.

Perante aquela situação, administrar um prédio como o Conjunto Nacional naquelas condições, profissionalmente podia ser considerada uma atividade de segunda linha. Eu até cheguei a pensar que havia sido enviada para lá como um castigo. Mas resolvi aceitar o desafio, e decidi começar pela recuperação da imagem do edifício.

Entre 1985 e 1986, época de inflação alta, passamos a investir os rendimentos da poupança no próprio edifício, e a primeira providência foi pintar a fachada. Foi quando procurei o autor do projeto, o arquiteto David Libeskind, para que ele desse uma opinião. Ele tinha verdadeiro horror ao Conjunto Nacional por causa das modificações e não queria nem ouvir falar dele. Eu disse a ele que não tinha dinheiro para lhe pagar, mas estava querendo melhorar a imagem do edifício e que para tanto havia contratado o Aurélio Longo, um arquiteto mais jovem, em começo de carreira. Foi assim que ele contou um pouco de sua história, e fiquei sabendo que, quando fez o projeto, ele também era moço e recém-formado. Portanto, resolveu ajudar."

O arquiteto Aurélio Longo conta detalhes do início dos trabalhos de recuperação da imagem do edifício:

"O meu trabalho no Conjunto Nacional começou em 1985, logo depois que a Vilma assumiu a administração do edifício, para recuperar sua imagem, que naquele momento se encontrava deteriorada devido à incompetência da administração anterior.

A primeira providência foi a modernização do símbolo do Conjunto Nacional, um índio que mais parecia um indígena norte-americano e que foi trocado por um 'N' inspirado em trabalhos de tribos brasileiras, extraído da trama do buriti. O novo símbolo tomou-se uma marca, visível em todos os cantos do edifício, nos corredores e nas calçadas, e a partir dela desenvolvemos papéis, bandeira e toda a comunicação visual. Também foram criados novos uniformes para os ascensoristas e para o pessoal da recepção, segurança, manutenção e limpeza, que hoje estão mais elegantes.

A etapa seguinte foi traçar um plano diretor dividido em etapas, que começava no segundo subsolo e terminava no topo do edifício, passando pela revisão das fachadas e das marquises. Com isso, acabamos descobrindo alguns espaços escondidos dentro do edifício, como o próprio escritório onde funciona a administração, no 26º andar do Horsa 2.

O trabalho de recuperação do Conjunto Nacional foi iniciado na galeria comercial. No detalhe, a nova recepção do Horsa II.



Era um espaço emparedado entre as caixas-d'água, na cobertura. No subsolo, foram executadas várias obras de infra-estrutura para o pessoal de apoio.

Ao mesmo tempo, comecei a detectar e fotografar alguns pontos críticos, e após uma análise foram definidas algumas prioridades. As galerias, por exemplo, eram muito escuras, com as colunas pintadas de preto. As fachadas voltadas para as ruas ainda tinham algum atrativo, mas, no interior da galeria, as portas de rolar abaixadas davam aquela sensação de serem a parte dos fundos dos estabelecimentos.

Assim, além de clarear o ambiente com nova pintura e iluminação adequada, foram estabelecidas algumas diretrizes de ocupação de quiosques e das lojas e a reorganização da comunicação visual das galerias, interna e externa. Também foi criada a Central de Informações, que está lá até hoje, e os *halls* das recepções foram modernizados, com a implantação de avançados sistemas de controle de segurança, todos informatizados.

Nesse tempo todo, aconteceram alguns fatos curiosos, como quando resolvemos fazer uma revolução no passeio do Conjunto Nacional, que era um festival de placas e lixeiras com mensagens publicitárias, verdadeiros obstáculos para os transeuntes. Na época estava sendo travada a Guerra do Golfo, chamada de 'tempestade no deserto'. E nós resolvemos fazer uma 'tempestade no passeio'. Todo o pessoal foi avisado, mas não apareceu nenhum dono. Assim, num final de semana, de um dia para outro, foram retiradas todas as lixeiras, placas e obstáculos que havia no passeio do Conjunto Nacional. Foi uma revolução, e de repente apareceram os donos daquelas tralhas que estavam lá ilegalmente, pois não pagavam aluguel para ninguém. Seguiram-se várias ameaças das empresas que exploravam aquele tipo de publicidade, e a Vilma tinha que andar escoltada pelo pessoal da segurança. Nos dias que se seguiram, a segurança passou a controlar as calçadas, e cada vez que alguém colocava uma placa, ela era imediatamente retirada, até que eles desistiam. Ao mesmo tempo, houve a retirada dos ambulantes e a colocação de floreiras para embelezar as calçadas e impedir a concentração de mendigos, que foram procurar outro lugar para dormir.

Eu sempre considerei o Conjunto Nacional um grande transatlântico, que deveria realmente passar por modificações, ser adaptado para uma nova era. Por ser um edifício símbolo, ele acaba se transformando num espelho, e à medida que ele melhora obriga também os outros prédios a seguir o exemplo."

Continuando seu relato, Vilma Peramezza fala das mudanças realizadas para recuperar a galeria:

"A área comercial do Conjunto Nacional teve um longo processo de transformação. O período entre 1985 e 1991 foi de reconhecimento, no sentido de tentar resolver as coisas básicas para o conforto dos condôminos, feito passo a passo junto com cada um deles. Mas, na medida do possível, tentamos melhorar o aspecto da galeria.

Em 1987, o decadente Cine Rio deu lugar ao Cine Arte, que passou a ser dirigido por Dante Ancona Lopez. Com uma excelente programação, em poucos meses se tornou um dos melhores cinemas da cidade e logo foi reformado para abrigar uma segunda sala de exibição. Na época, o Dante deu uma entrevista onde dizia que 'a solução para a galeria do Conjunto Nacional seria tirar as grades, e melhor ainda seria tirar as agências bancárias'. Aquilo passou a martelar a minha cabeça. Havia na galeria uma dúzia de bancos e muitas lojas vazias, o que não era bom para o condomínio. Era necessário aumentar o número de lojas ocupadas, e, quanto aos bancos, a única solução era aguardar e torcer para que saíssem por conta deles, e foi o que acabou acontecendo.

Em seguida, resolvemos limpar os corredores, onde ainda havia quatro ou cinco caixotes – o incêndio já havia detonado alguns –, entre eles o Viena e uma ótica. O próprio Roberto Bielawski, do Viena, reconheceu que aquilo era muito feio e concordou em demolir o quiosque. Em troca, permitimos a instalação de um quiosque menor, para café, na entrada da Avenida Paulista, e ele passou a ocupar a esquina da Alameda Santos com a Rua Augusta, no espaço onde antes funcionava um banco. À noite, o local era considerado perigoso, mas aos poucos, devido ao movimento do restaurante e à atuação dos seguranças, os marginais se afastaram. Em pouco tempo conseguimos eliminar os outros caixotes e retirar as placas luminosas que poluíam os corredores, e de cada nova loja que chegava resolvemos exigir projetos arquitetônicos e passamos a controlar as obras para impedir abusos ou invasões de espaço."

Vilma fala também das obras de infra-estrutura realizadas no segundo subsolo do edifício, que foram importantes para a valorização dos funcionários do setor de apoio:

"Nesse ponto, acredito que foi fundamental a minha visão de mulher, que permitiu detectar coisas que vêm à tona somente quando se administra uma casa, a começar

A retirada dos quiosques permitiu a recuperação dos amplos corredores da galeria comercial. O terraço também foi restaurado.

12

pela cozinha. Eu sabia que deveria cuidar bem do setor de apoio, considerado a cozinha de um edifício, essencial para que tudo funcionasse bem.

Em minhas experiências em edifícios anteriores sempre fui olhar a infra-estrutura e sempre constatei o quanto o serviço do pessoal de apoio é desvalorizado. Tão importantes quanto o pedreiro – se ele não levantar os tijolos você não terá casa para morar –, o eletricitista, o encanador podem não ter muita cultura, mas sem eles você não acende a luz, não tem água. São coisas que não aparecem.

No exercício de minha atividade, sempre dei muito valor à infra-estrutura, ao setor de apoio, ao pessoal do subsolo, a tudo aquilo que não aparecia. Assim, numa atitude pioneira, as atenções foram voltadas para a qualidade dos funcionários, pois não adianta apenas vestir um uniforme bonito se a pessoa não tem possibilidade de aprender a se comunicar. E não basta só treinar, condicionar uma pessoa. O importante é dar dignidade ao funcionário, pois ele está todo dia ali, lidando com várias pessoas de diversas classes sociais, e ele precisa se sentir à altura.

Quando José Tjurs construiu o Conjunto Nacional, reservou uma área de 800 metros quadrados, onde seria montada toda a infra-estrutura do hotel, que se encontrava abandonada, servindo como depósito de entulhos, móveis e equipamentos quebrados que eram amontoados pelos zeladores dos edifícios.

Em 1991, graças ao dinheiro obtido com a renovação do contrato de locação do relógio do Banco Itaú, foi possível realizar uma reforma mais profunda, e resolvemos criar no local a infra-estrutura para melhorar as condições de trabalho dos funcionários. Inicialmente foram construídos novos sanitários, o vestiário, o refeitório, a enfermaria e o almoxarifado.

Com isso, iniciamos o que chamamos de 'recuperação do ser humano', que teria continuidade com uma área de lazer e um programa de alfabetização para os funcionários. Além de acabar com o analfabetismo, conseguimos melhorar nosso setor de apoio, sempre incentivando os funcionários a crescer pessoalmente. Quanto ao setor de segurança, sua estruturação foi um trabalho heróico, pois nossa idéia sempre foi criar um sistema de segurança preventivo, presente, porém discreto.

Hoje eu me orgulho de ter uma equipe que trabalha muito unida. Não existe um gerente operacional, um capataz, que vai olhar se tudo está limpo ou não, e isso é muito raro, pois trata-se de um pessoal que normalmente é desprestigiado. Realizo uma reunião semanal com os representantes de todos os setores: limpeza, almoxarifado, segurança, compra,

departamento pessoal e os supervisores de cada prédio. Eles sentam comigo e discutem todos os problemas."

Desde 1989, Vilma conta com a colaboração do engenheiro civil João Paulo Miguel, da Novo Solo Empreendimentos, que seria o responsável pela realização da maioria das obras de restauro e modernização do edifício.

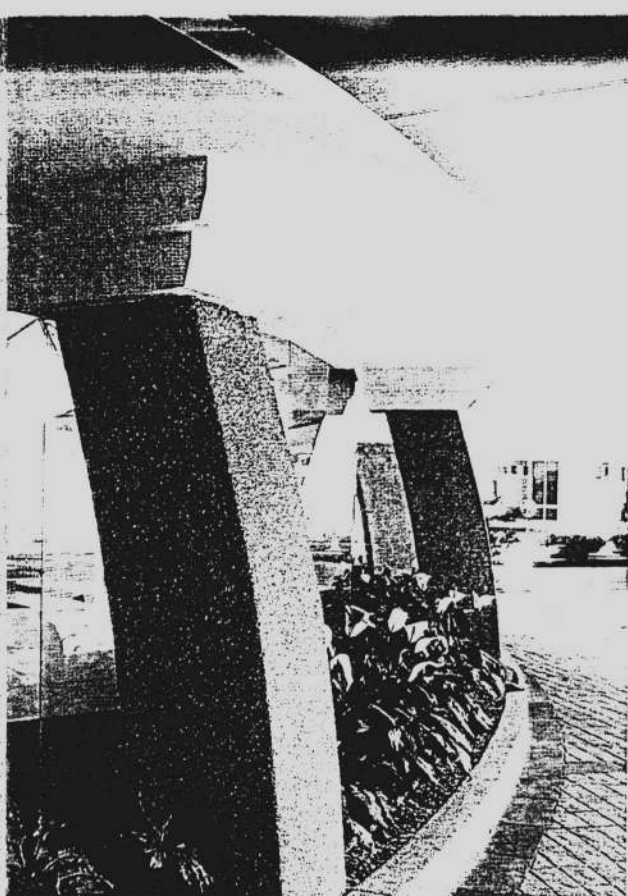
Contratado para a execução das obras de uma nova loja do prédio, João Paulo conheceu Vilma Peramezza e daí nasceu uma longa parceria profissional, como ele conta:

"Meu primeiro trabalho para o Conjunto Nacional foi a reforma das marquises sobre as calçadas, que incluía a substituição de toda a antiga iluminação incandescente por lâmpadas mistas, mais eficientes, econômicas e duráveis, e a execução de uma nova pintura. Em seguida, foram revitalizadas as fachadas baixas. Começamos pela fachada da AgipLiquigás, com frente para a Avenida Paulista, que se apresentava trincada e mófada, e depois todas as outras do segundo terraço. Em seguida realizamos a recuperação dos brises de concreto armado – marca registrada do edifício – que contornam praticamente todo o corpo principal da galeria comercial, que, deteriorados pela ação do tempo e pela agressividade do meio ambiente, apresentavam muitas falhas no concreto e em suas armaduras, reduzidas pela ação da ferrugem.

Depois, foi a vez das calçadas, onde, por ser um local mal iluminado, muitos mendigos e desocupados se abrigavam sob a marquise para pernoitar, transformando os 'cantos' junto aos pilares e paredes das fachadas das lojas num verdadeiro 'mictório público'. Aos poucos, fomos iluminando as calçadas e colocando floreiras para impedir que as pessoas dormissem na calçada. Optamos pela colocação de uma faixa de granito natural preto entre os pilares existentes, e para a iluminação das marquises foram colocados holofotes em toda a extensão da Alameda Santos e da Rua Padre João Manoel. Outro problema crônico eram os pontos de ônibus, onde as pessoas encostavam os pés nos pilares da calçada, que viviam sujos. Solucionamos esse problema substituindo todos os revestimentos dos pilares por uma argamassa acrílica, mais durável, e faixas de granito assentadas estrategicamente nas áreas atingidas pelos pés, dispostas horizontalmente de forma e altura adequadas.

Outra obra importante foi a melhora da infra-estrutura, pois a atual administração do edifício sempre primou pela

O terraço do segundo piso foi totalmente reformado, ganhando novo jardim, com plantas ornamentais e área de lazer.



humanização do trabalho, para que seus funcionários tivessem no dia-a-dia condições muitas vezes até melhores do que aquelas que eles encontravam em suas próprias casas. Com esse objetivo, e devido à precariedade das instalações existentes, iniciamos a construção do novo setor de apoio, que passou a contar com novos banheiros, vestiários, cozinha completa com azulejos de qualidade, pisos cerâmicos de alta resistência, novas instalações hidráulicas e elétricas, ambulatório completo e rouparia, além de uma grande sala para treinamento.

Nos edifícios, primeiro foi feita a recuperação de todos os corrimãos e revestimentos das escadarias e *halls* dos andares. Seguiu-se a reforma dos *halls* da entrada principal, no térreo, com a instalação de balcões de recepção e um sistema de controle de acesso.

Paralelamente, também foram realizados os serviços chamados de 'vilões políticos' – aqueles que não aparecem –, como a reforma dos sistemas de exaustão das garagens do centro comercial; a limpeza dos dutos de exaustão; a remoção de focos de cupins com a substituição da madeira antiga; a limpeza e recomposição de fossas sépticas; a substituição do sistema de bombas hidráulicas e a reimpermeabilização das caixas-d'água, além de reforços estruturais nas casas de máquinas dos elevadores, nas lajes, vigas e

pilares dos subsolos, e outras obras de manutenção do edifício. São serviços que, embora de suma importância e muitas vezes de custo elevado, passam quase sempre despercebidos pelos condôminos e usuários."

Vilma fala agora da coleta seletiva e da reciclagem do lixo, iniciando uma atividade pioneira em edifícios comerciais:

"Quanto à coleta seletiva e à reciclagem do lixo, pode parecer que foi uma questão ecológica, mas na verdade foi para solucionar um problema que estava ligado ao gerenciamento do serviço de limpeza. O lixo era amontoado no subsolo, onde o zelador mandava o pessoal da limpeza separar papel, papelão, vidros, latas e outros objetos, que depois ele vendia. Isso gerava uma das mais terríveis estruturas de poder, pois sabemos que nos ambientes de miséria existe uma exploração muito maior. Os zeladores são os verdadeiros donos dos prédios: eles mandam em tudo porque são eles que conhecem tudo. Eles alegavam que, por uma questão de economia, era melhor trazer o catador que levava o lixo do que pagar pela sua retirada. Achei isso um absurdo e proibi toda comercialização de lixo e comecei a pagar para retirar.

Ao mesmo tempo, havia outro problema: o lixo era armazenado em *containers* no segundo subsolo, mas os ele-

vadores dos edifícios comerciais não descem até lá; então, o lixo é transportado até o térreo e depois levado pela galeria até os elevadores que servem o terraço e as garagens. Com isso, era uma verdadeira 'dança do lixo' pelos corredores, e no começo da noite os carrinhos formavam uma fila em frente dos elevadores. Era uma situação nada agradável para quem circulava pelo edifício e para o público dos cinemas e restaurantes.

Para diminuir a quantidade de lixo resolvemos criar um programa de coleta seletiva, implantado com a ajuda de Antônio Carlos de Carvalho, que morreu recentemente, e com o envolvimento do setor de apoio. Assim, foi iniciado um trabalho de educação para que as pessoas joguem no lixo apenas o que é lixo mesmo, que não é reciclável.

A receita obtida com a venda do material reciclável passou a ser usada em benefício dos funcionários. Resultado: o lixo já serviu para pagar um 14º salário para todos os funcionários; em outra ocasião, para comprar material escolar para seus filhos; e hoje vem sendo utilizado para investir em educação, com a contratação de professores e de profissionais da área organizacional, que implantaram um programa de treinamento para mudança de função. Quando um faxineiro é promovido a ascensorista, por exemplo, é motivo de grande festa entre os funcionários. Além disso, o dinheiro do lixo permitiu a compra de equipamentos como geladeira, televisão, vídeo, rádio e máquina de café para uso comunitário.

Ao transformar o lixo em educação, mostramos que é possível modificar a vida de um prédio, e o Conjunto Nacional passou a ter não apenas uma importância ecológica, mas se tornou um exemplo de qualidade de vida, afinado com a modernidade."

*P*ara consolidar e dar continuidade ao programa de valorização dos funcionários, a administração do Conjunto Nacional passou a contar com o apoio estratégico da MTB, empresa especializada em consultoria organizacional.

Quem explica essa função é Maria Ignez Prado Lopes Bastos, responsável pelo projeto de transformação organizacional do condomínio:

"O processo de modernização administrativa desenvolvido pela MTB foi iniciado em 1995, com a elaboração das normas de uso do setor de apoio, e envolve várias ações que buscam a qualidade de serviços e produtos e a condição de cidadania para os funcionários, parceiros e clientes do Condomínio Conjunto Nacional.

Ao lado dos trabalhos de elaboração e implantação de instrumentos de racionalização de sistemas e valorização de recursos humanos, que deram condições ao desenvolvi-

mento de uma efetiva gestão participativa e diminuição dos custos da administração do condomínio, estão sendo realizados com sucesso alguns projetos de ação social que levaram o CCN a ser incluído entre os finalistas do III Prêmio Nacional de Qualidade de Vida, promovido pela Associação Brasileira de Qualidade de Vida.

O Programa de Qualidade de Vida para condôminos, funcionários, clientes e visitantes do condomínio visou inicialmente à valorização pessoal, focalizando o bem-estar da organização e da família, e o resgate da dignidade humana, com a execução de projetos de gestão participativa, treinamento, aculturação, alfabetização, Telecurso 2000, línguas, saúde física, saúde financeira, cooperativa e oficinas, que tiveram como resultado o desenvolvimento pessoal e organizacional e a qualificação profissional. Também foram desenvolvidos projetos visando ao meio ambiente, como o de educação ambiental (coleta seletiva), cujo resultado foi a conscientização ecológica.

Todos esses resultados, obtidos com os projetos desenvolvidos pela parceria entre a MTB e a administração do Conjunto Nacional na busca da qualidade de vida, apontam para a possibilidade de expansão desse programa para toda a comunidade da Avenida Paulista."

*D*e depois da recuperação das fachadas, da galeria, das calçadas, das torres, dos subterrâneos, das estruturas e de outras áreas pouco visíveis do edifício, chegou a vez do terraço onde ficava o Jardim de Inverno Fasano, portanto, o cartão de visita do Conjunto Nacional.

A reforma era necessária para resolver um problema de vazamento no jardim, mas como até a cúpula geodésica estava deteriorada, Vilma decidiu recuperar e embelezar todo aquele espaço. Afinal, ela também havia dançado no Fasano e queria devolver aquele espaço ao edifício:

"Quando cheguei ao Conjunto Nacional, além dos problemas encontrados havia também uma certa dificuldade de ser síndica, porque o síndico de um edifício é alguém sempre mal visto, sempre muito controlado e eu não tinha com quem dividir essa visão, pois os condôminos estão sempre envolvidos com seu próprio olhar. Você tem uma série de grandes empresas no Conjunto Nacional. Mas qual é o objetivo delas?

Elas querem que o prédio funcione, mas não estão preocupadas se ele está bonito ou feio. Inclusive, querem que se gaste o mínimo possível.

Além de obras para o setor de apoio, no subsolo do edifício foi criado um sistema pioneiro de coleta seletiva e reciclagem do lixo.

Quando realizamos a reforma do terraço, por exemplo, ninguém entendia. O problema todo era um vazamento da água pluvial, pois o jardim anterior não tinha drenagem, e era necessário fazer uma impermeabilização. Quantas pessoas falaram para colocar um telhado de brasilit, que seria muito mais econômico.

Mas aquele é um espaço nobre do edifício, que tem sua história ligada ao salão de festas do Fasano e faz parte da própria história da Avenida Paulista e da cidade. Portanto, precisava ser recuperado."

O engenheiro João Paulo fala da execução das obras do terraço:

"Esse realmente foi um capítulo à parte da história da recuperação do Conjunto Nacional. O terraço, como se costuma chamar, sempre foi o local de maior ocorrência de problemas de manutenção, devido aos constantes vazamentos nos telhados, geralmente por falhas da impermeabilização, pela falta de drenagem nos jardins ou entupimento da rede de águas pluviais. Ou seja, lá se concentrava a maioria dos 'fantasmas' que davam mais trabalho ao pessoal da manutenção. Ao mesmo tempo, era necessário recuperar a cúpula geodésica que cobria o *hall* dos elevadores, que estava cheia de rachaduras. Para essa reforma, foi necessário substituir as placas de *fiberglass* uma a uma, e, por serem todas diferentes entre si, o ajuste final foi feito por funcionários especializados, que trabalharam por cima da estrutura de alumínio amarrados em cordas de náilon presas ao cinto de segurança.

Em seguida foi executado o espelho d'água com pequenos chafarizes, que depois de impermeabilizado foi revestido com pastilhas de vidro, de acordo com o projeto de urbanização do terraço."

A arquiteta Maria Cecília Barbieri Gorski, da Barbieri & Gorski Arquitetos Associados, responsável pelo projeto paisagístico, conta outros detalhes da recuperação do terraço:

"O projeto do Garden Place começou a ser desenvolvido em 1994, quando Vilma Peramezza estabeleceu um programa de revitalização do segundo terraço do Conjunto Nacional e nos encarregou de desenvolver e executar um projeto de paisagismo.

Sendo um terraço sobre laje, que não suporta grande carga de terra, a solução encontrada foi colocar a vegetação em locais estratégicos, onde a estrutura poderia suportar o peso. E, não sendo possível ter grandes áreas internas de vegetais, optou-se por trabalhar em texturas variadas e pedras de cores contrastantes. O piso, de pedra miracema, foi desenhado com módulos de tamanhos variados e a inclusão de pastilhas de vidro azul. No acesso ao *hall*

coberto pela cúpula, foi criado um espelho d'água com vários jatos e floreiras que contornam a área coberta. A vegetação empregada, além de atender aos diferentes níveis de insolação, é própria para solos não muito profundos e resistente a ventos.

Para garantir maior controle de drenagem da laje, optou-se por trabalhar basicamente com fronteiras de cimento amianto, que foram envoltas por enormes cachepôs de arenito vermelho, aplicado em 'canjiquinha', que era um tipo de assentamento de pedra muito usado nas décadas de 50 e 60. Nas áreas de laje onde não se poderia colocar terra, optou-se por brita grande, cuja cor cinza dialoga com a pedra miracema e o arenito vermelho, garantindo a drenagem e propiciando uma textura forte e contrastante com os outros materiais."

A restauração do terraço, reinaugurado em junho de 1997, trouxe de volta parte do *glamour* que caracterizou o Conjunto Nacional nos anos 50, 60 e início dos 70. Ao mesmo tempo, o Garden Place significou a compensação de um longo período de conquistas, quando várias etapas foram superadas.

O arquiteto David Libeskind, que em diversas ocasiões voltou ao Conjunto Nacional e acompanhou algumas etapas da recuperação do edifício, elogia as reformas, apesar de contestar as novas intervenções:

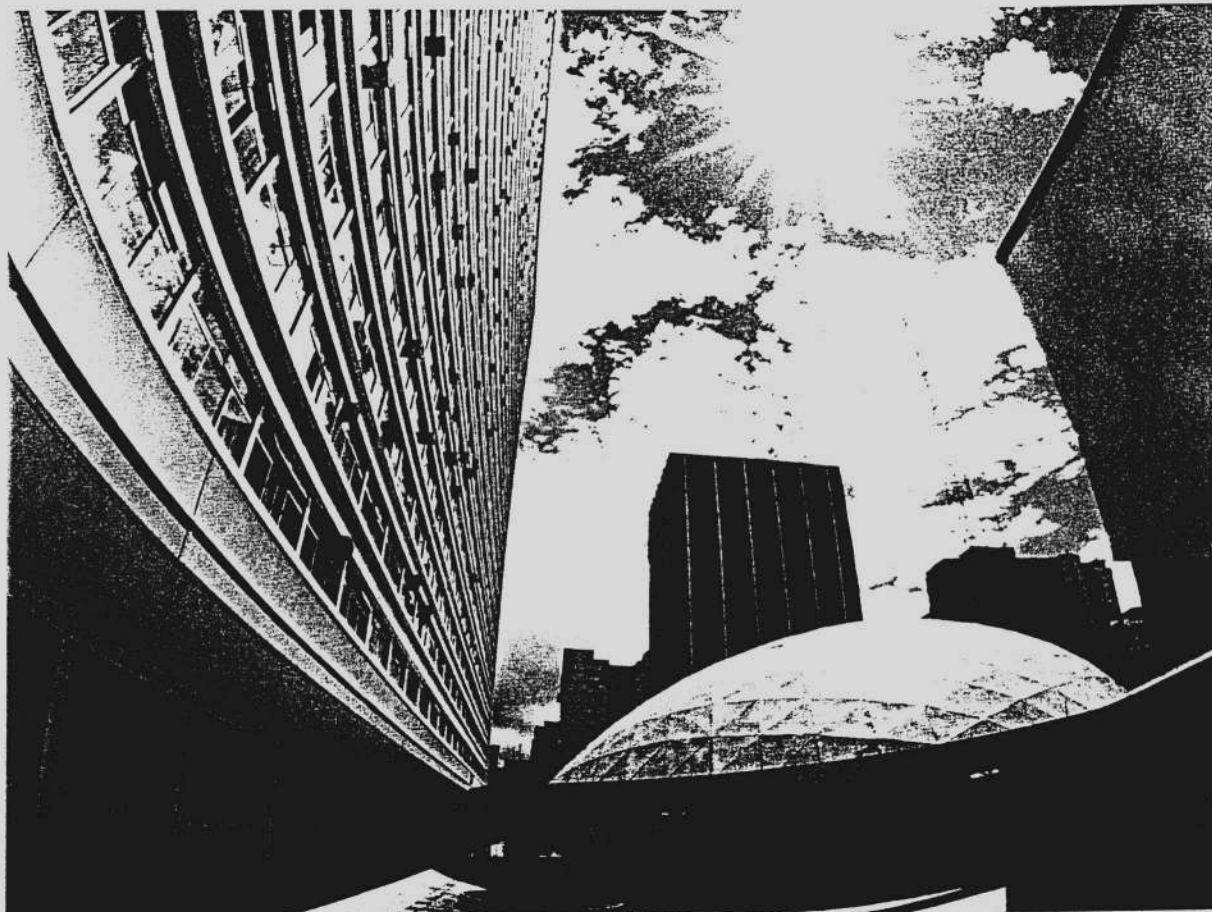
"Eu colaborei indiretamente para a recuperação do Conjunto Nacional, colocando-me à disposição para quando precisassem de mim. O trabalho de restauração e modernização foi elogiável, principalmente por terem eliminado aquelas lojas que obstruíam as galerias. Realmente, limpamos o Conjunto Nacional, e a Vilma teve um papel de grande importância nessa difícil tarefa.

Evidentemente, durante as obras, novamente começaram a surgir as infelizes 'contribuições' estéticas, sem qualquer necessidade. Até as colunas periféricas que sustentam a cúpula geodésica foram 'agraciadas' com capitéis disformes, numa linguagem conflitante com o novo e bonito jardim sob a cúpula.

Concordo que qualquer prédio antigo pode ser revitalizado, mas esse trabalho deve ser feito dentro dos princípios da ética e da estética exigidos em cada caso. Mas não estou deixando de reconhecer, em parte, o trabalho de recuperação do Conjunto Nacional."

Vilma reconhece as razões do arquiteto e aponta os

Depois de uma ampla reforma, em junho de 1997 foi inaugurado o novo terraço, com a cúpula geodésica totalmente restaurada.



motivos que hoje impedem um retorno ao projeto inicial, quarenta anos depois:

“Quero até pedir desculpas ao David Libeskind por não ter conseguido recuperar totalmente o projeto inicial dele, que eu respeito muito. Mas existem problemas de uso de um imóvel que são complicados e que muitas vezes conflitam com a idéia do arquiteto. No caso do Conjunto Nacional, muitas das áreas que o David não projetou e que segundo ele deveriam ser até demolidas, como, por exemplo, as construções sobre o terraço, hoje têm proprietários, e não existe a menor possibilidade de alguém chegar e desapropriar, ou demolir.”

Realmente, não foi possível uma volta ao passado, como desejaria o arquiteto, mas o Conjunto Nacional recuperou sua imagem e voltou a atrair novas empresas, tanto na galeria como nos edifícios comerciais, e os imóveis se valorizaram – hoje, as unidades menores são avaliadas entre 40.000 e 45.000 dólares.

Desde sua inauguração, o Conjunto Nacional sempre acolheu grandes empresas, como a Martini & Rossi (atual Bacardi Martini), a AgipLiquigás, que passou a ocupar o local onde era o Fasano, a Refinadora de Óleos Brasil (um dos primeiros condôminos), a Livraria Cultura, o Viena Delicatessen, o Setpesp, a Drogaria São Paulo, a Papelaria Conjunto, a loja de discos Love Music, a Joalheria William e o Unibanco, na esquina com a Rua Padre João Manoel, onde se encontra um raríssimo painel do artista plástico Danilo Di Prete, além de diversas agências de propaganda – entre elas a Colucci & Associados, uma das mais antigas do edifício.

Em 1981, a Cotia Trading, uma das principais empresas prestadoras de serviços de financiamento e logística em importação e exportação do país, escolheu o Conjunto Nacional para instalar os seus escritórios. Ela continua no primeiro pavimento da lâmina horizontal e tem atraído profissionais do mundo inteiro, que aqui aterrissam

para reuniões de negócios e visitam o edifício. Outra grande empresa que optou pelo Conjunto foi a Arisco, que nos anos 80 instalou seus escritórios no Horsa II, onde atualmente ocupa uma área de 2.500 metros quadrados distribuídos em três andares.

Em 1988, duas salas de exibição (Studio Alvorada 1 e 2) foram inauguradas no primeiro piso, aumentando para cinco o número de cinema no edifício. No mesmo ano, a inauguração do novo Viena, na esquina da Rua Augusta com a Alameda Santos, representou um grande passo rumo à revitalização do Conjunto Nacional, como lembra Roberto Bielawski:

“A instalação do Viena na esquina da Alameda Santos, em 1988, se deve a Vilma, que nos incentivou muito a sair do quiosque e partir para uma loja grande, que deu um grande impulso para o crescimento da rede, pois o Viena do Conjunto Nacional tem uma exposição muito grande devido à excelente localização, e hoje está entre as nossas melhores lojas. A mudança foi boa tanto para o Viena quanto para o edifício, pois a retirada do quiosque liberou o *hall* principal, que ficou totalmente livre.

Hoje o público do Viena não é formado apenas por pessoas que trabalham nos escritórios, pois o Conjunto Nacional se tornou um local que oferece uma série de atividades de lazer, desde os cinemas, os encontros literários na Livraria Cultura, e até o próprio ato de comprar nas diversas lojas da galeria.

Cada vez que vou ao Conjunto Nacional, sinto uma alegria muito grande de ver que está tudo recuperado e que há uma preocupação permanente de melhoria, o que não ocorre na maioria dos prédios de São Paulo. A Savoy teve a felicidade de colocar a Vilma para cuidar do edifício, uma pessoa que olha aquilo com muito carinho, e eu só posso expressar a minha total admiração pelo trabalho que ela vem desenvolvendo lá dentro.”

Hoje o Conjunto Nacional vive uma outra era, com a chegada de novos condôminos, como o Jornal do Brasil, a Rincon Perfumado, a rede de drogarias Nebraska, a Via Cores, os restaurantes Súbito e Grill Hall, a Visconti, a academia Bio Ritmo e a imobiliária Valentina Caran.

Por sua vez, o Edifício Guayupιά continua um dos prédios residenciais mais luxuosos da cidade, onde residem alguns moradores fiéis, que não trocam o Conjunto Nacional por nenhum outro lugar, como Maria Helena Leme da Fonseca, que se mudou para o edifício em 1964. Outras moradoras ilustres são Maria Giraud, conhecida por madame Giraud, que há trinta anos ocupa um apartamento de 250 metros quadrados; a artesã Adriana Bar-

torelli, que se dedica à arte da tapeçaria, e a italiana Marcella Morisco, desde 1963 proprietária da Copiadora Conjunto, na galeria comercial, e que recentemente foi residir no Guayupιά.

De olho no futuro, a administração do Conjunto Nacional está voltada para uma nova realidade, com a implementação de diversas obras para modernizar o edifício.

Os elevadores do Conjunto Nacional sempre foram uma grande preocupação da atual administração devido ao desgaste dos equipamentos, principalmente em função do tempo de uso: o Horsa I possui seis elevadores em operação desde 1965, o Horsa II conta oito equipamentos instalados em 1962 e o prédio central é servido por dois elevadores, um para cargas e outro social, em operação desde 1958.

Assim, para oferecer o máximo de qualidade e segurança à população de 35.000 pessoas que circula diariamente pelo Conjunto Nacional, a primeira medida consistiu em recuperar os elevadores. Iniciado em dezembro de 1997, esse trabalho está sendo executado pela Elevadores Atlas, que até o ano 2000 deverá modernizar os dezesseis elevadores já existentes e montar um novo no prédio central, levando a modernidade ao grande complexo de edifícios.

O trabalho de modernização, já realizado em alguns elevadores, consiste na substituição do teto e botoeiras das cabinas, com a instalação de totem com tela gráfica dupla, que exhibe data, hora, localização e direção do elevador e possibilita a transmissão de mensagens e informações do edifício via Sistema de Monitoração e Controle de Tráfego. Em cada andar, estão sendo instaladas botoeiras com tecla sensível e indicadores com *display* multiponto, e na casa das máquinas os antigos armários de comando, despacho e gerador cederam lugar ao comando computadorizado Excel e despacho avançado.

Outros projetos de modernização estão em andamento, como explica Vilma Peramezza, que também revela sua visão de modernidade administrativa:

“Em matéria de infra-estrutura, depois dos elevadores, estamos pensando em modernizar o sistema de telecomunicações, implantando um avançado serviço de telecomunicação e de transmissão de dados para os nossos condôminos. Ainda é cedo para avaliar a importância desse sistema para o futuro, mas, considerando que o Conjunto Nacional não é mais um projeto arquitetônico

Com a realização de exposições de arte, o Conjunto Nacional passou a fazer parte do corredor cultural em que se transformou a Paulista.

moderno, ele tem que oferecer outros atrativos para os usuários e ao mesmo tempo valorizar o patrimônio dos proprietários.

Quanto à área administrativa, eu tenho uma idéia pessoal de modernidade: a transformação do setor de apoio numa cooperativa de serviços, que seria administrada pelos próprios funcionários, que se tornariam os vendedores dos próprios serviços. O objetivo seria um novo conceito de prestação de serviços, extensivo a todos os condôminos, no que se refere a limpeza, consertos, pequenas reformas, serviço de mensageiros e outras atividades. Esse sistema diminuiria o custo do condomínio, que passaria a pagar apenas os serviços realizados, e os funcionários da cooperativa poderiam ganhar mais com a execução de serviços também para os condôminos, que normalmente são realizados por pessoas de fora."

Encerrando seu depoimento, Vilma fala do futuro do Conjunto Nacional:

"Toda vez que penso no futuro do Conjunto Nacional me lembro daquela primeira assembléia no edifício, quando apresentei meu programa de administração, e alguém perguntou:

'Qual é o futuro do Conjunto Nacional, e quantos anos mais ele vai ficar de pé?'

É uma pergunta difícil de responder, pois para nós, sul-americanos, isso é um tanto complicado. Para o europeu já é diferente. Quantos prédios existem lá na Europa, de centenas de anos, ou castelos medievais que hoje são hotéis?

Como já disse, cheguei ao Conjunto Nacional em

A "prefeita" do Conjunto Nacional, Vilma Peramezza. Ao lado, o terraço restaurado e os novos elevadores modernizados pela Atlas.



1984 para ficar algum tempo, mas os anos foram passando e eu acabei ficando. Aprendi a conhecer os subsolos e seus 'meandros' com gente que amava este espaço, como Olivieri Carnevale, zelador dos velhos tempos, que dividiu comigo os primeiros anos difíceis, e Maria Clemência, que me apontou as dificuldades do pessoal da limpeza: 'os excluídos do subsolo'. Foi graças a eles que consegui me aproximar dos verdadeiros 'heróis desconhecidos', aqueles que trabalhavam arduamente para manter a infra-estrutura funcionando.

Depois de todos esses anos, foi possível conhecer como ninguém o edifício, o perfil de seus condôminos e de seus usuários, o que me permite até divagar um pouco sobre o futuro desse gigante, e essa convivência diária faz com que eu tente imaginar como gostaria de ver o edifício daqui a dez anos, por exemplo. Assim, vejo os grandes cinemas adotando o moderno sistema de salas múltiplas, transformados em quatro, cinco ou mais salas de exibição. Imagino o primeiro terraço ocupado por lojas – acho que isso não vai demorar muito – e o local onde está a AgipLiquigás transformado num grande centro de convenções, com modernos equipamentos, para a realização de seminários, palestras, conferências e encontros empresariais.

Quando vejo a quantidade de executivos de terno e gravata que na hora do almoço circulam pelos corredores da galeria, fico imaginando se o edifício residencial não poderia ser transformado num *apart-hotel*, um misto de residência e escritório com serviços de hotelaria, concretizando assim a antiga idéia do Tjurs.

Mas, deixando os sonhos de lado, atualmente o grande objetivo é continuar a recuperação da galeria comercial. Com a saída dos botecos e dos bancos, seus espaços foram ocupados por estabelecimentos já tradicionais no Conjunto Nacional, como a Livraria Cultura, que agora ocupa quatro lojas, e a Papelaria Conjunto, que abriu a Via Cores, uma loja para artistas plásticos. Ao mesmo tempo, outras agências bancárias deram lugar a restaurantes e lojas comerciais. Com isso, os corredores perderam aquele ar de 'mercado municipal de bairro' depois do expediente.

A última vitória foi a saída do Gel's, localizado em frente da Livraria Cultura, um bar que ainda permanecia na galeria e que ocupava um espaço cuja locação era proibida na época de sua instalação. Foi uma luta de catorze anos, mas finalmente o Conjunto Nacional recuperou a espiral, que é o coração do projeto, para a alegria do David Libeskind, que até ajudou a derrubar o bar.

Outra agradável surpresa tivemos no terraço, com a instalação da academia Bio Ritmo, a mais moderna da cidade,

que foi responsável pela afluência de muita gente jovem e bonita ao Conjunto Nacional.

Um projeto que considero viável a curto prazo é a criação de um bulevar na calçada da Alameda Santos, onde há aquele paredão do Cine Astor. Nesse local poderiam ser montadas pequenas lojas de conveniência, uma floricultura, uma sorveteria, um café. Mas isso tudo ainda depende das reformas que serão realizadas no cinema.

Para finalizar, o que espero mesmo para o futuro é que a Paulista não se torne o que é hoje a região central da cidade. Mas, para tanto, é necessário valorizar e apoiar entidades como a Associação Paulista Viva e incentivar a criação de movimentos como o da preservação do Parque Trianon, que se encontra em fase de estruturação.

Assim, espero que daqui a quarenta anos escrevam outro livro sobre o Conjunto Nacional e a Avenida Paulista."

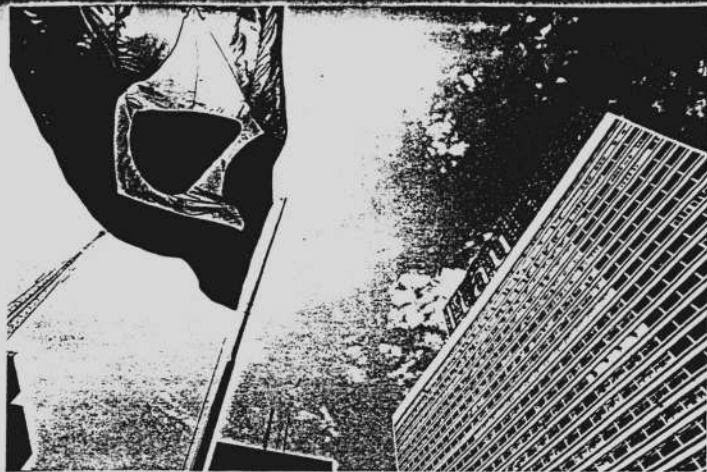
A total revitalização do Conjunto Nacional representa a consagração do trabalho de uma administração sempre preocupada com a valorização do ser humano e com o resgate da memória da cidade com a recuperação de um de seus símbolos, além de garantir a preservação de um importante patrimônio da Avenida Paulista.

Com o novo Conjunto Nacional, São Paulo pode novamente ostentar o edifício que exerceu uma função relevante para a cidade e que representou o marco de um momento histórico no final dos anos 50, quando o Brasil dava os primeiros passos rumo à modernidade, ao impulsionar as mudanças que transformaram a Avenida Paulista no maior centro econômico-financeiro do país.

Ao comemorar quarenta anos, o Conjunto Nacional se encontra em plena sintonia com a nova realidade da Avenida Paulista. Além de ser a sede dos escritórios de grandes empresas e um ativo centro comercial, recentemente passou a promover apresentações musicais e a organizar mostras temáticas e exposições de consagrados artistas brasileiros, com o objetivo de permitir maior aproximação do grande público que circula pelo edifício com as diversas manifestações artísticas. Com isso, o Conjunto Nacional passou a integrar o corredor cultural em que está se transformando a Avenida Paulista.

Ao mesmo tempo, a administração continua executando obras de modernização do edifício. Afinal, o Conjunto Nacional é uma cidade dentro da cidade, que, seguindo o exemplo de São Paulo, também não pode parar.

E o novo Conjunto Nacional pode ser definido numa frase de Vilma Peramezza, a "prefeita" dessa pequena cidade: "Às vezes eu olho para trás e não acredito."



AVENIDA PAULISTA HOJE

NOSSA QUINTA AVENIDA É UMA REALIDADE

*A*o inaugurar o Conjunto Nacional em 1958, José Tjurs sabia que algo iria mudar na Avenida Paulista. Mas, como ele era apenas um homem de visão e estava longe de ser um profeta, certamente não imaginava que sua previsão – a transformação da Paulista na Quinta Avenida de São Paulo – se concretizaria em tão pouco tempo.

Porém, é preciso reconhecer que a época também ajudou, e muito. Afinal, neste século, nenhum outro período foi tão marcado por mudanças como a década de 50. E isso no mundo inteiro.

A começar pelo advento da televisão, que passou as imagens – até então restritas às telas dos cinemas – para dentro das casas, os anos 50 testemunharam outras inovações tecnológicas, como as naves espaciais, desenvolvidas por Estados Unidos e União Soviética. Em plena guerra fria, essas duas potências se digladiavam para impor ao mundo suas doutrinas extremistas. Os russos lançaram o primeiro satélite em 1957 – o *Sputnik I* –, dando a largada para uma desgastante e inútil corrida pela exploração do espaço.

As mudanças mais profundas ocorreram no comportamento, quando a mulher passou a usar calças compridas,

saías mais curtas e, pasmem, descobriu o umbigo ao desfilar nas praias e piscinas com o então ousado duas-peças. Enquanto isso, jovens de todo o mundo sucumbiam ao embalo do rock'n roll, o ritmo alucinante lançado em 1955 com *Rock Around the Clock*, música de abertura do filme *Sementes da Violência*, interpretada por Bill Halley e seus Cometas. O novo ritmo pregava a liberdade total dos costumes, uma tendência que logo seria reforçada pelo filme *Juventude Transviada*, com James Dean, e pelo cantor Elvis Presley, o maior ídolo de rock de todos os tempos.

Outra reviravolta aconteceu no mundo do cinema, até então dominado por filmes americanos, que no decorrer da década viu surgir muitas produções européias, revelando nomes como Roberto Rossellini, Vittorio De Sica, Federico Fellini, Roger Vadim, Ingmar Bergman e outros.

Todas essas mudanças logo chegaram ao Brasil, que nos anos 50 presenciou o nascimento do cinema novo, da bossa nova e da indústria automobilística. Evidentemente, os jovens também acompanharam as novas tendências mundiais de comportamento.

Portanto, considerando esse panorama marcado por profundas mudanças, a modernização da Avenida Paulista

foi também a maneira que a cidade encontrou para acompanhar o dinamismo da época e das décadas seguintes.

Com o passar dos anos, a Avenida Paulista acabou se tornando o maior centro financeiro do país, e até o início dos anos 80 quase todas as mansões da aristocracia paulistana haviam cedido lugar aos enormes edifícios de vidro e concreto dos bancos e das grandes empresas, nacionais e multinacionais.

Devido à sua superlotação, muitos edifícios começaram a apresentar sérios problemas de segurança, como foi o caso dos edifícios da Cesp, que em 1987 foram totalmente destruídos pelo fogo, no maior incêndio da avenida. Em 1993, para evitar outra tragédia, o Edifício Baronesa de Arary foi desocupado e passou por reformas nas instalações elétricas. No mesmo ano foi demolido o casarão que abrigou o ateliê de Madame Rosita, um dos últimos da avenida.

Hoje, cerca de um milhão de pessoas, além de centenas de ônibus e milhares de carros, passam diariamente pela Paulista, criando um verdadeiro caos.

Mesmo assim, a avenida continua despertando a atenção de poetas e escritores, verdadeiros cronistas da cidade, que observam e relatam o dia-a-dia das pessoas e, quando os fatos justificam, também apontam a incompetência de alguns burgomestres e o vandalismo de empresários insensíveis, sempre prontos a destruir o pouco que sobrou das coisas belas de nossa metrópole.

Um atento observador do cotidiano dos paulistanos é o poeta Álvaro Alves de Faria. Seus versos, que retratam poeticamente os acontecimentos da cidade grande, são declamados diariamente pela Rádio Jovem Pan, instalada no alto do edifício localizado na esquina da Avenida Paulista com a Alameda Joaquim Eugênio de Lima.

Por estar presente em seu dia-a-dia, Álvaro costuma focalizar periodicamente a Avenida Paulista, como no poema em que revela as ansiedades do homem urbano comum, que compartilha sua solidão com o entardecer da grande avenida:

DO OUTRO LADO DA RUA

Eu acabo de atravessar a Avenida Paulista e não sei o que vim fazer do lado de cá.

Vejo os cartazes de cinema e não me interesso por nenhum filme.

Há alguém vendendo pulseirinha na calçada e os estudantes invadem a escadaria de sua faculdade.

Eu me sento num dos bancos da Avenida Paulista e fico observando toda aquela gente andando apressadamente,

aos beijos, de mãos dadas.

Fico olhando, eu sempre fico olhando, eu nunca vou saber por que é que eu olho tanto essas coisas que já sei de cor.

Os automóveis continuam passando com a mesma velocidade de sempre, com as mesmas buzinas, com o mesmo desencanto. Eu gostaria que alguma coisa mudasse, mas eu não sei o que deve realmente ser mudado: se o homem ou os objetos que cercam sua vida.

O jornalista está lendo um jornal no escuro.

Deve ser uma notícia interessante. Talvez um crime.

Ou futebol. Política não deve ser. Política não deve interessar às pessoas como o jornalista, que fica ali sentado o dia inteiro vendendo suas revistas, seus jornais antigos e suas esperanças de um dia melhor.

A casa comercial, toda iluminada, vendendo máquinas fotográficas, máquinas de escrever, blusões coloridos.

Eu gostaria muito de usar um blusão colorido.

Há moças esperando namorados apaixonados. Elas ficam olhando para o chão, contando os passos que povoam a calçada. Os namorados chegam com beijos molhados e abraços silenciosos. Depois eles saem sem palavras e se despedem na primeira esquina, onde a vida deve recomeçar.

Eu continuo aqui sentado. Os bancos da Avenida Paulista são engraçados. Daqui eu vejo tudo. A noite cai profundamente como um poço. Eu observo as filas de ônibus e todos estes acenos que se perdem debaixo das mãos.

Daqui a pouco eu sei que vou embora.

Atravessarei novamente a Avenida Paulista e me perderei na galeria do outro lado, onde estão os bares e onde as pessoas deixam o tempo escorrer, exatamente como escorre a chuva nos vidros das janelas.

Sei que alguma coisa está errada. Sei que é preciso mudar. Mas não sei exatamente o que está acontecendo.

Eu não devia ter comprado estas flores. Fico andando de um lado a outro com um maço de margaridas nas mãos e sei que não existe ninguém disponível a receber margaridas num tempo de flores murchas.

A preocupação com a preservação da avenida é permanente, como revela o escritor Ignácio de Loyola Brandão na crônica *Por que odeiam a Avenida Paulista?* publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* de 6 de agosto de 1995:

“Há 38 anos mantenho com a Avenida Paulista uma relação que começou com o fascínio. Atravessei fase diversas, dos casarões da aristocracia cafeeira até a con-

Além de ser palco de competições, como a corrida de São Silvestre, a Avenida Paulista se tornou o local das comemorações esportivas.

centração de bancos que é hoje. Os lugares em que aqui morei sempre foram próximos à Paulista. Nunca me afastei de sua vizinhança. Ia, voltava. Acompanhei suas transformações.

No final dos anos 50, costumava, na madrugada, ficar andando pela avenida, conversando. Admirando os casarões, alguns bem conservados, outros decadentes, vários fechados. Era uma delícia contemplar o delírio arquitetônico, cada um tinha construído sua casa de acordo com sonhos e fantasias e o rebuscamento era total. A casa que despertava mais curiosidade era a do Matarazzo, na esquina da Pamplona. Arrogante, feia, ali morava o homem mais rico do Brasil. Lembro-me que os carros dos Matarazzo tinham chapas 1, 2, 3 e assim por diante. Hoje os antigos jardins bem cuidados por um batalhão foram invadidos prosaicamente pelos carros dos remediados da vida. É um estacionamento para escritórios e bancos. Naquele tempo havia tranquilidade, ausência de violência. À noite, podia-se sentar no bosque do Trianon (48.624 metros quadrados de verde e sombra) ou nos bancos da Praça Osvaldo Cruz. Nesta havia uma padaria aberta 24 horas, com um misto-frio especial: pão crocante, quentinho, manteiga, presunto e queijo fresquíssimos.

Nos anos 70, começou a batalha imobiliária. Bastava uma pequena notícia anunciando que um casarão seria tombado para ele amanhecer semidestruído pelos tratores. Desse modo, se conseguiu colocar no chão todas as vilas e palacetes construídos pelos 'nobres' do café. Uma que resistiu bravamente foi a Vila Fortunata, de René Thiollier, na esquina da Ministro Rocha Azevedo. De repente, caiu, sobraram as árvores de um jardim que ocupa meia quadra. O metro quadrado mais caro do mundo. A avenida tinha uma ilha central e os ipês nas calçadas. As árvores foram retiradas, ficou uma desolação. Os bondes percorriam-na inteira. As linhas principais eram a Avenida 3 e a Avenida Angélica 36. A primeira com carros abertos; a segunda, com os camarões, fechados.

Quando morava na Alameda Itu, eu costumava subir até o Trianon para apanhar o Avenida 3. O ponto era diante de um muro semidestruído, que mal escondia as ruínas do antigo Belvedere. Ali se ergueu o Masp.

Em 1990, numa eleição promovida pelo Banco Itaú, a Paulista foi eleita símbolo da cidade. O banco está identificado com a avenida. De qualquer ponto da cidade se vê o seu relógio luminoso instalado sobre o Conjunto Nacional.

Além da agitação que marca o seu dia-a-dia, a Avenida Paulista é o lugar escolhido para passeatas e manifestações políticas.



Tradicional, majestosa, imponente, paradoxal, contraditória, a avenida é orgulho do paulistano, que a chama de Quinta Avenida ou Wall Street. Movimentada, congestionada, torta, dá uma sensação de grandiosidade, ainda que, embaixo, esteja ocupada por sem-teto, pedintes e repleta de camelôs. Esta avenida amada tem sido muito maltratada. Cada prefeito deixa marca pior que a outra.”

A Paulista também passou a ser palco de manifestações populares, principalmente esportivas. Periodicamente é invadida pelos torcedores de times de futebol para a comemoração de conquista de títulos, trazendo de volta as festas e confusões que lembram os antigos cursos de carnaval. Todo dia 31 de dezembro, a avenida é ponto de largada e de chegada da corrida internacional de São Silvestre.

Na campanha “Eleja São Paulo”, promovida pela Rede Globo e pelo Banco Itaú em 1990, a Avenida Paulista foi eleita símbolo de São Paulo com 22,86 por cento dos votos, derrotando outros marcos importantes da cidade, confirmando assim a sua magnitude e a sua popularidade.

No dia 25 de janeiro de 1991, o metrô chegava à Paulista com a inauguração das estações Consolação, Trianon-Masp e Brigadeiro, e em setembro de 1992 a população coloriu a avenida de verde e amarelo para exigir a renúncia do funesto Fernando Collor, presidente de péssimas recordações, na

manifestação conhecida como dos “caras-pintadas”, com a participação de milhares de estudantes.

Evidentemente, não faltam as passeatas, um espetáculo à parte na Paulista, protagonizado por representantes de diversas categorias profissionais que invadem a avenida para protestar e exigir melhores condições de vida e salários mais justos.

Por agrupar diversos espaços destinados à divulgação e exposição da arte brasileira e internacional, a mais paulistana das avenidas também se tornou o principal pólo cultural da cidade, que reúne, além do Masp, atualmente um museu reconhecido internacionalmente – onde, aos domingos, também é instalada a principal feira de antigüidades da cidade –, a Casa das Rosas, o Itaú Cultural, a galeria da Fiesp e outros. Além disso, importantes obras de arte podem ser admiradas em painéis e esculturas que adornam as fachadas e as entradas de muitos edifícios da avenida.

Foi uma grande mudança, desde que o antigo Caminho da Real Grandeza tornou-se a poderosa Avenida Paulista. Ela já foi chamada de “Boca de mil dentes” por Mário de Andrade, de “Manhattan” ou “Champs-Élysées” por visitantes estrangeiros, e recentemente de “Wall Street” por concentrar os principais bancos do país.

O sonho de José Tjurs foi concretizado. Hoje, a Paulista pode ser considerada a Quinta Avenida de São Paulo.





SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA.
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado

84

Do

Número

Ano

Rubrica

DO GP
ENCOMENDADOJ, PARA APROVAÇÃO DO
CONSELHO, PARCELA DESTA JTER
ENVIARÁVEL AO TOMBAMENTO DO
"CONJUNTO NACIONAL" A AV. PAULISTA, 273.
ESTA O PRESENTE DEVIDAMENTE INSTRUIDO
E O TRABALHO INCLUI A DEFINIÇÃO
CLARA DO OBJETO DE TOMBAMENTO
E SUA RESPECTIVA ÁREA ENVOLVIDA.

14/01/04



Processo nº 42666/01

Interessado: FLÁVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

Assunto: Estudo de Tombamento do Conjunto Nacional, sito à avenida Paulista nº 2073–
Capital.

Assumo o relatório do presente processo, não só por se tratar de feito de tramitação já concluída neste órgão, estando exaustivamente instruído, como tendo em vista a manifestação esclarecedora do STCR ao correr dos autos, explicitando, como razões de voto, o que segue abaixo.

Este processo teve início com o Guichê nº 793/01, visando o estudo de tombamento do edifício do Conjunto Nacional, nesta Capital, edificação que assinala o momento de verticalização da avenida Paulista e, como anota o proponente do estudo, serve para refletir a evolução da arquitetura paulistana, como exemplar das mais diversas linguagens aqui produzidas. Após suficiente instrução, foi o expediente convertido em processo de estudo de tombamento, sob o número de ordem epigrafado. Trata-se a edificação de obra concebida pelo Arqº David Libeskind e trouxe, com sua implantação, rápida valorização imobiliária para a avenida Paulista. Segundo nossos levantamentos técnicos, o acerto da original concepção arquitetônica do sistema de galerias do térreo e as atividades comerciais que ali se desenvolveram foram fatores que estimularam outras ocupações do mesmo gênero na avenida.

Em cuidadosos estudos que se colecionaram nestes autos, vai narrada a história expressiva do Conjunto Nacional na vida paulistana, marcante na vida cultural do nosso estado, ao ponto de converter-se em ponto de referência urbano-paisagístico, verdadeiro cartão postal da Capital de São Paulo.

Farto material elucidativo instrui o processo, inclusive demonstrando a situação atual do edifício, recuperado de algumas interferências nocivas que sofreu ao longo de sua existência e em perfeito estado de conservação, para abrigar as múltiplas atividades que nele se desenvolvem. A manifestação do STCR às fls. é no sentido de que existem nos autos subsídios bastantes para que este E. Conselho venha a praticar a proposta de tombamento do edifício, o que acompanho, sendo este o meu voto que submeto aos Senhores Conselheiros.

GP., em 14 de janeiro de 2004.


José Roberto F. Melhem - Presidente



Do Processo CONDEPHAAT	Número 42.666	Ano 01	Rubrica
---------------------------	------------------	-----------	---------

Int.: FLÁVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

Ass.: Estudo de tombamento do Conjunto Nacional situado na Av. Paulista nº 2073 - Capital

SÍNTESE DE DECISÃO DO EGRÉGIO COLEGIADO
SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DE 14 DE JANEIRO DE 2004

O Egrégio Colegiado deliberou aprovar o tombamento do Conjunto Nacional situado na Av. Paulista nº 2076, nesta Capital.

1. Ao GP para providenciar publicação no DOE e encaminhar notificação aos interessados e autoridades competentes, aguardando-se o prazo regimental de 15 dias para contestação;
2. Em caso negativo, encaminhar os autos ao STCR para elaboração da minuta da Resolução de Tombamento.

GP/CONDEPHAAT, 14 de janeiro de 2004

JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio
Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do
Estado.

SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

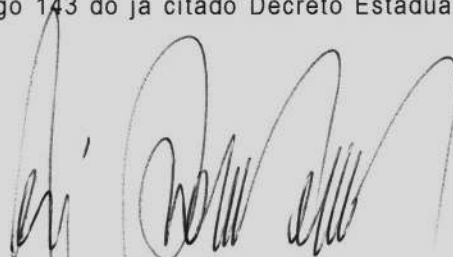
Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de
São Paulo – CONDEPHAAT

NOTIFICAÇÃO

De acordo com o que dispõe o artigo 142 do Decreto 13.426, de 16.03.79, notificamos a todos os interessados que o Egrégio Colegiado do CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado – em sua sessão extraordinária de 14 de janeiro de 2004, deliberou aprovar o parecer do Relator, favorável ao tombamento do Conjunto Nacional, localizado à Av. Paulista nº 2076, nesta Capital.

Nos termos do parágrafo único do já citado artigo 142 e do artigo 146 do mesmo Decreto, a deliberação ordenando o tombamento ou a abertura do processo de tombamento assegura, desde logo, a preservação do bem até decisão final da autoridade competente, ficando, portanto, proibida qualquer intervenção que possa vir a descaracterizar a referida área, sem prévia autorização do CONDEPHAAT, além de poder ser punido o descumprimento do acima disposto com as sanções penais previstas no artigo 63 da Lei Federal nº 9605, de 12.12.1998.

Estabeleça-se o prazo de 15 dias para apresentação de eventual contestação, conforme disposto no artigo 143 do já citado Decreto Estadual, contados a partir do recebimento da notificação.



Roberto F. Melhem
Presidente
Condephaat

PUBLICADO
D.O.E 05/02/04
SEÇÃO I PAG. 51

Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo - CONDEPHAAT

De acordo com o que dispõe o artigo 142 do Decreto 13.426, de 16.03.79, notificamos a todos os interessados que o Egrégio Colegiado do CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado - em sua sessão extraordinária de 14 de janeiro de 2004, deliberou aprovar o parecer do Relator, favorável ao tombamento do Conjunto Nacional, localizado à Av. Paulista nº 2076, nesta Capital.

Nos termos do parágrafo único do já citado artigo 142 e do artigo 146 do mesmo Decreto, a deliberação ordenando o tombamento ou a abertura do processo de tombamento assegura, desde logo, a preservação do bem até decisão final da autoridade competente, ficando, portanto, proibida qualquer intervenção que possa vir a descaracterizar a referida área, sem prévia autorização do CONDEPHAAT, além de poder ser punido o descumprimento do acima disposto com as sanções penais previstas no artigo 63 da Lei Federal nº 9605, de 12.12.1998.

Estabeleça-se o prazo de 15 dias para apresentação de eventual contestação, conforme disposto no artigo 143 do já citado Decreto Estadual, contados a partir do recebimento da notificação.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado.
Rua Mauá nº 51 - 2º andar - Bairro Luz - São Paulo - SP
Cep: 01028-900
Tel: 3351.8002

89
**SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA**

Ofício GP-213/04
Processo 42.666/01

São Paulo, 06 de fevereiro de 2004.

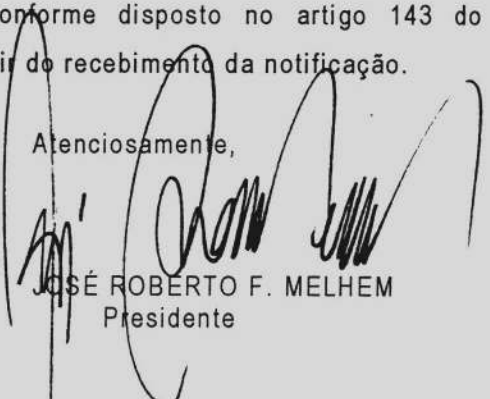
Prezada Senhora,

Vimos através deste notificar Vossa Senhoria que em sua sessão extraordinária de 14 de janeiro, o Egrégio Colegiado do CONDEPHAAT deliberou aprovar o parecer do Relator, favorável ao tombamento do Conjunto Nacional, localizado à Av. Paulista nº 2076, nesta Capital, solicitando notificar todos os condôminos do Edifício.

Cumpre-nos também informar que o referido bem cultural tem assegurada sua preservação, conforme reza o artigo 142, parágrafo único, e 146 do Decreto Estadual 13.426, de 16.03.79. O eventual infrator do mencionado dispositivo incorrerá nas sanções previstas no artigo 63 da Lei Federal nº 9605, de 12.12.1998. Como conseqüência, qualquer intervenção no aludido bem deverá ser precedida de autorização deste CONDEPHAAT a fim de evitar eventual descaracterização.

Estabeleça-se o prazo de 15 dias para apresentação de eventual contestação, conforme disposto no artigo 143 do já citado Decreto Estadual, contados a partir do recebimento da notificação.

Atenciosamente,



JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhora
Dr.ª WILMA PERAMEZZA
Sindica do Conjunto Nacional
Av. Paulista, 2073
CAPITAL
01311-300

/emws.-



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado.
Rua Mauá nº 51 - 2º andar - Bairro Luz - São Paulo - SP
Cep: 01028-900
Tel: 3351.8002

SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

Ofício GP-214/04
Processo 42.666/01

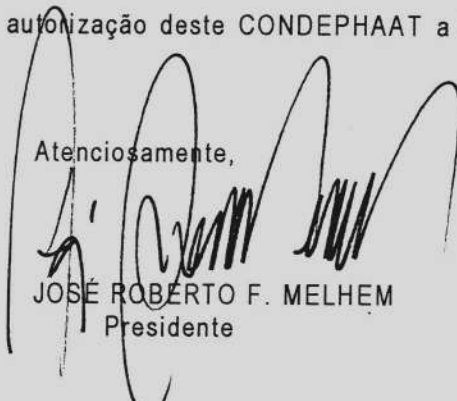
São Paulo, 06 de fevereiro de 2004.

Prezada Senhora,

Vimos através deste notificar Vossa Senhoria que em sua sessão extraordinária de 14 de janeiro, o Egrégio Colegiado do CONDEPHAAT deliberou aprovar o parecer do Relator, favorável ao tombamento do Conjunto Nacional, localizado à Av. Paulista nº 2076, nesta Capital.

Cumpre-nos também informar que o referido bem cultural tem assegurada sua preservação, conforme reza o artigo 142, parágrafo único, e 146 do Decreto Estadual 13.426, de 16.03.79. O eventual infrator do mencionado dispositivo incorrerá nas sanções previstas no artigo 63 da Lei Federal nº 9605, de 12.12.1998. Como conseqüência, qualquer intervenção no aludido bem deverá ser precedida de autorização deste CONDEPHAAT a fim de evitar eventual descaracterização.

Atenciosamente,



JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhora
Dr.ª ELISABETE SATO
DD. Delegada Titular da 78ª Delegacia de Polícia
Rua Estados Unidos nº 1608
CAPITAL
01427-002

/emws.-



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado.
Rua Mauá nº 51 - 2º andar - Bairro Luz - São Paulo - SP
Cep: 01028-900
Tel: 3351.8002

95
SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

Ofício GP-215/04
Processo 42.666/01

São Paulo, 06 de fevereiro de 2004.

Prezado Senhor,

Vimos através deste informar Vossa Senhoria que em sua sessão extraordinária de 14 de janeiro, o Egrégio Colegiado do CONDEPHAAT deliberou aprovar o parecer do Relator, favorável ao tombamento do Conjunto Nacional, localizado à Av. Paulista nº 2076, nesta Capital.

Cumpre-nos também informar que o referido bem cultural tem assegurado sua preservação, conforme reza o artigo 142, parágrafo único, e 146 do Decreto Estadual 13.426, de 16.03.79. O eventual infrator do mencionado dispositivo incorrerá nas sanções previstas no artigo 63 da Lei Federal nº 9605, de 12.12.1998. Como consequência, qualquer intervenção no aludido bem deverá ser precedida de autorização deste CONDEPHAAT a fim de evitar eventual descaracterização.

Atenciosamente,



JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhor
Arq. DAVID LIBERSKIND
Rua Itapicuru nº 195
CAPITAL
01427-002

/emws.-



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado.

Rua Mauá nº 51 - 2º andar - Bairro Luz - São Paulo - SP

Cep: 01028-900

Tel: 3351.8002

92
SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

Ofício GP-216/04
Processo 42.666/01

São Paulo, 06 de fevereiro de 2004.

Prezada Senhora,

Vimos através deste notificar Vossa Senhoria que em sua sessão extraordinária de 14 de janeiro, o Egrégio Colegiado do CONDEPHAAT deliberou aprovar o parecer do Relator, favorável ao tombamento do Conjunto Nacional, localizado à Av. Paulista nº 2076, nesta Capital.

Cumpre-nos também informar que o referido bem cultural tem assegurada sua preservação, conforme reza o artigo 142, parágrafo único, e 146 do Decreto Estadual 13.426, de 16.03.79. O eventual infrator do mencionado dispositivo incorrerá nas sanções previstas no artigo 63 da Lei Federal nº 9605, de 12.12.1998. Como consequência, qualquer intervenção no aludido bem deverá ser precedida de autorização deste CONDEPHAAT a fim de evitar eventual descaracterização.

Atenciosamente,

JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhora
Dr.ª BEATRIZ PARDI
DD. Subprefeita de Pinheiros
Av. Prof. Frederico Hermann Júnior nº 199
CAPITAL
05459-010

/emws.-



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado.
Rua Mauá nº 51 - 2º andar - Bairro Luz - São Paulo - SP
Cep: 01028-900
Tel: 3351.8002

93
**SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA**

Ofício GP-217/04
Processo 42.666/01

São Paulo, 06 de fevereiro de 2004.

Prezado Senhor,

Vimos através deste informar Vossa Senhoria que em sua sessão extraordinária de 14 de janeiro, o Egrégio Colegiado do CONDEPHAAT deliberou aprovar o parecer Relator, favorável ao tombamento do Conjunto Nacional, localizado à Av. Paulista nº 2076, nesta Capital.

Cumpre-nos também informar que o referido bem cultural tem assegurada sua preservação, conforme reza o artigo 142, parágrafo único, e 146 do Decreto Estadual 13.426, de 16.03.79. O eventual infrator do mencionado dispositivo incorrerá nas sanções previstas no artigo 63 da Lei Federal nº 9605, de 12.12.1998. Como consequência, qualquer intervenção no aludido bem deverá ser precedida de autorização deste CONDEPHAAT a fim de evitar eventual descaracterização.

Atenciosamente,

JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhor
FERNANDO MARTINELLI
DD. Presidente do CONPRES
Av. São João, 473
CAPITAL
01035-000

/emws.-



**SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado**

94

Do <i>Processo</i>	Número <i>42.666</i>	Ano <i>04</i>	Rubrica
-----------------------	-------------------------	------------------	---------

DESTINATÁRIO DO OBJETO / DESTINATAIRE			
NOME OU RAZÃO SOCIAL DO DESTINATÁRIO DO OBJETO / NOM OU RAISON SOCIALE DU DESTINATAIRE			
<i>ARQ. DAVID LIBERSKIND</i>			
ENDEREÇO / ADRESSE			
<i>RUA ITAPICURU Nº 195</i>			
CEP / CODE POSTAL	CIDADE / LOCALITÉ	UF	PAÍS / PAYS
<i>05427-002</i>	<i>SÃO PAULO</i>	<i>SP</i>	
DECLARAÇÃO DE CONTEÚDO (SUJEITO A VERIFICAÇÃO) / DISCRIMINATION			
<i>Ofício BR-255/04 Proc 42.666/01</i>			
O OBJETO FOI DEVIDAMENTE / L'ENVOI A ÉTÉ DUMENT		DATA DE RECEBIMENTO	CARIMBO DE ENTREGA UNIDADE DE DESTINO BUREAU DE DESTINATION
<input checked="" type="checkbox"/> ENTREGUE / REMIS <input type="checkbox"/> PAGO / PAYÉ		<i>11/03/04</i>	
ASSINATURA DO RECEBEDOR / SIGNATURE DU DESTINATAIRE			
<i>[Signature]</i>			
Nº DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO DO RECEBEDOR	RUBRICA E MAT. DO EMPREGADO / SIGNATURE DE L'AGENT		
	<i>(89205711)</i>		
VEJA, DO OUTRO LADO, O ENDEREÇO PARA DEVOUÇÃO DESTE AR.			



75240203-0 * 7 5 2 4 0 2 0 3 - 0 * FC0463 / 16 114 x 186 mm

DESTINATÁRIO DO OBJETO / DESTINATAIRE			
NOME OU RAZÃO SOCIAL DO DESTINATÁRIO DO OBJETO / NOM OU RAISON SOCIALE DU DESTINATAIRE			
<i>DR.^a ELISABETTE SATO</i>			
ENDEREÇO / ADRESSE			
<i>RUA ESTADOS UNIDOS, 1608</i>			
CEP / CODE POSTAL	CIDADE / LOCALITÉ	UF	PAÍS / PAYS
<i>05427-002</i>	<i>SÃO PAULO</i>	<i>SP</i>	
DECLARAÇÃO DE CONTEÚDO (SUJEITO A VERIFICAÇÃO) / DISCRIMINATION			
<i>Ofício BR-254/04 Proc. 42.666/01</i>			
O OBJETO FOI DEVIDAMENTE / L'ENVOI A ÉTÉ DUMENT		DATA DE RECEBIMENTO	CARIMBO DE ENTREGA UNIDADE DE DESTINO BUREAU DE DESTINATION
<input type="checkbox"/> ENTREGUE / REMIS <input type="checkbox"/> PAGO / PAYÉ		<i>9 03 04</i>	
ASSINATURA DO RECEBEDOR / SIGNATURE DU DESTINATAIRE			
<i>[Signature]</i>			
Nº DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO DO RECEBEDOR	RUBRICA E MAT. DO EMPREGADO / SIGNATURE DE L'AGENT		
	<i>[Rubric]</i>		
VEJA, DO OUTRO LADO, O ENDEREÇO PARA DEVOUÇÃO DESTE AR.			



75240203-0 * 7 5 2 4 0 2 0 3 - 0 * FC0463 / 16 114 x 186 mm



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado

95

Do Processo	Número 42.666	Ano 04	Rubrica
----------------	------------------	-----------	---------

DESTINATÁRIO DO OBJETO / DESTINATAIRE			
NOME OU RAZÃO SOCIAL DO DESTINATÁRIO DO OBJETO / NOM OU RAISON SOCIALE DU DESTINATAIRE			
DR ^a WILMA PERAMEZZA			
ENDEREÇO / ADRESSE			
AV. PAULISTA, 2073			
CEP / CODE POSTAL	CIDADE / LOCALITÉ	UF	PAIS / PAYS
05388-300	SÃO PAULO	SP	
DECLARAÇÃO DE CONTEÚDO (SUJEITO A VERIFICAÇÃO) / DISCRIMINATION			
Ofício GP-253/04 Proc. 42.666/04			
O OBJETO FOI DEVIDAMENTE / L'ENVOI A ÉTÉ DUMENT		DATA DE RECEBIMENTO	CARIMBO DE ENTREGA UNIDADE DE DESTINO BUREAU DE DESTINATION
<input checked="" type="checkbox"/> ENTREGUE / REMIS <input type="checkbox"/> PAGO / PAYÉ		09/03/04	
ASSINATURA DO RECEBEDOR / SIGNATURE DU DESTINATAIRE			
Conf. Nacional José Manoel Gonçalves Sup. Expedição			
Nº DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO DO RECEBEDOR	RUBRICA E MAT. DO EMPREGADO / SIGNATURE DE L'AGENT		
	Ferreira 8913515-3		
VEJA, DO OUTRO LADO, O ENDEREÇO PARA DEVOUÇÃO DESSE AR.			



75240203-0

FC0463 / 16

114 x 186 mm

DESTINATÁRIO DO OBJETO / DESTINATAIRE			
NOME OU RAZÃO SOCIAL DO DESTINATÁRIO DO OBJETO / NOM OU RAISON SOCIALE DU DESTINATAIRE			
BEATRIZ PARDI			
ENDEREÇO / ADRESSE			
AV. PROF. FREDERICO HERMANN JÚNIOR, 199			
CEP / CODE POSTAL	CIDADE / LOCALITÉ	UF	PAIS / PAYS
05459-090	SÃO PAULO	SP	
DECLARAÇÃO DE CONTEÚDO (SUJEITO A VERIFICAÇÃO) / DISCRIMINATION			
Ofício GP-256/04 Proc. 42.666/04			
O OBJETO FOI DEVIDAMENTE / L'ENVOI A ÉTÉ DUMENT		DATA DE RECEBIMENTO	CARIMBO DE ENTREGA UNIDADE DE DESTINO BUREAU DE DESTINATION
<input type="checkbox"/> ENTREGUE / REMIS <input type="checkbox"/> PAGO / PAYÉ		09/03	
ASSINATURA DO RECEBEDOR / SIGNATURE DU DESTINATAIRE			
Maulela T. Campos			
Nº DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO DO RECEBEDOR	RUBRICA E MAT. DO EMPREGADO / SIGNATURE DE L'AGENT		
	Ailton 8919365		
VEJA, DO OUTRO LADO, O ENDEREÇO PARA DEVOUÇÃO DESSE AR.			



75240203-0

FC0463 / 16

114 x 186 mm



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado

03

Do Processo	Número 42.666	Ano 03	Rubrica
----------------	------------------	-----------	---------

DESTINATÁRIO DO OBJETO / DESTINATAIRE			
NOME OU RAZÃO SOCIAL DO DESTINATÁRIO DO OBJETO / NOM OU RAISON SOCIALE DU DESTINATAIRE			
FERNANDO MARTINELLI			
ENDEREÇO / ADRESSE			
AV. SÃO JOÃO, 473			
CEP / CODE POSTAL	CIDADE / LOCALITÉ	UF	PAÍS / PAYS
01035-000	SÃO PAULO	SP	
DECLARAÇÃO DE CONTEÚDO (SUJEITO A VERIFICAÇÃO) / DISCRIMINATION			
Ofício GP-25764 Proc. 42.666/03			
O OBJETO FOI DEVIDAMENTE / L'ENVOI A ÉTÉ DUMENT		DATA DE RECEBIMENTO	CARIMBO DE ENTREGA UNIDADE DE DESTINO BUREAU DE DESTINATION
<input type="checkbox"/> ENTREGUE / REMIS	<input type="checkbox"/> PAGO / PAYÉ	09 MAR 2004	
ASSINATURA DO RECEBEDOR / SIGNATURE DU DESTINATAIRE			
Nº DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO DO RECEBEDOR	RUBRICA E MAT. DO EMPREGADO / SIGNATURE DE L'AGENT		
	 Mat. 85005464		
VEJA, DO OUTRO LADO, O ENDEREÇO PARA DEVOLUÇÃO DESTE AR.			



75240203-0

* 7 5 2 4 0 2 0 3 - 0 *

FC0463 / 16

114 x 186 mm



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

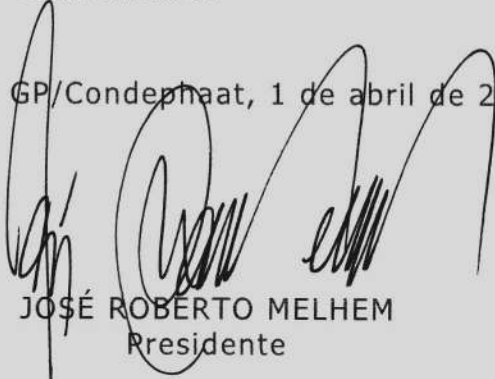
Do Processo Condephaat	Número 42.666	Ano 2001	Rubrica
---------------------------	------------------	-------------	---------

INT.: FLAVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

ASS.: Estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista nº 2073 – Capital.

Ao STCR para elaboração da minuta da Resolução de Tombamento.

GP/Condephaat, 1 de abril de 2004.



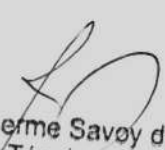
JOSÉ ROBERTO MELHEM
Presidente

Ao arquiteto F. MARQUES

Para manifestação 892 DMG TO

STCR, 22/04/04

/fcsm.,



José Guilherme Savoy de Castro
Diretor Técnico do STCR
CREA 17.518/D - SP

Retificação do D.O. de 5-2-2004
Onde se lê: Av. Paulista nº 2076, leia-se: Av. Paulista nº
2073.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado.

Rua Mauá nº 51 - 3º andar - Bairro Luz - São Paulo - SP

Cep: 01028-900

Tel: 3351.8002

e-mail: condephaat@cultura.sp.gov.br

SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

99

Ofício GP-2246/04
Processo 42.666/01

São Paulo, 24 de agosto de 2004.

Prezada Senhora,

Vimos por meio deste retificar os termos do nosso Ofício GP-213/04,
que notificou o tombamento do Conjunto Nacional, nos seguintes termos:

Onde se lê: "Av. Paulista nº 2076"

Leia-se: "Av. Paulista nº 2073"

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,


JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhora
WILMA PERAMEZZA
Síndica do Conjunto Nacional
Av. Paulista, 2073
CAPITAL
01311-300

/emws.-



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado.

Rua Mauá nº 51 - 3º andar - Bairro Luz - São Paulo - SP

Cep: 01028-900

Tel: 3351.8002

e-mail: condephaat@cultura.sp.gov.br

SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

100

Ofício GP-2247/04
Processo 42.666/01

São Paulo, 24 de agosto de 2004.

Prezada Senhora,


Vimos por meio deste retificar os termos do nosso Ofício GP-214/04,
que notificou o tombamento do Conjunto Nacional, nos seguintes termos:

Onde se lê: "Av. Paulista nº 2076"

Leia-se: "Av. Paulista nº 2073"

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,


JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhora
Dr.ª ELISABETE SATO
DD. Delegacia Titular da 78ª Delegacia de Polícia
Rua Estados Unidos nº 1608
CAPITAL
01427-002

/emws.-



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado.

Rua Mauá nº 51 - 3º andar - Bairro Luz - São Paulo - SP

Cep: 01028-900

Tel: 3351.8002

e-mail: condephaat@cultura.sp.gov.br

**SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA**

101

Ofício GP-2248/04
Processo 42.666/01

São Paulo, 24 de agosto de 2004.

Prezado Senhor,

Vimos por meio deste retificar os termos do nosso Ofício GP-215/04,
que informou o tombamento do Conjunto Nacional, nos seguintes termos:

Onde se lê: "Av. Paulista nº 2076"

Leia-se: "Av. Paulista nº 2073"

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,


p/ JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhor
DAVID LIBERSKIND
Rua Itapicuru, 195
CAPITAL
01427-002

/emws.-



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado.
Rua Mauá nº 51 - 3º andar - Bairro Luz - São Paulo - SP
Cep: 01028-900
Tel: 3351.8002
e-mail: condephaat@cultura.sp.gov.br

**SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA**

102

Ofício GP-2249/04
Processo 42.666/01

São Paulo, 24 de agosto de 2004.

Prezada Senhora,

Vimos por meio deste retificar os termos do nosso Ofício GP-216/04,
que notificou o tombamento do Conjunto Nacional, nos seguintes termos:

Onde se lê: "Av. Paulista nº 2076"

Leia-se: "Av. Paulista nº 2073"

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,


JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhora
BEATRIZ PARDI
DD. Sub Prefeita de Pinheiros
Av. Prof. Frederico Hermann Júnior nº 199
CAPITAL
05459-010

Jemws.-



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado.

Rua Mauá nº 51 - 3º andar - Bairro Luz - São Paulo - SP

Cep: 01028-900

Tel: 3351.8002

e-mail: condephaat@cultura.sp.gov.br

SECRETARIA

DE ESTADO

DA CULTURA

103

Ofício GP-2250/04
Processo 42.666/01

São Paulo, 24 de agosto de 2004.

Prezado Senhor,


Vimos por meio deste retificar os termos do nosso Ofício GP-217/04,
que informou o tombamento do Conjunto Nacional, nos seguintes termos:

Onde se lê: "Av. Paulista nº 2076"

Leia-se: "Av. Paulista nº 2073"

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,


JOSE ROBERTO F. MELHEM
Presidente

Senhor
FERNANDO MARTINELLI
DD. Presidente do CONPRES
Av. São João nº 473
CAPITAL
01035-000

/emws.-



104

Do Processo Condephaat	Número 42.666	Ano 01	Rubrica
---------------------------	------------------	-----------	---------

INT.: FLAVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

ASS.: Estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista nº 2073 – Capital.

Encaminhe-se os presentes autos ao STCR para atendimento ao despacho às fls. 97.

GP/Condephaat, 31 de agosto de 2004.



JOSÉ ROBERTO MELHEM
Presidente



/fcsm.,

Ao arquiteto F. Moraes

Para STC-DIMG-0
02 03 04


José Guilherme Sáez de Castro
Diretor Técnico do STCR
C/EA 17.510/D - SP


A Diretoria Técnica.

Encaminho para
seguir-se entre outros
a minuta da Resolução
de Tombamento do Edifício
Conjunto Vacinal, conforme
despacho da Presidência à
página verso.

STWZ, 14. outubro. 2004.

Hausmann
arquiteto.

PO GP
CONFORME SOLICITAÇÃO
fls. 97
28/10/04


José Carlos Castro
Diretor Técnico STWZ
CRZM 17.518/0-2F



108

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado

Do P. Condephaat	Número 42.666	Ano 01	Rubrica
---------------------	------------------	-----------	---------

Interessado: Flávio Moraes

Assunto: - Estudo de tombamento do Conjunto Nacional

Resolução SC- , de ___/___/___

Dispõe sobre o tombamento do Edifício do Conjunto Nacional – São Paulo.

A Secretária da Cultura nos termos do Artigo 1º do decreto nº 149, de 15 de agosto de 1969 e do Decreto 13.426, de 16 de março de 1979, cujos artigos 19 e 187 do Decreto 20.955 de 1º de julho de 1983, exceto o artigo 137 cuja redação foi alterada pelo Decreto 48.137, de 07 de outubro de 2003, resolve:

Artigo 1º - Fica tombado como bem cultural de interesse histórico, arquitetônico e artístico o edifício do Conjunto Nacional localizado na Avenida Paulista 2073, na cidade de São Paulo, capital.

Considerado uma antevisão dos “shopping-centers” atualmente espalhados pela cidade, constitui-se o edifício do Conjunto Nacional um dos mais significativos exemplares da arquitetura moderna em São Paulo.

Construído pelo empresário de rede hoteleira José Tjurs e projetado pelo arquiteto David Libeskind no início dos anos 50 do século passado, o edifício ocupa todo o quarteirão em que está situado, definido pelas ruas Padre João Manoel e Augusta, pela Alameda Santos e a Avenida Paulista.

O edifício tem uma configuração arquitetônica estruturada basicamente em dois grandes blocos. Um deles, implantado no sentido horizontal, ocupa toda a área disponível do quarteirão e, um outro, vertical, apoiado sobre o primeiro e recuado da Avenida Paulista cerca de 72 metros, dividido em três torres contíguas de 25 pavimentos.

Com o passar dos anos, o edifício do Conjunto Nacional permanece ainda se impondo na paisagem da Avenida Paulista em particular, e uma referência notável à cidade, e caracteriza-se também como um dos edifícios que melhor se adaptaram e souberam se aproveitar do sítio, em decorrência sobretudo do partido arquitetônico adotado que revelou constituir-se absolutamente inigualável até então, pela visão integrada entre arquitetura e urbanismo.

Artigo 2º - O presente tombamento aplica-se a todos os elementos e detalhes arquitetônicos que compõem o edifício do Conjunto Nacional, incluídos todos os espaços que comportam as atividades exercidas voltadas ao seu interior assim como aquelas voltadas ao espaço exterior. Atividades relacionadas com o comércio, serviços, residenciais, culturais, de circulação, administrativas etc...

Artigo 3º - Adota-se como área envoltória de proteção ao Bem Tombado a área definida pelas quadras 67, 69, 77, 78 e 79 do Setor 10 e os lotes com testadas voltadas para a Avenida Paulista das quadras 54, 57 e 99 do mesmo Setor 10, do Mapa Oficial da Cidade (MOC), conforme representação gráfica anexa.

Artigo 4º - Fica o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo, autorizado a inscrever o bem em referência no Livro do Tombo pertinente, para os devidos e legais efeitos.

Artigo 5º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

07

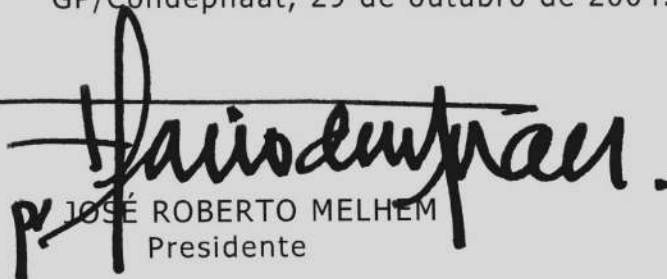
Do Processo Condephaat	Número 42.666	Ano 2001	Rubrica
---------------------------	------------------	-------------	---------

INT.: FLÁVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

ASS.: Estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. paulista nº 2073 – Capital.

Ao Conselheiro Carlos Augusto M. Faggin para manifestação quanto a Minuta da Resolução de Tombamento juntada às fls. 105 e 106.

GP/Condephaat, 29 de outubro de 2004.


p. JOSÉ ROBERTO MELHEM
Presidente

/fcsm.,



Do Processo Condephaat	Número 42.666	Ano 01	Rubrica
---------------------------	------------------	-----------	---------

Ass.: Tombamento do Conjunto Nacional em São Paulo – SP

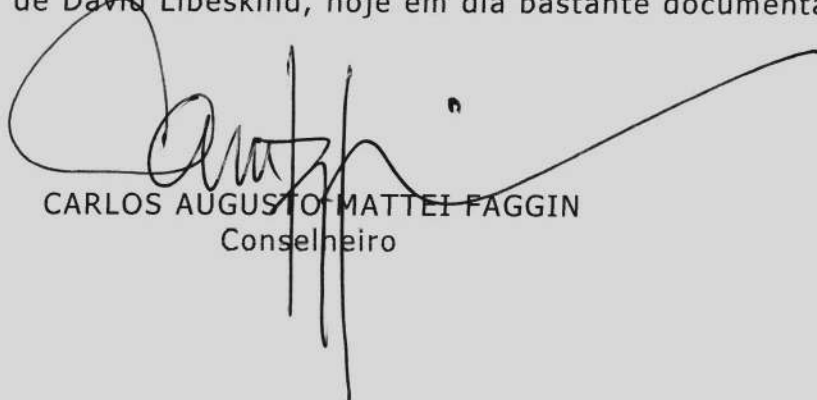
São Paulo. 6 de dezembro de 2004

Senhor Presidente,

Atendo a essa Presidência manifestando-me sobre a Minuta do Decreto de tombamento do Conjunto Nacional, localizado na Avenida Paulista nº 2073 na Capital deste Estado.

Objetivamente, solicitamos a oportuna retirada da cobertura em fibrocimento existente sobre o antigo salão de festas do Fazano, bem como a retirada de quiosques existentes nas ruas internas de pedestres.

Estou de acordo com a Minuta da Resolução de Tombamento constante das fls. 105 deste processo. Ressalto que o edifício atualmente não respeita em muitas situações o projeto original. A meu ver sempre que possível e quanto for necessário intervir, a atual conformação deverá ser remetida para a situação prevista no projeto de David Libeskind, hoje em dia bastante documentado.



CARLOS AUGUSTO MATTEI FAGGIN
Conselheiro



Do Processo CONDEPHAAT	Número 42.666	Ano 01	Rubrica
---------------------------	------------------	-----------	---------

Int.: FLÁVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

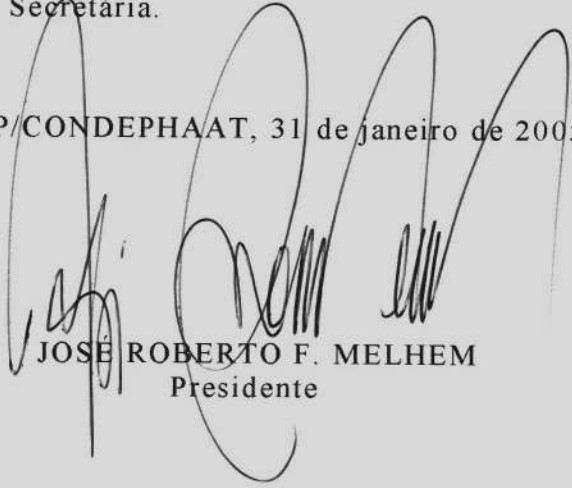
Ass.: Estudo de tombamento do Conjunto Nacional situado na Av. Paulista nº 2073 – Capital

SÍNTESE DE DECISÃO DO EGRÉGIO COLEGIADO
SESSÃO ORDINÁRIA DE 31 DE JANEIRO DE 2005
ATA Nº 1351

O Egrégio Colegiado deliberou aprovar o parecer do Conselheiro Relator, favorável à minuta da Resolução de Tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista nº 2073, nesta Capital.

Ao GP para encaminhamento dos autos à apreciação da Senhora Secretária.

GP/CONDEPHAAT, 31 de janeiro de 2005.


JOSÉ ROBERTO F. MELHEM
Presidente



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio
Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado

SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

Do	Número	Ano	Rubrica
Processo CONDEPHAAT	42.666	01	

INT.: FLÁVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

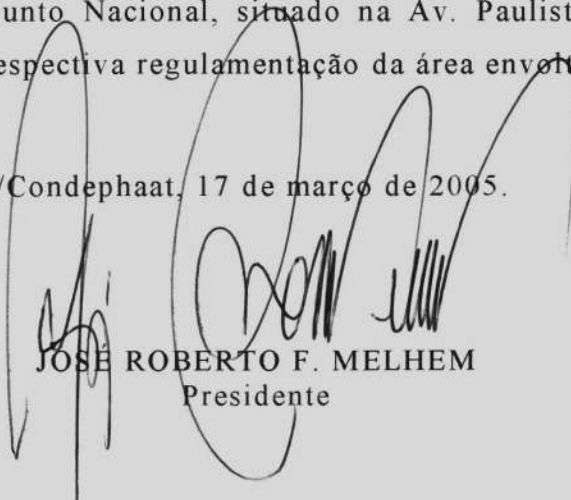
ASS.: Estudo de tombamento do Conjunto Nacional situado na Av. Paulista nº 2073
- Capital

Informação GP-011/05

Exma. Sra.
Dr.^a Cláudia Costin
Secretária de Estado da Cultura

Encaminhamos para apreciação de Vossa Excelência, à fls.
105, minuta do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista nº 2073, nesta
Capital, incluindo a respectiva regulamentação da área envoltória.

GP/Condephaat, 17 de março de 2005.


JOSE ROBERTO F. MELHEM
Presidente

/emws.-

110

Seq. do Expediente Ass.	
Recebido em	29/03/05
As. 16	Horas 00 minutos
Dist. nº	3126



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
GABINETE DA SECRETÁRIA

111
fde:ma

Do	Número 42666	Ano 2001	Rubrica
PROCESSO CONDEPHAAT			

INTERESSADO: FLAVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES.

ASSUNTO: Estudo de Tombamento do Conjunto Nacional, situado na
Av. Paulista nº 2073 – Capital.

Encaminhe-se à douta Consultoria Jurídica, para análise e
manifestação.

C.G., em 29 de março de 2005.


NELSON RAPOSO DE MELLO JÚNIOR
Chefe de Gabinete

fb

CONSULTORIA JURÍDICA
RECEBIDO EM 01/04/05
ÀS 12:00 HORAS

Ruijato

ASSINATURA

CONSULTORIA JURÍDICA
SECRETARIA DA CULTURA

RECEBIDO EM 01/04/05
DISTRIBUÍDO EM 01/04/2005
AO PROCURADOR DO ESTADO

Dra. Rozana

PROCURADOR DO ESTADO
CONSULTORIA

liente e de acordo com a proposta do
CONGEPHAAT de minuta de Resolução de Tombamento
do Edifício do Conjunto Nacional, retornar à
União de Jolite para as providências cabíveis.

CS aos 01/04/05

Rozana Villafra

17

Sigilo de Expediente	Assinatura	JURÍDICA
Recebido em	01/04/05	
Às	15	horas e 00 minutos
Assinatura	<i>Rozana</i>	
Protocolo de exp. n.º	9396/	

Volume 115 - Número 72 - São Paulo, sábado, 18 de abril de 2005

Cultura

GABINETE DA SECRETÁRIA

Resolução SC - 22, de 7-4-2005

Dispõe sobre o tombamento do Edifício do Conjunto Nacional - São Paulo

A Secretária da Cultura nos termos do artigo 1º do Decreto nº 149, de 15 de agosto de 1969 e do Decreto 13.426, de 16 de março de 1979, cujos artigos 19 e 187 do Decreto 20.955 de 1º de julho de 1983, exceto o artigo 137 cuja redação foi alterada pelo Decreto 48.137, de 07 de outubro de 2003; Resolve:

Artigo 1º - Fica tombado como bem cultural de interesse histórico, arquitetônico e artístico o edifício do Conjunto Nacional localizado na Avenida Paulista 2073, na cidade de São Paulo, Capital.

Considerando uma antevisão dos "shopping-centers" atualmente espalhados pela cidade, consiui-se o edifício do Conjunto Nacional um dos mais significativos exemplares da arquitetura moderna em São Paulo.

Construído pelo empresário de rede hoteleira José Tjurs e projetado pelo arquiteto David Libeskind no início dos anos 50 do século passado, o edifício ocupa todo o quarteirão em que está situado, definido pelas ruas Padre João Manoel e Augusta, pela Alameda Santos e a Avenida Paulista.

O edifício tem uma configuração arquitetônica estruturada basicamente em dois grandes blocos. Um deles, implantado no sentido horizontal, ocupa toda área disponível do quarteirão e, um outro, vertical, apoiado sobre o primeiro e recuado da Avenida Paulista cerca de 72 metros, dividido em três torres contínuas de 25 pavimentos.

Com o passar dos anos, o edifício do Conjunto Nacional permanece ainda se impondo na paisagem da Avenida Paulista em particular, e uma referência notável à cidade, e caracteriza-se também como um dos edifícios que melhor se adaptaram e souberam se aproveitar do sítio, em decorrência sobretudo do partido arquitetônico adotado que revelou constituir-se absolutamente inigualável até então, pela visão integrada entre arquitetura e urbanismo.

Artigo 2º - O presente tombamento aplica-se a todos os elementos e detalhes arquitetônicos que compõem o edifício do Conjunto Nacional, incluídos todos os espaços que comportam as atividades exercidas voltadas ao seu interior assim como aquelas voltadas ao espaço exterior. Atividades relacionadas com o comércio, serviços, residenciais, culturais, de circulação, administrativas, etc.

Artigo 3º - Adota-se como área envoltória de proteção ao Bem Tombado a área definida pelas quadras 67, 69, 77, 78 e 79 do Setor 10 e os lotes com testadas voltadas para a Avenida Paulista das quadras 54, 57 e 99 do mesmo Setor, do Mapa Oficial da Cidade (MOC), conforme representação gráfica anexa.

Artigo 4º - Fica o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo - CONDEPHAAT, autorizado a inscrever o bem em referência no Livro de Tombo pertinente, para os devidos e legais efeitos.

Artigo 5º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
GABINETE DA SECRETÁRIA

113
Fidiana

Do	Número	Ano	Rubrica
PROCESSO	42666	2001	

INTERESSADO : FLAVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

ASSUNTO : Estudo de Tombamento do Conjunto Nacional, situado na
Av. Paulista nº 2073 – Capital.

Restitua-se ao Conselho de Defesa do Patrimônio
Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo –
CONDEPHAAT.

AT/GS., em 19 de abril de 2005.

ROBERTA RIBEIRO DA SILVA PASQUALE
Assessora Técnica de Gabinete



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado

114

Do	Número	Ano	Rubrica
Processo	42.666	04	

Ao
STER

Senhor Diretor:

Conforme Resolução SC-22, de
07/04/05 - o artigo 3º faz referência
sobre uma representação gráfica de
área envoltória (quadras do setor 10);
que não foi publicada no D.O.E.

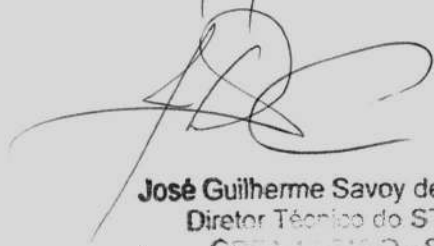
Solicitamos providências, ver
págs. 42.

STA, 07/11/05

Doeka

PO. DR. F. MENDES
p/ COMPLEMENTO Q

10/11/05



José Guilherme Savoy de Castro
Diretor Técnico do STCR
CREA 12.313/D - SP

conforme solicitação de fls 119,
foram desentranhadas as
fls 115 e 116, as quais foram
encartadas no proc. 54040/06.

08/10/10



MARCIA TURSI
Assistente Técnico II



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

115
/X

Do Processo Condephaat	Número 42.666	Ano 01	Rubrica
---------------------------	------------------	-----------	---------

INT.: FLAVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

ASS.: Estudo de tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista, nº 2073 – Capital.

Ao STCR para atender o despacho de Folhas 114 (verso).

GP/Condephaat, 04 de Setembro de 2006.


JOSÉ ROBERTO MELHEM
Presidente

do Sr. Emergentes
P/ PROSECUTU
28/09/06

José Guilherme Savoy de Castro
Técnico do STCR
CREA 17 518/D - SP

/jcc.,

AO GCRBT - Pisala mira
para verificar flr. 114.

 01/10/10

MARCIA TURSI
Assistente Técnico II



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio
Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
UPPH – Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico

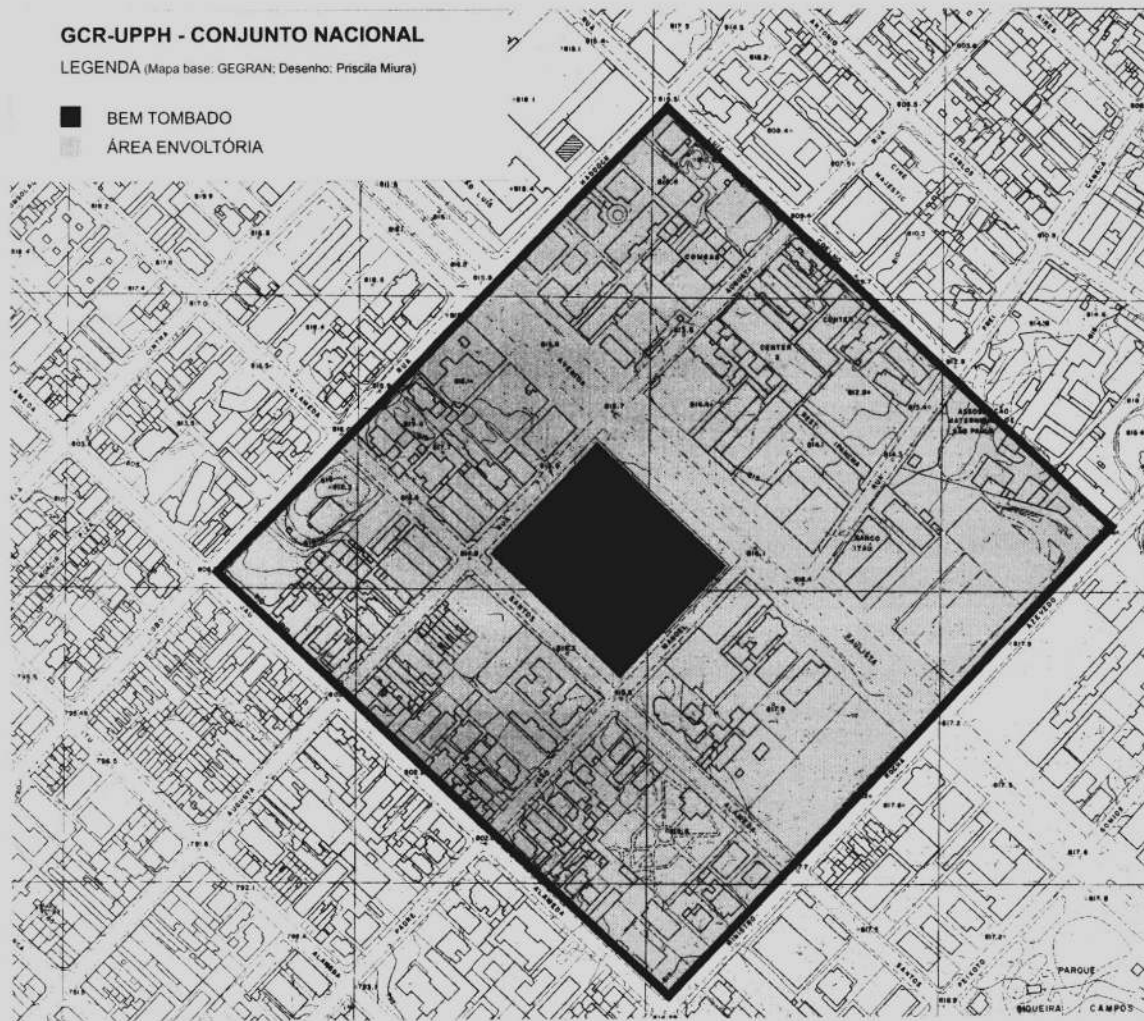
116
[Handwritten signature]

PROCESSO CONDEPHAAT	42666	2001	
---------------------	-------	------	--

À Diretoria,

Conforme solicitação à fl. 114, encaminho representação gráfica a ser incorporada no corpo do texto da Resolução SC-22/05, de 07/04/2005, que se refere ao tombamento do "Conjunto Nacional" e posterior publicação em Diário Oficial.

Solicito, portanto, o encaminhamento ao CAAC para as providências cabíveis.



UPPH-GCR, 08.out.2010.

[Handwritten signature]
Téc. Priscila M. Miura



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio
Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
UPPH – Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico

MZ
~~MA~~

PROCESSO CONDEPHAAT	42666	2001	
---------------------	-------	------	--

Despacho: 5414-2010

Int.: CONDEPHAAT--FLAVIO LUIZ MORAES

ASS.:

1. Ao NAA/ PT, para desentranhar as folhas 115 e 116, encartando-as no processo 54040/ 06, que trata do assunto em questão.
2. À CAAC, para as providências cabíveis, tendo em vista o atendimento da solicitação pela arquiteta Priscila.


UPPH, 08/10/2010

SONIA MANSKI SIMON

Diretora

Centro de Projetos e Obras em Bens Culturais

Solicitações atendidas e renumeradas as
Encaminhe-se ao CAAC. folhas.

 08/10/10

MARCIA TURSI
Assistente Técnico II



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio
Histórico, Arqueológico Artístico e Turístico
UPPH – Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico

118

Do	Número	Ano	Rubrica
Processo Condephaat	42.666	01	

Int.: FLÁVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES


Ass.: Estudo de tombamento do Conjunto Nacional – Capital

Informação CONDEPHAAT – 019/10

À
Assessoria Técnica do Gabinete
Secretaria de Estado da Cultura

Embora o tombamento do Conjunto Nacional seja datado de 2005, verificamos que o mapa indicado no texto da Resolução não foi publicado. Assim, encaminhamos os presentes autos, solicitando providências para publicação do mapa de fls. 116

CONDEPHAAT, 02 de dezembro de 2010.


ROVENA NEGREIROS
Presidente

/emw.-

Assessoria Técnica/Gabinete do Secretário
Recebido em 17 / 10 / 10
As 14 horas 30 minutos
Por [Handwritten Signature]
82785

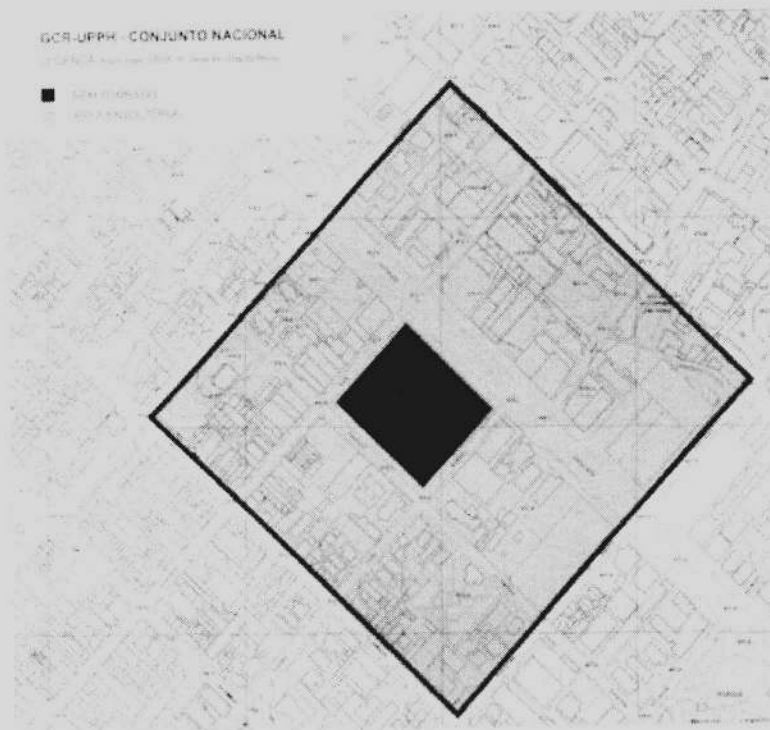
D.O.E de 24/12/2010 – Seção I – Página 44

Processo Condephaat nº 42666/2001

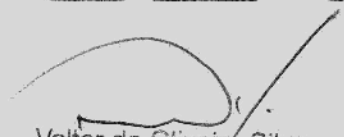
Interessado: Flavio Luiz Marcondes Bueno de Moraes

Assunto : Estudo de Tombamento do Conjunto Nacional, situado na Av. Paulista
2073 - Capital

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico
e Turístico do Estado UPPH – Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico



2 - Cliente, restituam-se os autos ao Coudephcat.
AT/GS, 24 de 12 de 20 10.



Valter de Oliveira Silva
Assessor de Projetos

120



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Guia de Relação Remessa

Emissão: 27/12/2010

Nº Rel. Remessa: 944/2010

De: AT/GS

Para: CONDEPHAAT

Nº Processo: 42666

Ano: 2001

Tipo:

Interessado: FLAVIO LUIZ MARCONDES BUENODEMORAES

Assunto: TOMBAMENTO DO CONJUNTO NACIONAL AVENIDA PAULISTA

Entrada SEC: 17/12/2010

Remetente: AT/GS

Remetido em:

Recebido em: 27/12/10

____/____/____

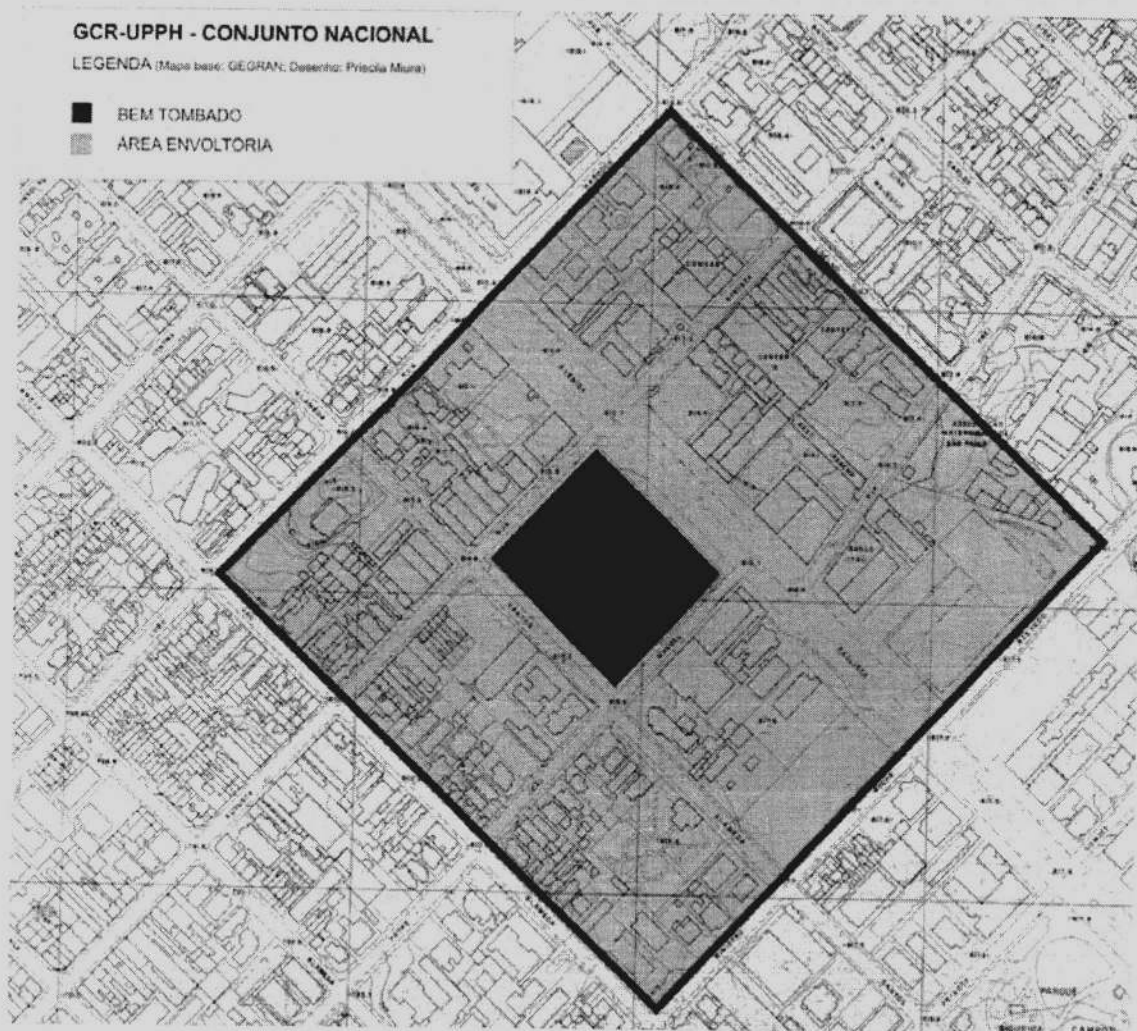
Nome


Assinatura

121
u

D.O.E de 13/01/2011 – Seção I – Página 57

"Mapa anexo à Resolução SC-22, de 07.04.2005, publicada no DOE de 18.04.2005, que dispõe sobre o tombamento do Edifício do Conjunto Nacional São Paulo"



Publicado novamente por ter saído com incorreção.

CONDEPHAAT

PROCESSO N.º 42006/01

Ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
- CONDEPHAAT

Senhor Presidente,
Estão estabelecidas as seguintes características para o processo identificado pelo número acima.

Data de abertura	<u>01.01.02</u>	Técnico responsável	<u>Flávio Moraes</u>
Posse atual da documentação	<u>Olivalde</u>	Setor	<u>GP</u>

Data Prevista para Encerramento	
---------------------------------	--

Processo apensado ao processo n.º		Processo de referência	
-----------------------------------	--	------------------------	--

INTERESSADO

<input checked="" type="checkbox"/> Pessoa Física.	<input type="checkbox"/> Pessoa Jurídica.	<input type="checkbox"/> Poder Público.
Nome	<u>Flávio Luiz M. Bueno de Moraes</u>	
RG / CNPJ	Telef.	CEP
Ender.	Bairro	
Mun.	<u>São Paulo</u>	UF <u>SP</u>

LOCAL

Ender:	<u>Av. Paulista, 2073</u>	
Bairro:	N.º do contribuinte	
Município	<u>São Paulo</u>	Município cód. n.º:

SITUAÇÃO

<input type="checkbox"/> Denúncia	<input type="checkbox"/> Solicitação de regularização	<input type="checkbox"/> Pedido de Certidão.
<input type="checkbox"/> Solicitação de informações	<input checked="" type="checkbox"/> Pedido de tombamento	<input type="checkbox"/> Retorno de informações (inf. Processo)
<input type="checkbox"/> Solicitação de aprovação	<input type="checkbox"/> Pedido de qualificação como Estância	<input type="checkbox"/> Outra
Outra:		

ASSUNTO

<input type="checkbox"/> Projeto	<input type="checkbox"/> Informações Gerais	<input type="checkbox"/> Cartazes/ Painéis/ Anúncios	<input type="checkbox"/> Alteração Ambiental.
<input type="checkbox"/> Obra	<input type="checkbox"/> Reforma	<input type="checkbox"/> Diretrizes	<input type="checkbox"/> Pesquisa Mineral
<input type="checkbox"/> Serviços de Conservação	<input checked="" type="checkbox"/> Tombamento	<input type="checkbox"/> Demolição.	<input type="checkbox"/> Extração Mineral
<input type="checkbox"/> Alteração do Sistema Viário	<input type="checkbox"/> Mudança de Uso	<input type="checkbox"/> Restauração	<input type="checkbox"/> Outro (especificar abaixo)
Outro:			
N.º Processo CADAN (Somente para Cartazes / Painéis / Anúncios)			

OBJETO

<input type="checkbox"/> Área natural.	<input type="checkbox"/> Sítio Arqueológico	<input type="checkbox"/> Área envoltória de Edificação tombada.
<input checked="" type="checkbox"/> Edificação.	<input type="checkbox"/> Bem Móvel.	<input type="checkbox"/> Área envoltória de Núcleo Histórico tombado.
<input type="checkbox"/> Núcleo Histórico.	<input type="checkbox"/> Patrimônio Imaterial	<input type="checkbox"/> Área envoltória de Sítio Arqueológico tombado.
<input type="checkbox"/> Segmento Urbano.	<input type="checkbox"/> Área envoltória de Área Natural tombada	<input type="checkbox"/> Outro.

São Paulo, ___ de ___ de ___

Paulista
Assinatura

GP